



L 15



R0186,567



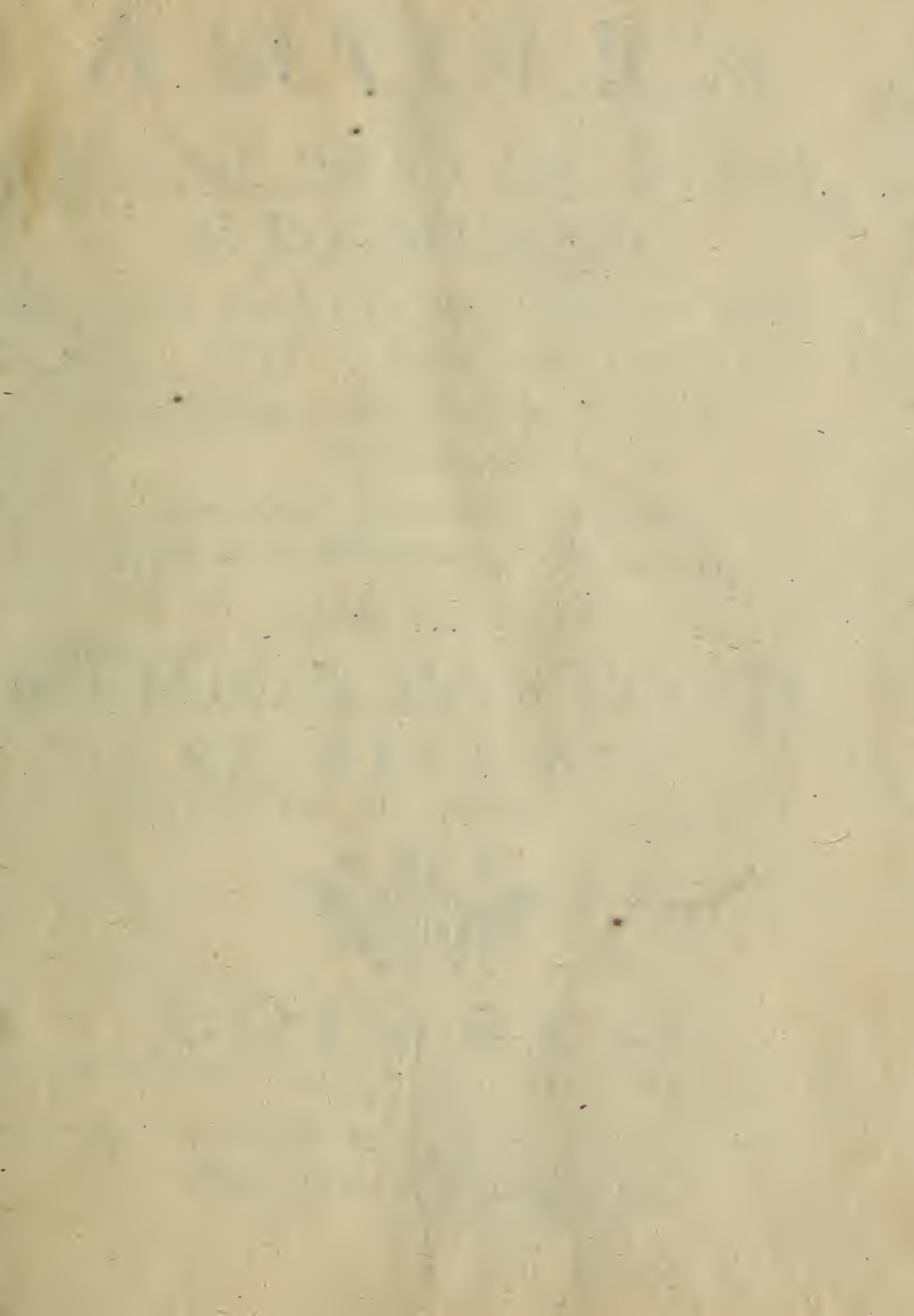
*Presented to the*  
LIBRARY of the  
UNIVERSITY OF TORONTO  
by  
Professor  
Ralph G. Stanton

X9303









1000

# A BUCOLICA

D E

FRANCISCO DE PINA,  
E DE MELLO,

Repartida em dês Eglogas de estylo rustico,  
em que fallaõ, e condemnaõ, com varias  
sentenças, e moralidades, os vicios  
communs,

*Vaqueiros, Seareiros, Pescadores,  
Lavradores, Vinhateiros, e Hortoloens;*

A que se pode chamar

## ETHICA PASTORIL.

QUARTA PARTE

Das Rimas do mesmo Author.



### COIMBRA:

No Real Collegio das Artes da Companhia de JESU, Anno de  
M.DCCLV.

---

*Com as licenças necessarias.*

A BUCOLICA

FRANCESCO DE VIGNA

E DE MELLA

Reg. n. 10000 del 1870 - 1871  
L. 10000 del 1870 - 1871  
L. 10000 del 1870 - 1871

Provincia di ...  
Città di ...

ETHICA PASTORALE

QUARTA PARTE  
Della ...



COLMERA

Ediz. ...

...

*Modicis rebus, longius ævum est,*  
*Felix media quisquis turba*  
*Sorte quietus,*  
*Aurâ stringit littora tutâ,*  
*Timidusque mari credere Cymbam,*  
*Remo terras propiore legit.*

Senec. in Agamemnon.



Medicis vobis, longinqua aequa est,  
Eius medicis possunt vobis  
Sunt quibus,  
Sunt quibus vobis vobis  
Sunt quibus vobis vobis  
Sunt quibus vobis vobis  
Sunt quibus vobis vobis  
Sunt quibus vobis vobis

# A BUCOLICA,

OU

ETHICA PASTORIL

DE

FRANCISCO DE PINA  
E DE MELLO,

Moço Fidalgo da casa de sua Magestade, e Aca-  
demico da Academia Real da Historia.

*QUARTA PARTE DAS SUAS RIMAS*

Egloga I

INTERLOCUTORES.

*Aleixo  
Gonçalo*

*Montano  
Anfriso.*

*Gonç.* Graças a Deos, que a encontrar  
te venho, Aleixo: eu não fei  
em que parte, em que lugar  
tens estado, que busquei  
tudo, sem poder te achar.

*Aleix.* Pouco sabes da ventura;  
e como os enganos tece:  
sempre a coiza mais segura  
nos furta; e logo apparece  
quando menos se procura.

A

Quando

Quando o outro dia andava  
embusca do meu bezerro,  
já perdido o imaginava;  
e vim a achallo por erro  
quando menos o cuidava.

*Gonç.* Na conversação benina  
que tens, com razão repoiza  
quem deseja disciplina;  
porque em fim de qualquer coiza  
tiras logo huma doutrina.

*Aleix.* Essa, amigo, devo aos anos,  
e á minha antiga experiencia;  
se he q̄ a não devo a meos danos;  
que ensina muita prudencia  
a escóla dos defenganos.

Mas se queres ser sizudo,  
não te attenhas ao caltigo,  
que alem de ser de homem rudo,  
quem aprende no perigo  
tem mui arriscado estudo.

A prevenção he ideia  
do sabio, e ao necio he impropria;  
e assim o aviso grangeia  
o necio em cabeça propria,  
o sabio em cabeça alheia.

Mas se tu vens taõ cançado,  
como estás assim? bôfê  
que fui moço; e estou lembrado  
de que nunca estive em pê  
podendo estar assentado.

*Gonç.* Algum sobroço sentia,  
sem conhecello; e de veras  
que contigo me esquecia  
tanto, que se o não differas,  
nem agora o conhecia.

*Aleix.* Pois nesta relva mimosa  
descança desse trabalho;  
e contra a sésta calmosa  
aqui tens este carvalho  
com sombra bem deleitosa.

*Gonç.* Obedeço a teu preceito,  
não por buscar meo descançaço,  
porem só porque sospeito  
que contigo sempre alcanço  
meu coração satisfeito.

*Aleix.* Ora a monteira, e gabaõ  
tira por amor da Calma:  
pratiqueemos, que o risaõ  
tambem diz q̄ he passo d'alma  
a boa conversação.

*Gonç.* Já eu vinha prevenido  
para te dizer hum conto,  
que inda não terás ouvido,  
com que este será o ponto  
da pratica: tem sentido.

*Aleix.* Nessa tentação perigas  
Gonçalo: hũ conto, e huma trova  
te causão grandes fadigas:  
mais queres dar huma nova,  
que comeres humas migas.

*Gonç.* Ja fei que tirando a gente  
de fallar á tua moda  
nunca estás de boamente;  
e não pode a gente toda  
ser taõ sabia, e taõ prudente.

*Aleix.* Tambem com esse desconto  
eu não aprovo que doires  
agora o teu contraponto:  
eu me callo, e antes que estoires  
acaba, e dize o teu conto.

*Gonç.*

*Gonç.* Hontem vinha apastorando  
as vacas, junto ao curral,  
chega Gil, vai se não quando,  
dizme elle, amigo Zagal  
eu estou arrebetando.

Saberás que vindo agora  
junto do nosso ribeiro  
vi passar por elle fora  
hum pastor: tão estrangeiro,  
que o nosso montado ignora.

Depois de me faudar  
me disse: home em terra estranha  
he percizo perguntar:  
dirmehes por onde se ganha  
o caminho do lugar?

Vendo a sua cortezia,  
bom modo, geito, e pessoa  
quize fazerlhe companhia  
que he certo, que a gente boa  
traz na prizença a valia.

E assim lhe disse, essa he a estrada,  
mas o vosso proceder  
em tanta forma me agrada,  
que pretendo agora ser  
vossa guia, e camarada.

Com notavel affeição  
me agradeceo o agasalho,  
afirmando que esta acção  
tinha sido em seu trabalho  
unica consolação.

Trazia hum gabaõ vestido  
de cor, que atirava à ruça  
com huma faxa cingido:  
polainas, e carapuça  
eraõ de hum panno tingido.

De pau preto era o cajado,  
seu coração parecia  
da mesma cor, que o cuidado  
pelos olhos pretendia  
mostrarlo em tão triste estado.

Fomos prosseguindo o giro  
da nossa aldeia, mas quando  
n'alguma occasião me viro  
Se eu o achava soluçando,  
logo afogava o suspiro.

Como o tempo era tão breve,  
e a confiança era poca,  
por mais q̃ a minha ancia esteve  
com a pergunta na boca,  
não quize mostrar que era leve.

Quando chegamos a Aldeia  
tira huma carta que tinha  
no çurraõ: dizme que leia  
o sobreescrito, o qual vinha  
para o Padraõ de Alteia.

Perguntou por seu assento,  
mostrreillo, e apenas o vio,  
muito agradecido e attento  
se apartou, e despedio  
com mui grande offrecimento.

Com q̃ suspirando estou,  
Gonçalo, já por saber  
quem he este, que chegou  
ao nosso monte, e entender  
que busca, e quem o enviou.

Assim disse Gil; e eu  
fiquei com igual dezejo;  
fui lá, tanto me venceu,  
sem olhar, que por sobejo  
me chamariaõ sandeu.



Em casa entrei de Montano  
e logo achei o estrangeiro ;  
não vi pastor mais humano;  
nem mais grave, e prazenteiro,  
nem tão doce, nem tão lhano.

O seu modo de fallar,  
seu agrado, e cortezia,  
sua attenção singular  
he com tanta galhardia,  
que ta não posso explicar

Despedime, e o meu cuidado  
quiz vir logo ter contigo  
a contarte o que hei paliado;  
e eis aqui o conto amigo  
que te havia preparado.

*Aleix.* O Fado, Gonçalo, tem  
hum modo mui desigual;  
+ e assim muitas vezes vem  
a qualquer, hum grande mal,  
quando cuida que está bem.

Esse pastor se acompanha  
de desgraça affás danosa;  
e talvez será tamanha,  
que fosse coiza forçosa  
vir buscar a terra estranha.

Pois estar tão instruido  
nessas partes, isto reza:  
dà cá homem bem nacido,  
com taes dons da natureza,  
que eu to darei perseguido.

Sem embargo que a vontade  
he cega, e faz parecer  
melhor, o que na verdade  
talvez não tem outro ser,  
mais do que ser novidade.

Isto he já comum sabor  
desta ignorancia do povo:  
sempre julga por menor  
o que está tratando; e o novo  
o finge muito melhor.

*Gonç.* Ora tomara que o viras  
por não cuidares que he peça,  
e porque não prefumiras  
que te vinha na cabeça  
meter algumas mentiras.

Mas acolá, se eu bem vejo,  
me parece alcanço agora  
vir dois vultos com despejo:  
quem me dera que elle fora,  
para cumprir meu desejo.

Dito, e feito: elle, e Montano:  
deita tu tambem os olhos;  
enxergas aquelle lhano?  
pois junto áquelles rastolhos:  
eu cuido que não me engano.

*Aleix.* Tenho a vista já cansada,  
vejo ao longe muito mal.

*Gonç.* Vem agora na affomada,  
e Montano por final,  
encostandose a aguilhada.

Já elle nos lubrigou,  
pois hum apupo nos deu.

*Aleix.* e presumo que acenou.  
*Gonç.* he verdade.

*Aleix.* ora es fandeu;  
pois não lhe tornas hum -- Ou?

*Gonç.* Não lho torno, porque temo  
que fuja o gado com outro  
grito; ja eu me apostemo,  
porque do apupo de effoutro  
lá vai a fusea có demo.



Mas a vaca do chocalho  
a vem trazendo ao poufio,  
e elles vem por este atalho,  
por não fugir o armentio,  
buscando o nosso carvalho.

*Mont.* Salve Deos a companhia:  
*Aleix.* elle venha em vossa guarda:  
*Mont.* que bem do mundo sabia  
quem disse, que tanto tarda  
o bêm, como o mal se avia.

Desde esta manhaá teimei  
em buscarte: fui á fonte,  
mato, pasto, e serra andei;  
não ficou valle, nem monte,  
e só á tarde te achei.

*Aleix.* O mesmo passou Gonçalo;  
e se eu cuidara que tinha  
de me vir este regalo,  
não sahira taõ afinha;  
mas quem podia cuidalo?

Porem estranho que tenhas  
tal Pastor na tua choça,  
e que a procurar me venhas,  
trazendo o coitado á roça  
por esses matos, e brenhas.

*Anfr.* Não o culpeis, sem me ouvir,  
que eu fui causa principal  
de eu, e elle vos seguir;  
porque hoje ao meu natural  
não pude em fim resistir.

Tendes tal aceitação  
por vossa idade, e agudeza,  
vosso humano coração,  
que contra a minha estranheza,  
se arrastou a inclinação.

E assim só com este intento  
vos procuro desta forte,  
que sobra o conhecimento,  
para que os homens de porte  
communicem seu talento.

*Aleix.* Da vossa boa chegada  
sabia, e não foi mui cedo;  
pois sempre á forte malvada  
lhe mete a ventura medo,  
para a trazer apreslada.

E tendo já certo aviso  
dos dons, que o Ceo de sobejo  
vos tinha dado, indeciso  
me achei, mas se agora o vejo,  
que o confirme he já preciso.

Mas havendo sempre fido,  
inda o melhor, mais grosseiro  
na vista, que no sentido,  
só em vóz o verdadeiro  
he maior, do que o fingido.

*Anfr.* Deixai lisonjas bom velho,  
porque verdades só gasta  
sabedoria, e conselho,  
e muito menos me basta  
para fazerme vermelho.

*Aleix.* Não estou eu já em anos  
de fingir: do coração  
o digo, e não são enganoso:  
como há de amar a ficção  
quem só sabe defenganos?

Mas deixando a urbanidade  
da primeira vista, digo  
que aqui está a amenidade  
desta sombra, onde comigo  
podeis fartar a vontade.

E se o ser voffo cativo  
ter pode algum valimento,  
dizeinos este motivo,  
que vos traz do patrio asliento  
desterrado, e fugitivo.

*Anfr.* Muito estranho houvesse via  
de faberes meu defeito,  
e mais quando presumia  
que só dentro de meu peito  
he que este mal se sabia.

*Aleix.* Não digo que fei o mal,  
que por isso he que o procuro;  
mas vir ao noífo cazal  
hum tal pastor, conjecturo,  
não ser coiza natural.

E como o mundo esta cheio  
de enganos, e falsidade,  
ca dentro de mim receio  
que huma grande tempestade  
vos lance em terreno alheio.

*Anfr.* Sois discreto, e fois prudente;  
como tal heis discorrido:  
na verdade' estranha gente'  
venho buscar, combatido  
do mais funesto accidente.

E pois não posso negalo,  
he bem vos faça esse goífo,  
inda que o maior abalo  
me há de caufar o desgosto  
de tornar a recordalo.

*Aleix.* Antes tereis menor pena  
nessa paixão duplicada,  
a que o Fado vos condena,  
que a magoa communicada  
diz que se faz mais pequena.

*Anfr.* Isso fora se admitira  
alivio o meu sentimento,  
mas he tanta a sua ira,  
que não difere o tormento  
quando se afoga, ou respira.

Mas como vejo que ganho  
em servirvos tanta gloria,  
ouvi pois meu mal estranho;  
bem que o dizer minha historia  
me custe hum pezar tamanho.

Entre montes, e penhascos  
consultou o Fado esquivo,  
que em anuncio de meus males,  
fosse abortado, ou nacido.

Da incultura dos rochedos  
tirou no influxo maligno  
a indignação de passarem  
os insultos por auxilios.

Confundiraõse os arullos  
com lagrimas, e suspiros,  
pois suprião as exequias  
as pompas do natalicio.

Quem me dava o alento debil  
tinha o alento tão tibio,  
que o gemido derradeiro  
foi meu primeiro gemido.

Triste entrada a hũ mudo infausto,  
pois chegou o meu destino  
a fazerme criminoso,  
sem conhecer o delicto.

Com estrellã taõ funesta  
fui percebendo os vestigios  
daquelle primeiro raio,  
que cegou mais o juizo.

Era todo o meu emprego  
seguir toda a lei do arbitrio,  
e cuido que a liberdade  
foi maior que o alvedrio.

Naõ teve a montanha fera,  
que no inchado frontispicio  
do rudo alvergue, deixasse  
de ser adorno, ou aviso.

Por mais que abrazava a calma,  
por mais que gelava o frio,  
nunca me vi separado  
do Venatorio conflicto.

O duro genio dos montes  
alcançei neste exercicio,  
chegando a formar violencia  
da suavidade do alivio.

Intratavel fui aos ecos  
da doçura, presumindo  
que o racional augmentava  
negandome ao sensitivo.

Era estrondo, nunca acorde  
no meu peito aquelle ruido,  
que o amor ordena em cuidado,  
para acabar em carinho.

Contra os troncos me irritava  
vendo-os taõ agradecidos  
à vil lisofja de hum laço,  
que era o seu maior perigo.

Sem lhe aproveitar o exemplo  
de se achar inda cingido  
das-heras esse penhasco;  
que blazonou de edificio.

Aborrecia o Favonid,  
por ver que o asfopro lascivo  
davã á inquietação dos ramos  
em vez de estalos, deliquios.

Discorria alegremente  
pelos matos mais ariscos,  
se o Euro alterava tanto  
requebro vegetativo.

Gostoso objecto me expunha  
hum furacão atrevido,  
arruinando aquelle adorno,  
que enfeitava o monte altivo.

Entornado pela relva  
via o cofre retrocido,  
sendo no horror de Pomona  
cada estrago hum aforismo.

Nesta aspereza engolfado  
me achava, quando preciso  
me foi saudar do Mondego  
o descanso cristalino.

Naõ mudei de genio, posto  
que mudei de domicilio,  
procurando ser nos campos  
mais estranho, que visinho.



## A Bucolica, ou

Mas ó como tem a forte  
de mui longe prevenido  
esse influxo, que o deleite  
julga sempre por dominio.

Hum dia, que fatigado  
do meu emprego continuo  
me achava, busquei sequioso  
as margens do manso rio.

Alli estive contemplando  
a desgraça de Narciso,  
nunca mais contente, e alheio  
da vingança de Cupido.

Quando erguendo acaço os olhos  
(ó infaulta acção?) diviso  
huma molher: ai memoria,  
que torpemente a defino.

Hum portento: inda não basta:  
hum encanto: não me explico:  
hum affombro, em fim, que excede  
a tudo quanto imagino.

E se talvez posso darvos  
deste objecto algum indicio  
era hum Numen, que não pode  
chegar a ser comprehendido.

Ocupando o ardor viçoso  
da mole grama, entre lirios,  
e açucenas usurpava  
o trono á Deusa de Gnido.

Sobre huma roupa de nacar  
illustrava o afeado aviso  
hum pellote de veludo  
todo forrado de arminhos.

Recoftada em hum cajado  
de evano, e marfim brunido,  
chamava o focego a tanta  
bella imitação do Elyseo.

Taõ attenta estava ao brando  
liquido impulso de vidro,  
que inda provava a Deidade  
na suspenção dos sentidos.

Confusamente a madeixa  
vagava em dourados giros,  
onde se detinha o vento,  
ou amante, ou suspendido.

Na mimosa côr das faces  
era o raio mal distincto,  
pois quiz ser brilhante exemplo  
do luzeiro matutino.

Em seos olhos se ocultava  
de amor o veneno activo,  
e a não ser taõ doce a morte,  
lhe chamara basiliscos

O breve rasgo da boca  
vi taõ de novo partido,  
que só do susto do golpe  
pode livrar-me o prodigio.

Como a Deidade dos Campos  
alli tinhaõ concorrido  
inda os brutos mais ferozes  
a votarlhe sacrificios.

Deceraõ tambem as aves  
a ocupar o ameno fitio,  
Convocadas de hum impulso,  
que não se encontra no instinto.

# Ethica Pastoril. 9

Sobre os arbutos, e ramos  
no alegre, confuso estilo  
dos seus trinados, faudavaõ  
outro fol amanhecido.

Cercado se via o Numen  
do Vulgo indocil, fingindo  
mais culto a immobilidade,  
que affectava o jaspe vivo.

Eu immovel, e ella immovel  
ficamos; mas com motivos  
taõ diversos, quanto vai  
do cuidado ao defatino.

E ao mesmo tempo deixando  
ella a agoa, eu o dilirio,  
naõ sei como pode o alento  
formar inda estes suspiros.

Deidade pastoril, bella ferrana  
Naõ das que o monte estima, o campo preza;  
Que em ti se ve que herdaste a natureza  
De origem mais felíz, mais soberana:

Naõ podia a humildade da cabana  
Formar taõ grande luz, taõ rara empreza;  
Antes abortio em tanta gentileza  
Duvido se terás effencia humana.

Talvez que por te achares com o indicio  
De Ninfa tutellar desses Oiteiros,  
Desprezes os apriscos, e montados.

Mas se intentas mais nobre sacrificio,  
Por ti quero deixar os meus cordeiros,  
E escolher por rebanho os meus cuidados.

Modesta, fizuda, e grave  
me esteve a pastora ouvindo  
com a attensaõ, que se encontra  
entre o favor, e o desvio.

Sem responderme, me deixa  
taõ affustado, e indicio  
que em seguilla, ou mediacalla  
repugnava o alvedrio.

Mas arrastado da força  
de algum astro persuasivo  
a segui por entre aquelle  
vegetavel laberinto.

Fui dar com outras pastoras,  
que pelos bosques visinhos  
andavaõ formando, a coros,  
deleitaveis diversos.



# 10 A Bucolica, ou

Com ellas pude informarme  
quem era aquelle prodigio,  
que novamente illustrava  
tanto contorno florido.

Desde aquella infausta hora  
todo o resplendor maligno  
de meu influxo primeiro  
se pôz contra os meos disignios.

Não cabem na vós os males,  
os trabalhos, os conflictos,  
que achei na impreza de serem  
os meus votos admittidos.

Passaraõ annos; e o doce  
objecto de meu martyrio  
cada vez mais intratavel,  
cada vez menos soffrido.

Chegou em fim a constancia,  
o culto, a offerta, o carinho  
a fazerme venturoso;  
quem nunca o houvera sido?

Pois engolfado nos mares  
da ventura, de improviso  
se levantou a tormenta  
e foi apique o navio.

A fortaleza, que tinhaõ  
conquistado meus serviços  
ocupada de repente  
foi de injusto senhorio.

Rendeu, pois, a liberdade  
a Tyranno, taõ indigno,  
que podendo só ser fervo,  
goza o nome de marido.

Affombrado deste horror  
deixo logo aquelle sitio,  
que fez Ceo o Amor, e hoje  
o ciume o faz Abitmo.

Sem despedirme me aparto,  
tendo assentado comigo  
que havia o mais triste monte  
de verme enterrado vivo.

Para nunca à minha patria  
tornar já mais me retiro  
para estas campinas vossas  
desterrado, e fugitivo.

Aqui quero o breve tempo  
que me der o meu destino  
passar; se he que vida breve  
pode ter hum affligido.

---

*Alcin.* Não só grave sentimento  
nos infunde a vossa historia  
mas hum grande documento,  
pois vemos que a humana gloria  
tem taõ pouco fundamento.

Confolai vossos cuidados  
vendõ os males rigorosos  
de tantos acompanhados;  
porque em fim os venturosos  
são menos, que os desgraçados.

Sempre fui de parecer  
que era melhor presfír  
no baixo, que ao alto erguer,  
que se não chego a sobir,  
tambem não posso temer.

Mui grande alivio se alcança  
em que nada existe eterno:  
todo o universo he mudança;  
trás do Verão vem o Inverno,  
trás da tormenta a bonança.

# Ethica Pastoral. II

E se góstaes da vida,  
que aqui temos, com effeito  
achareis nella guarida;  
que o temporal mais desfeito  
não quebra a cána abatida.

Sofrereis nossa pobreza,  
se não fores cobiçoso;  
que se homem tem natureza  
de parco, e de virtuoso,  
qualquer sustento he riqueza.

Quanto mais que este exercicio  
pastoral, que aqui nos vedes,  
nos dá todo o beneficio  
para manter as paredes  
do nosso humano edificio.

E talvez com mais bondade,  
com mais proveito, e méfina,  
do que aquella vaidade,  
e mais está louçainha,  
que se encontra na Cidade.

Porque causa este gabaõ  
por ser cá feito, e tecido  
há de ser menos louçaõ  
do que a moda do vestido,  
que lá traz o Cidadãõ?

Por ventura mais deleite  
tem o rico, inda que coma  
capoens, até que os engeite,  
q̃ cá hum homem, quando toma  
a tarraçada de leite?

Terá mais descanso, envolto  
o senhor na sua cama,  
q̃ o homem de cuidados absolto,  
q̃ dorme se senaõ chama  
até noite o sono solto!

Olhai bem considerado  
ninguem há, que não entenda  
que este monte retirado  
he para tudo vivenda  
melhor, que a do povoado.

Aqui não reina a mentira,  
nem o engano da Cidade,  
a fortuna não se vira,  
pois contra o pobre, a maldade  
raras vezes se conspira.

A pompa aqui não se preza,  
pouco val o metal rico,  
não tem valia a grandeza;  
pois debaixo de hum pellico  
não há mais, que singeleza.

O mais tudo he de ignorantes  
com que o descanso se esforva:  
aqui está Gonçalo, que antes  
há de querer huma forva  
que huma groza de diamantes.

Contava o sengo, que hum dia  
quando tudo inda fallava  
que esgravatando á porfia  
huma galinha, encontrava  
hum diamante, e lhe dizia:

Aos tontos está ventura;  
fica ahi que eu não te pilho:  
vai para quem te procura:  
mais desejo hum graõ de milho,  
do que huma pedra tão dura.

E não presumays que tem  
menos nobre o coração  
quem na pobreza está bem;  
porque em fim da ostentação  
toda a deshonra nos vem.

# 12 A Bucolica, ou

E de mais que o genio tráz  
fer o homem rico, ou pobre,  
com nada se satisfâz  
o avarento; e o parco sobre  
seu augmento nada fâz.

Já n'hum livrinho encontrei  
que quando o magno vencia  
o Mundo, e lhe dava lei,  
que houve hum sabio, que dizia  
que era mais rico, que o Rei.

Pois o que elle cobiçava  
bem mostrava que o não tinha;  
e o bom velho, entãõ, julgava  
que tudo a fobrarlhe vinha,  
porque tudo desprezava.

*Anfr.* Bem podéis, pastor honrado,  
feres dignamente tido  
no campo, no monte, e prado  
de quem vos tiver ouvido  
por Oraculo sagrado.

Minha pena he sem medida,  
mas vos a abrandais de forte,  
que meu discurso duvida  
achar, tirando da morte,  
outro alivio em minha vida.

E pois já o Sol se apeia  
de seu carro, e a sombra dece,  
ponhamos paúza na ideia;  
e ergueivos, que me parece  
q' hê hora de hir para a aldeia.

*Aleix.* Dizeis bem, que hei de tardar:  
mas ah velhice cansada,  
que me queres acabar:  
arrimado na aguilhada,  
nem me posso endireitar.

Ora em fim vamos andando,  
mas mui pausado há de ser  
sem nos hir afadigando:  
tu Gonçalo a teu prazer  
vem o gado encaminando.

*Gonc.* Poderei cantar hum pouco,  
que a falta do meu ouso  
me tem feito quasi louco  
por estar sem dar hum pio ?  
*Aleix.* Canta, fenaõ estás rouco.

*Gonc.* Que cantiga há de ser ella?  
*Aleix.* isso la te avem agora:  
*Gonc.* pois seja a da caravella,  
que hontem de noite a deshora  
non cantava Madanella.

## CANTIGA.

O' barqueiro onde vâz?  
aonde te leva o vento?  
se tu tens entendimento  
torna, e volta para tráz.  
Como quêz pôr a esperança  
em coiza tão mal segura,  
que toda a sua ventura  
tem pendente da mudança?  
Não esperes a bonança,  
se he que fazes conta della:  
deixa os mares, vira a vella,  
toma fundo, que hê mais firme  
a choça que a caravella,

Nunca te fies de abrigo,  
que agazalha, e depois mata,  
e offrece pontas de prata  
para encobrir o perigo:  
receia de o ver tão lhano,  
que por dentro he tão ferino  
que seu corpo cristalino



todo está cheio de engano:  
Volta o leme, encolhe o panno,  
teme a futura procella;  
deixa os mares, vira a vella,  
toma fundo, que hê mais firme  
a choça, que a caravella.

Como a tua fantesia  
he tão louca, vaã, e cega,  
que á tempestade se entrega,  
e do portó se desvia?

Quem te diz que o mar salgado  
he mais bom, que o doce aprisco?  
he melhor pescar com risco,  
que guardar, seguro, o gado?  
barqueiro estás enganado,  
tem contigo mais cautella:  
deixa os mares, vira a vella,  
toma fundo, que he mais firme  
a choça, que a caravella.

*Aleix.* Cantas como hum rouxinol:

*Anfr.* e a cantiga he bem discreta:

*Gonc.* pois dizem que anda no rol  
dos tonilhos de hum poeta,  
que os cantava por b mol.

*Aleix.* Não seja o demo a cantiga  
que cá deixes desgarrado  
algũ boi: *Gonc.* Deos me bendiga:  
olha tu para o teu gado  
como elle leva a barriga?

*Aleix.* Chama lá pelo rafeiro,  
que cuido que fica atrâz.

*Gonc.* hê de todos o primeiro:

*Aleix.* Ora em fim, tu es rapás,  
eu ja sou hum velho anneiro.

*Gonc.* Já nos estamos na Aldeia,  
e a posto não vês as cazas?

*Aleix.* quem haverá que te creia?  
tem maõ em ti que te vazas,  
talvez que o çumo volteia.

*Gonc.* Já não digo chûz nem bûz

*Aleix.* porque não dês mais à folha  
farás o cizo: *Mont.* ora sîz  
cada qual pois se recolha  
que já nas choças há lûz.

*Gonc.* Eu vou a assar hum taffalho  
que inda tenho no fumeiro  
e hei de comello ao borralho.

*Anfr.* hide em paz: vos meu vaqueiro  
Deos vos dê bom agasalho.

## Egloga 2

## INTERLOCUTORES.

*Gil**Geraldo*

*Gerald.* Não há vida amigo Gil  
como he essa, estás zombando  
do que vai, em te ageitando  
para o som do teu rabil

*Gil* Pois que há homem de fazer  
câ poito nesta aspereza?  
há tudo de ser tristeza,  
sem huma hora de prazer?

*Gerald.* Eu não vou Gil contra isso,  
mas o que venho a estranhar  
he, que do nosso lugar  
andes tão longe, e remisso.

Passa hum dia, e outro dia  
mais huma, e outra semana  
e tu posto na cabana  
sem buscares companhia.

Vem o Domingo, e a festa  
enamase o nosso nicho,  
tu nã toca, como hum bicho,  
passas a manhan, e a festa.

A todos nos dás cuidado,  
e mais quando no terreiro  
eras tu sempre o primeiro,  
que apparecia enfeitado.

*Gil* Se tu sabes o desgosto,  
que já lá me aconteceu,  
porque eltranhas tanto, que eu  
cá no monte esteja posto?

Ser eu motivo do riso,  
e esperar que inda me ponha  
no lugar, pouca vergonha  
seria, ou falta de siso.

*Gerald.* Antes me parece aqui  
que do caso estás alheio,  
pois mais de lugar e meio  
fei que tem bem dô de ti.

*Gil* Isso basta, e mais sobeja,  
porque sô quizera estar  
aonde podesse dar  
menos lastima, que enveja.

*Gerald.* Bem sei que obras como agudo,  
mas tu, Gil, sabes tambem  
que nas paixoens não he bem  
que se leve ao cabo tudo.

Quanto mais que essa paixão,  
bem que aponhas a teo geito,  
para a tomar tanto a peito,  
cuido que não tens razaõ.

*Gil*



# Ethica Pastoral. 15

*Gil* Não há coiza mais injusta ,  
que ver de fora o meu centro ;  
mete o pescoço de dentro ,  
faberás o que isso custa.

A conselha lindamente  
o são o alheio quebranto :  
porque não faz outro tanto ,  
quando chega a estar doente ?

*Gerald.* Pois deixarte Dorotheia  
por amor de Pascoal ,  
pode ser tão grande mal ,  
que te afugente da aldeia ?

*Gil* E cuidas, pastor, que he pouco?  
pois eu te afirmo por certo  
que a ver isso demais perto ,  
que já agora estava louco.

Eu essa pastora amei  
mais que meu proprio rebanho ;  
e com fer amor tamanho ,  
de a amar nunca me fartei.

Sempre a seguio meo cuidado ,  
já no pasto, já na fonte:  
se hia ao monte; eu hia ao monte:  
se hia ao prado; eu hia ao prado.

Se lhe dava o queijo, e o leite,  
a manteiga, e a melhoria  
de meu gado, não havia  
para mim maior deleite.

Ella então a meo intento  
tão alegre se mostrava  
que entendi que já julgava  
por fineza o atrevimento.

E entre o trato pastoril  
(fosse falso ou verdadeiro)  
não havia outro vaqueiro  
para ella, mais que Gil.

Eu só era o que lutava  
melhor, quem melhor tangia;  
quem o bom dito dizia,  
quem com mais graça cantava.

Tudo o bom somente eu tinha;  
eu tinha a melhor parreira,  
melhor gado, e a fementeira  
melhor , tambem era minha.

Ninguem vestia burel  
mais pulido nas aldeias.  
e até das minhas colmeias  
julgava mais doce o mel.

Mudouse ; e já lhe parece  
mais galhardo outro pastor,  
e o que tinha por melhor  
já, cuido , que lhe aborrece.

Pois porque destes enganos  
não quês que eu ande fugido ?  
he tão pouco o ver perdido  
hum amor de tantos annos ?

*Geral.* Se fosses rude de todo,  
e visses essa falsia ,  
menos culpa te daria ,  
a tomalla desse modo.

Mas sendo tão avisado,  
com a razão não atino  
paraque o teu desatino  
deixe de ser estranhado.

# 16 A Bucolica, ou

Porque so n'hum ignorante  
se pode achar a leveza  
de presumir que há firmeza  
em coiza tão inconstante.

Tu tens perdido o saber,  
se tiveste essa esperança:  
para fazer a mudança  
não bastava o ser molher?

Se a magoa pois não se sente  
quando está já prevenida;  
sendo coiza tão sabida,  
como estás tão descontente?

*Gil* Tu Geraldo poenfte agora  
na verdade bem terrivel:  
pois he algum impossivel  
achar firme huma pastora?

Que se encontre a variedade  
entre as pompas, e a jactancia  
justo he; pois a inconstancia  
vive, e reina na cidade.

Que em fim lá tudo se vira,  
tudo se faz por rodeio,  
tudo he lisonja, e enleio,  
treição, e engano, e mentira.

Mas que isto tambem acerte  
de passar ao monte he coiza  
com que a idea não repoiza,  
nem eu sei que hei de dizerte.

*Gerald.* Pois faze só reflexão,  
que há cá, e lá esse oufio,  
e que todo o melhorio  
he da mesma condição.

*Gil* Isso está bem; mas eu cudo  
que li n'algum cartapacio  
que ainda no mesmo Palacio  
houve amor bem cabeçudo.

Escusado he que te conte  
tudo quanto a historia reza  
do que amou a Princeza  
ao Principe Demofonte,

E tambem que amor sincero,  
como he este em q̄ me inflamo,  
teve huma Tisbe, e hū Pirámo,  
hum Leandro, e huma Hero.

*Gerald.* Não me tragas, Gil amigo,  
por exemplo esses amores:  
todos esses amadores  
forão lá do tempo antigo.

E esse amor tão pouco ganha,  
que tirando o pensamento  
dos do santo Testamento,  
os mais todos são patranha.

Entre nos hê tão bisonho,  
que delle não há semente,  
e assim entre a mais da gente,  
parece coiza de fonho.

Imaginar que há de haver  
nelle alguma presistencia,  
se não he pouca experiencia,  
eu não sei que possa ser.

Se nos vemos que se muda  
toda a fachada de hum monte,  
vemos que se secca a fonte;  
que se quebra a panha ruda;

Que se desfãz o edificio,  
que em pô se tornaõ as loizas,  
e que em fim de muitas coizas  
naõ há fombra, nem indicio

E fallando em nossos termos,  
bastaõ dous dias passados,  
para ser os ermos prados,  
para ser os prados ermos.

E a semente da lavoirã,  
onde está nõssa esperança,  
n'humã continua mudança  
nace, crêce, e se faz loira.

Se aquella terra maninhã  
já deu paõ, e a mato torna;  
e encherã siquais a dornã  
à manhan, quando for vinha.

Que esperança há que nos tenha  
enleiado no discurso  
que para atar este curso  
algum remedio nos venha.

E se o monte solitario,  
a fonte, a lavoirã, a penha,  
o ermo, o edificio, a brenha,  
o mato, e o bosque he tão vario,

Que variedade demanda  
este amor, que as azas tem,  
para andar áquem, e além,  
para huma, para outra banda?

*Gil* Já de hum tempo a esta parte  
te acho, pastor, mais perito:  
por certo que tu tens dito  
moralidades que farte.

Tu expoens toda a verdade  
o demais he coiza aeria;  
mas he tal nõssa miseria,  
que vai a trãz da vontade.

Parece coiza fatal,  
mas isto de Adam nos vem,  
que conheçamos o bem,  
e fujaõs para o mal.

Quantas vezes assentado  
tenho cá dentro comigo:  
seja mal, seja perigo,  
nada me ha-de dar cuidado.

Lembre-me isto aquelle dia,  
mas com isto me soborno?  
mal peccado: fico; e torno,  
sem querer, à vaca fria?

Digo-te que mais naõ posso,  
por mais que oprimo a vontade:  
este ardor da mocidade  
he grande inimigo nõsso!

*Gerald.* Bem sei que faz tudo: a esmo  
hum moço; o lengo dizia,  
que era a maior valentia  
vencerse hum home a si mesmo.

Mas tentalo para ver  
se a razaõ com isto medra;  
tanto dá a agoa na pedra  
que ella a faz amolecer:

*Gil* Olha cá dessa razaõ  
tenho tirado hum proveito,  
e he que já me tenho afeito,  
meu Geraldõ, à solidão.



# 18 Ai Bucolica, ou

Algun dia imaginava  
que nunca podesse estar,  
mais, que naquelle lugar  
onde se ria, e folgava.

Para eu sair ao terreiro  
e deixar todo o meu gado,  
escufava ser chamado,  
bastava ouvir o pandeiro.

Mas já ouço a çanfonia  
lá ao longe, ouço a algazara;  
vem tambem ver a seara  
Madanella, e Catarina;

E nem o gosto perfente  
de as buscar algum desejo,  
e cuido que tenho pejo  
de andar entre a nossa gente.

*Gerald.* Eu nisso a culpa he q̄ p̄nho,  
pois tu sem esse castigo  
podes ter conta contigo,  
e mais não feres bisonho.

*Gil.* Olha tu, eu se lá for  
para a aldeia, como dantes,  
hei de ver muitos semblantes,  
sem alegria, e sabor.

Porque muitos foraõ parte,  
como eu fei, em meo desgosto,  
e mostrar sereno rosto  
ao contrario, só por arte.

Bem sabes que eu sou singello,  
e não fei dissimular,  
e que não hei de levar  
muitas coizas em capelo.

Pois ninguem há tão sizo  
que deite a paixãõ de fora;  
pode vir n'alguma hora,  
que vá Barrabás com tudo,

Finalmente não andemos  
este ponto a avriguar;  
fora disto; hir ao lugar  
he tão bom, que o desejemos?

Eu não fei que tu lá achas,  
quando com meus poucos annos  
descubro nelle, mil danos,  
mil perigos, e mil tachas.

Quem ha lá que se defenda  
de treição, enveja, ou sio,  
se chegou a ter mais brio,  
mais partes, ou mais fazenda?

Se hum homem traz hũ gabaõ  
mais forrado, ou mais airoso:  
O, não vem (diz o envejoso)  
como Gilanda louçaõ?

Se outro traz algum cuidado,  
que se descuida de alguẽm;  
diz o escudeiro: não vem  
como passa empãturado.

Se sahio melhor da dança  
ou da luta, ha quem lhe diga:  
elle traz tanta barriga  
que parece elRei de França.

Se he q̄ empresto a algũ amigo,  
e o pretendo arrecadar,  
quando lho vou procurar  
tornase meu inimigo.



E depois deste costume  
vem entaõ por perrexil  
para o coitado de Gil  
hum treizaõ, e hum ciueme.

Pois não he muito melhor  
que homem por aqui se acoite,  
onde passê a tarde, e a noite  
e a manhã a feu fabor?

Onde soluçando esteja,  
onde chore, onde suspire  
onde se deite, e se vire,  
sem compaixaõ, nem enveja?

Do que verse andar cingido  
de hum infame, hum cobiçoso,  
de hum necio, de hum aleivoso,  
de hu treidor, e de hum fingido?

*Gerald.* Posto isso nesses termos,  
como agora o persuades,  
despovoemse as cidades,  
e habitemse Gil os ermos.

*Gil* Em não fazerse o que dizes  
consiste o bem do deserto,  
se buscassem esse acerto  
todos foraõ infelizes.

E mais quando o meu intento  
he tirarte do cuidado  
de veres o triste estado  
em que está meu sentimento.

Pois seguindo a mesma via  
lá se haviaõ de achar todos;  
e assim pelos mesmos modos  
vinha a mesma companhia

Comque dos que tem fugido  
ao monte estriva a ventura,  
em que ninguem já procura  
imitar o feu partido.

*Gerald.* Ora Gil disputa tanta  
já basta em coizas de cifo,  
pois puxar muito o juizo  
tambem os membros quebranta.

Cuido que huma vòz me toa  
no ouvido, e se não me engano  
alli por aquellê lhano  
vem cantando huma pessoa.

E se bem a differença  
nõ traje, e geito de andar,  
e no modo de cantar  
me parece que he Lourenço.

Olha se és de parecer  
que lhe ouçamos a cantiga?  
*Gil* tua vontade se figa,  
q ella he todo o meu prazer;

# 20 A Bucolica, ou

## CANTIGA.

Se hum caso da nossa aldeia  
queres ouvir, ó Zagal,  
sabe que por Pascoal  
deixou a Gil Dorotheia:  
Se já te estremece a ideia  
ao ver huma tal mudança,  
isto succede a quem poem  
n'huma molher a esperança.

Suou o coitado muto  
por buscar seo agazalho,  
e veio de seo trabalho  
o outro a gozar o fruto:  
Se teu rosto nunca enxuto  
estiver nesta lembrança,  
isto succede a quem poem  
n'huma molher a esperança.

De seo tormento levado  
quasi esteve morto, sobre  
andar neste monte o pobre  
fugitivo, e desterrado.  
Se estás, ó pastor, pasmado  
isto ganha, e isto alcança,  
isto succede a quem poem  
n'huma molher a esperança.

Mas ainda que fugido  
ande por este respeito,  
lá pode estar satisfeito  
fó de havella conhecido:  
De seu amor fementido,  
naõ queira maior vingança;  
isto succede a quem poem  
n'huma molher a esperança.

Pascoal se mudará:  
e entãõ ha ella de ver  
taõ tarde o que foĩ fazer,  
que remedio naõ terá.

Mas emtanto Gil está,  
sem ter de si femelhança:  
isto succede a quem poem  
n'huma molher a esperança.

*Gil* Olhas tu Geraldo que anda  
já minha historia em cantiga?  
que até no monte a fadiga  
ande comigo á demanda?

Se até no mato a buscar  
me vem esta minha effrella,  
cuida tu que refestella  
seria lá no lugar?

Bem haja, amigo, a guarida,  
que nestes ermos achei,  
delles, pastor, naõ darei  
nem hum passo em minha vida.

Viva quem quizer na aldeia,  
que daqui ninguem me lança  
em quanto tiver lembrança  
que há no mundo Dorotheia.

*Gerald.* Já fei que ninguem aguarde  
de reduzirte ao cazal:  
fica pois com Deos, Zagal,  
que se vai fazendo tarde.

*Gil* Se tu queres cá ficar  
com nosco, amigo Geraldo,  
temos unto, temos caldo,  
e cebolla, que cear.

Há mais torta do boralho,  
tiraremos do chamiço  
huma morcella, e hum chouriço,  
e virá tambem hum alho.

Sei que muito bem engoles  
decerâm das caniçadas  
quatro castanhas piladas,  
e cuido que inda estaõ moles.

*Gil* Pois vai antes do fermaõ,  
fenaõ ouves quatro berros:  
Benza Deos os teus bezerros,  
que taõ nutridos estaõ.

Naõ offentes gravidade,  
que me naõ fazes despeza;  
e virá por sobre meza  
a minha boa vontade.

*Gerald.* Agradeço o offrecimento  
da forte que se o comera,  
e aceitara, se tivera  
lá menos impedimento.

Mas tu fabes muito bem  
quem he Brazia; e certo estás  
no focinho, que me fáz,  
quando fico com alguem.

E assim vou guiando o gado  
ao cazal, mais que depreça,  
que esta minha boa peça  
há de estar já com cuidado.

---

## Egloga 3

### INTERLOCUTORES.

*Bento*

*Pascoal*

*Dorotheia.*

*Bent.* Vejo agora confirmado,  
Pascoal, o que tenho ouvido;  
que he certo que o teu cuidado  
deve andar favorecido,  
pois vens taõ embonicrado:

Escusado he que se bote  
ninguem a adivinhação  
vendote vir com capote,  
maravalhas no gibaõ,  
e fitinhas no pellote.

*Pasc.*



# 22 A Bucolica, ou

*Pasc.* Pois se he preciso, porque  
 não tirarei a tristura  
 deitando a minha librê?  
 cá a hum homem por ventura  
 já lhe pôz o fapo o pê.

*Bent.* Preciso? bato na testa  
 e inda assim não o distingo:  
 que funcão será pois esta?  
 porque hoje não he Domingo,  
 nem tambem dia de festa.

*Pasc.* Pois se tu Bento és hum tollo  
 tem te esta culpa Pascoal?  
 torna a bater no miollo,  
 verás que todo o cazal  
 vai hoje levar o bollo.

Não vês a hermidã lá fora  
 enramada de loureiro?  
 já na aldeia a esta hora  
 não está nem hum vaqueiro,  
 nem tambem huma pastora.

*Bent.* Caio agora na razaõ,  
 q̄ a mim tal me não lembrava:  
 mas tu vires tão louçaõ?  
 já teu vulto se não lava  
 de alguma murmuraçaõ.

Eu não sei que ouvi dizer  
 de huns certos empregos novos,  
 que te daõ em que entender,  
 e que chuchavas os ovos,  
 que outrem andava a cozer.

Tu dás agora hum risinho?  
 final he do que arreceio;  
 porem isto he ser daninho,  
 meter o gado no alheio  
 e tirallo do caminho.

*Pasc.* Muito escrupuloso estás:  
 bem sabes que não se engeita  
 o que a homem se lhe trás:  
 livrame desta sospeita,  
 aposto que o disse Braz?

*Bent.* Não cuides tal, nem se creia  
 que a lingua de Braz te fuge:  
 mas isto de Dorotheia  
 muito há ja que em ruge, ruge  
 anda pela nossa aldeia.

E supposto que entre mil  
 este dito não houvesse,  
 bastava auzentarse Gil  
 para que logo o soubesse  
 todo o termo pastoril.

*Pasc.* Por tomalo tanto em grosso  
 tal Pastor, certo que venho  
 a achar nisso algum sobrosso,  
 e a magoa, que delle tenho  
 encarecer-ta não posso.

*Bent.* Essa magoa tráz consigo  
 muito grande rozalgar,  
 he como a do outro amigo,  
 que começou a chorar  
 depois de morto o inimigo.

*Pasc.* Tu tens hoje amigo Bento  
 essa lingua muito aguda:

*Bent.* eu não trato fingimento,  
 e quem de mim o pescuda  
 não me faça acatamento.

*Pasc.* Ora pois deixemos isso,  
 que quero agora saber  
 se he que te dá no toutisso  
 hires comigo ao prazer,  
 ou se estás assõmadisso?

*Bent.*



*Bent.* Não estava mui virado  
a tirarme daqui hoje,  
que cá me sinto enfadado;  
mas o demo que se enoje,  
q̄ homem ha de andar folgado.

E inda que sei que huma peste  
está o gibaõ, e a çamarra  
vou assim, que vou mais leste;  
porque eu não tenho bizarra  
a quem siga, nem requette.

Vamos pois subindo o oiteiro,  
buscando aquelle castanho,  
pois ficá no meu rafeiro  
mui bem seguro o rebanho,  
e tambem no pegureiro.

*Pasc.* Se cansares pelo atalho,  
antes de entrar na chacota,  
inda alguma coiza valho:  
para empurrar huma gota  
cá levo broa, e mais alho.

*Bent.* Como foste taõ fizudo,  
pois ouvi que do comer  
tem amor grande descudo:

*Pasc.* Bento, o comer, e o beber  
he certo que rapa tudo.

Tirando da mandioca,  
tudo o mais he coiza varia,  
e pelo que a mim me toca  
cuido que he taõ necessaria  
como o comer para a boca.

*Bent.* De chança estás, e imagino,  
que com ella quês que eu creia  
que não andas muito fino:  
aposto que em Dorotheia  
tinhas tu agora o tino?

*Pasc.* Tu quês lubrigar o centro,  
como faz a continella;  
e sem meter a maõ dentro  
ver o que está na panella  
pelo cheiro do coentro?

*Bent.* Ouveme agora, Zagal,  
tambem eu apostarei  
que ella se foi do Cazal,  
e se alguma coiza sei,  
tu a verás no portal.

*Pasc.* De estar lá não direi nada,  
mas agora na deveza  
me disse meu camarada,  
que vira hir Grimaneza,  
ella, e Leonor pela estrada.

E assim na hermidã sospeito  
que estará; e inda esquadrinho,  
que há de haver galhofa a eito,  
pois hontem pelo caminho  
mo disse tambem Bieito.

*Bent.* Queres tu que nos metamos  
por chegarmos mais depreça  
no trilhado desfes ramos;  
e por aquella reveça  
correremos como huns gamos?

*Pasc.* Vou com a tua razaõ.

*Bent.* pois coita tu esse esgalho  
para lá saltar no chaõ,  
e se nisso tens trabalho  
da-me cá o facalhaõ.

*Pasc.* Para subir ao valado  
eu te dou hu' a' de pé.

*Bent.* já cá estou: *Pasc.* mas eu coitado  
não posso subir. *Bent.* bofe?  
pegate a esse cajado.

*Pasc.*

# 24 A Bucolica, ou

*Pasc.* Parece que estou roncheiro ?  
em fim já vamos a par.

*Bent.* pois tu eras no terreiro  
a quem vi sempre saltar  
melhor, que a nenhū vaqueiro.

*Pasc.* Nem sempre home está com geito  
de mostrar destreza, e arte,  
não pode tudo hir a cito:  
tenho faltado que farte,  
agora não tive geito.

Mas tem maõ, que vejo hū fato  
alli junto áquella relva,  
e aonde deuce o regato  
andaõ dois vultos ágelva,  
bem ao pé daquelle mato.

*Bent.* E se a vista não falseia,  
olha tu se vês melhor,  
hum delles he Dorotheia.

*Pasc.* pois a outra hé Leonor.

*Bent.* he verdade; há quem tal creia?

*Pasc.* Abaixate, pois, depreça  
antes que a çamarra rujá,  
que se nos pesca a cabeça,  
arreccio que nos fuja,  
e será mui boa peça.

*Bent.* Antes não tenho por certo  
que Dorotheia tal faça,  
que se te vê descoberto,  
ferás a melhor negaça,  
que a traga para mais perto.

*Pasc.* Tu não te tiras da fleima:

*Bent.* cuido que não te desgosta.

*Pasc.* mal sabes o que se queima:  
vá elle hora sobre aposta,  
já que estás com essa teima?

*Pasc.* Estava para mostrarto  
à custa do meu desgosto.

*Bent.* pois eu, Pascoal, hum quarto  
de vitella, ainda aposto,  
que quero hum dia ser farto.

*Pasc.* Ora vai dissimulando  
para ver no que isto pára:

*Bent.* Já ella se vem chegando:  
e se Pascoal apostara  
quem ficaria ganhando?

*Pasc.* Virá buscar a toalha:

*Bent.* sim: por isso he que se assenta.

*Pasc.* pois cuidei que atasse a malha.

*Bent.* nisto que a maldade inventa  
nunca ou raras vezes falha.

*Pasc.* Hé tempo pois de chegar:  
salve Deos a bizzaria:

*Dorot.* elle venha com o par.

*Pasc.* onde fica a companhia,  
que trouxestes do lugar?

*Dorot.* Para a hermidá he que botou,  
e junto desta ribeira  
Leonor comigo ficou:  
se lá levas quem te queira  
já muito adiante passou.

*Pasc.* Se eu alcançara a certeza  
de deverte algum carinho,  
sem duvida por fineza  
teria achar no caminho  
essa tua gentileza.

*Dorot.* Nem eu quero que imagine  
outra coiza o teo cuidado;  
quem quer que for defatine:  
demolo por publicado,  
antes que mais me amofine.

Que faz o andar escondendo  
nosso affecto do tumulto,  
se já, meu Pastor, entendo  
que quanto mais anda occulto  
tanto mais se está sabendo?

Já renuncio a opiniaõ,  
que se falle, que se diga,  
que usei infamia, e treizaõ,  
que fui cruel, e inimiga,  
à primeira inclinaçaõ.

Pois eu naõ sei que haja brio,  
fobre pena de hum agravo,  
que tenha tal poderio,  
que possa fazer escravo,  
sendo forro o alvedrio.

Eu confesso que attendia  
de Gil a ansia, e aceitava  
com bom rosto o que dizia,  
mas deixei-o, pois achava,  
que era o seu rogo porfia.

E porque venhas andando  
com mais gosto, e mais fabor,  
te hirei ao longe esperando,  
e tu no entanto, Leonor,  
Vem pela estrada cantando.

## CANTIGA.

Deixou Dorotheia a Gil  
por amor de outro Zagal,  
ninguem fie de amor tal,  
que hade fazer outros mil,  
como tem feito este mal.

Recebi sua vontade  
ou cortez, ou lisonjeira,  
porem foi esta amizade,  
e este trato de maneira,  
que era minha a liberdade.

Diz que se foi descontente  
a meterse em huma brenha,  
onde naõ quer ver a gente;  
Deos lhe perdoe, e o detenha,  
que era muito impertinente.

E a ti, meu pastor, te traga  
sempre na minha prezença,  
onde recebas a paga  
de huma amante recompensa,  
que amor com amor se paga.

E com esta segurança  
fica em paz, que lá na hermidã  
te aguarda minha esperança,  
ficando em ti dividida,  
que mais minha fé alcança.

Passará o fresco Abril,  
e virá o ardente Agosto,  
e dará outro desgosto,  
com infamia mais activa,  
a quem neste amor se estriva.

Ai de quem se cativa,  
e entrega a vontade  
nas maons da inconstancia,  
e da variedade.



# 26 A Bucolica, ou

Pode haver maior tormento,  
que entregar todo o alvedrio  
a quem no Inverno, e no Estio,  
he mais mudavel, que o vento?  
mais inconstante, que o rio?  
Quem pode ter sofrimento  
vendo perdida a esperanza  
entre o horror de huma mudança  
taõ mortal, taõ excessiva,  
taõ cruel, taõ fugitiva?

Ai de quem se cativa,  
e entrega a vontade  
nas maons da inconstancia,  
e da variedade?

Tu incauto passageiro,  
que por este monte corres,  
e pelo mundo discorres  
com cuidado, e pé ligeiro,  
vendo montanhas, e torres;  
Se acafo o amor lisonjeiro  
quizer intentar render-te,  
chega tu primeiro a ver-te  
com a ideia sempre viva  
nesta triste perspectiva.

Ai de quem se cativa,  
e entrega a vontade  
nas maons da inconstancia,  
e da variedade?

---

*Pasc.* Muito boa trova canta  
a Dorotheia Leonor:

*Bent.* que mal sabe esta garganta!  
quando a açcaõ he sem sabor  
inda a anizade a quebranta.

Mas notto, Pastor amigo,  
que estás muito diferente,  
e cuidadoso comtigo;  
e julgava que contente  
devias estar comigo.

Que depois de Dorotheia  
fer taõ fina, como viste,  
quem tanto favor grangeia,  
mais, do que tella taõ triste,  
deve ter alegre a idea.

*Pasc.* Na verdade, amigo Bento,  
que entendia que julgavas  
hoje em mim maior talento;  
e que agora me emprestavas  
hum pouco de sofrimento.

Se eu me estou vendo no espelho  
da mais feia variedade,  
pouco ao fengo me assemelho,  
se acafo a minha vontade  
he maior que o meu conselho.

Eu sempre desta pastora  
me temi, mas taõ aveça  
nunca cuidei q̄ ella fora;  
mas se ella mesma o confeça,  
que posso esperar já agora?

Se a Gil pagou desta sorte,  
como intento achar escudo,  
que me livre deste corte?  
homem para ser sezudo  
he percizo se reporte.

Se eu posso escapar do enredo  
para que hei de andar penado?  
ande pois contente, e ledô,  
naõ como o gato escaldado,  
que até da agoa fria há medo.



Quem vio rota a caravella,  
e quebrado alli diante  
o masto, e em troços a vella,  
e quer ser tão ignorante  
que vá tentar a procella?

O meu fusco foi pastar  
hũ dia junto ao Mondego,  
escorrega, e vai parar  
ao rio, comque no pego  
quali que o via affogar.

Porem fezse tão fadio  
dalli o bom do bezerro,  
que para o levar ao rio,  
nem a poderes do ferro  
o tiravaõ do poufio.

Isto faz hũ animal,  
mas maior obrigação  
deve ter o racional,  
pois, sem levar mergulhaõ,  
há de ver de longe o mal.

Naõ sendo assim pela onia  
que home, e bruto era indistinto,  
e sem esta cerimonia  
tanto me importava o instinto,  
como a mesma cachimonia.

Fora disto bem conheço,  
que homem só alcança o dano  
quando vê que está de aveço,  
e que pode muito o engano,  
que traz comfigo o começo.

Mas naõ reinando a cegueira,  
onde se farta a vontade,  
ha de ter grande lazeira  
o que conhece a maldade,  
e prossigue na peteira.

E eu emfim tão enredado  
naõ estou, nem tão mofino,  
nem tambem tão mal fadado,  
que vendo que he desatino  
me vá lá meter no affado.

Se no Inverno, se no Estio  
posso ter grande abundança  
da seara, e do armentio,  
isto trazendo em folgança  
o meu prezado alvedrio:

E se hir posso á minha vinha  
mui contente, e muito a passo,  
como dantes hia, e vinha,  
comer sem algum cançaffo  
o meu rabo de fardinha:

Dormir quieto o meu sono  
na cabana, ou na palhoça,  
já que escapei de ter dono,  
paraque hei de andar á roça,  
se me haõ de pregar o mono?

Naõ, amigo Bento, os tollos  
vá Dorotheia buscar  
para cahir nos feos dollos:  
se homem nelles se há de atar,  
de que servem os miollos?

Pode haver, dize Vaqueiro,  
coiza de melhor agrado,  
que estar homem forrateiro  
alli na relva deitado,  
tangendo no seu salteiro?

Cantando quatro cantigas,  
a modo que as leve o vento,  
sem cuidados, nem fadigas,  
sem ter algum pensamento  
dando ao amor quatro figas?

# 28 A Bucolica, ou

E passar assim os annos  
de mancebo, em alegria,  
livre de males, e danos,  
de temores, de falsia,  
de treçoens, e mais de enganos?

E ao depois de ser aneiro,  
lá quando se esfria a idade,  
dependurar o falteiro,  
em final da liberdade,  
dos esgalhos de hum falgueiro?

*Bent.* Só cá dentro de meu peito,  
Pastor, poderá caber,  
e não na voz, o conceito  
que de ti chego a fazer,  
e o quanto estou satisfeito.

Sempre te achei avisado,  
como teu proprio avoengo,  
mas perde amigo o cuidado,  
que no fiso ao mesmo fengo  
deixas agora encovado.

De ti deste a maior prova,  
e em ti, mancebo gentil,  
todo o saber se renova,  
e para o pobre de Gil  
não haverá melhor nova.

Que alem de ver o castigo  
da treição de Dorotheia,  
olha, pastor, que to digo,  
que quando estava na aldeia,  
era Gil bem teo amigo.

*Pasc.* Vá: que tambem divertir  
me quero agora este pouco:  
mas eu logo hei de tossir,  
e tambem como ando rouco,  
fiquais. não possa subir.

Inclinado a teu saber,  
Sei eu mui bem que sentia,  
que tu houvesse de ser  
a causa desta falsia,  
que lhe fez esta molher.

Com que tomarám agora  
as coizas outro caminho,  
e o Fado deitará fora  
o teu triste, e mau focinho,  
e hirá daqui na má hora.

*Pasc.* Hei de estimallo; porem  
detivemonos que farte,  
porque lá da Ermida vem  
do lugar a maior parte,  
E já não fica ninguem.

*Bent.* Pois que faremos? *Pasc.* eu era  
de parecer que voltemos,  
porque eu, Bento, não quizera  
que agora nos encontremos  
outra vez com esta fera.

Quanto mais que he já Sol posto,  
hora de ajuntar o gado.

*Bent.* das-me nisso hū grande gofsto.

*Pasc.* pois pelo mesmo tilhado  
tornemos ao nosso posto.

*Bent.* Queres tu que até lá baxo  
se cante aquelle motete,  
que compoz Antão Gramaxo;  
tu erguerás o falsfete,  
eu farei o contrabaxo?

## CANTIGA.

Quem tiver a liberdade  
naõ a entregue á formosura,  
que he mais leve, q̃ a ventura,  
mais que o vento.

E ao depois o pensamento  
levado do defatino  
perde a vista, perde o tino  
na prizaõ.

Pastores, tendevos maõ,  
pois consiste a resistencia  
em fazeres diligencia  
por vencer.

Pois amor naõ tem poder,  
com todo o seu senhorio,  
de prender meu alvedrio,  
se eu naõ quero.

Seja crú, tiranno, e fero,  
pois basta a apagar-lhe as brazas,  
e a arrancar-lhe as suas azas  
hum abano.

Olhai que he taõ deshumano  
que n'huma gloria fingida  
tráz mil pezares á vida  
dos mortaes.

Se quereis ver feos sinaes,  
por fugir deste inimigo,  
vede bem o que vos digo,  
que saõ estes.

Cego, e lince, fraco, e forte,  
fervo, Rei, velho, menino:  
fobre tudo taõ ferino,  
que traz as armas da morte.

---

## Egloga 4

### INTERLOCUTORES.

*Braz*

*Braz* Pode haver maior mofina?  
*Bicit.* que tens tu amigo *Braz*?  
*Braz* q̃ hei de ter? a dececrina  
de andar sempre para traz,  
que eu naci com esta fina.

Faltaraõ-me hontem do pasto  
as minhas quatro bezerras,  
tem-me trazido da rasto  
por montes, valles, e ferras,  
sem a tinarlhe co' rasto.

*Bicito*

Chegaste ficais a vellas?  
*Bicit.* nem onde hirám esquadrinho:  
*Braz.* tomai-vos lá co' as vitellas?  
estará o diabinho  
brincando agora com ellas.

*Bicit.* como as trazes taõ bravias  
que naõ paraõ no montado?  
*Braz* bem q̃ as tenho há poucos dias,  
já me tenho confirmado  
que ellas tem suas manias.

*Bicit.*



# 30 A Bucolica, ou

*Bieit.* Comq̄ as tens ha pouco? entaõ  
naõ serãõ da tua grei.

*Braz* pois agora o sabes? naõ;  
porque eu á Anfriso as comprei  
no principio do Veraõ.

*Bieit.* Quem he agora aqui Anfriso?

*Braz* Vá da pucha: tu Bieito  
terás esmiolado o fizo?

*Bieit.* ah fim; pois nem tal fogeito  
me vinha agora ao juizo.

*Braz* Pois por certo que naõ era  
Anfriso taõ má pelloa,  
que assim sem mais te esquecera,  
se quer pela fama boa,  
com que o casal o venera.

Porque fendo hũ estrangeiro  
de sorte se afez com nosco,  
que sempre o achou prazenteiro,  
desde o lavrador mais tosco  
até o mais sabio vaqueiro.

*Bieit.* Contra isso naõ hei nada,  
mas cá homem, q̄ se empenha  
em guardar sua manada,  
naõ lhe he preciso que tenha  
sempre a memoria aguçada.

Mas já que cahio em dito,  
naõ me dirás que despejo  
foi este? e o triste conflito,  
que o auzentou; porq̄ o naõ vejo  
há muito neste distrito?

*Braz* Queres tu Bieito mais?  
comque heide estar praticando  
contigo, sem mais, nem mais,  
e as bezerrinhas saltando  
por elles andurriais?

*Bieit.* Olha cá, tu tens o tino  
perdido já das vitellas,  
e quanto mais de contino  
andares em busca dellas,  
mais te hás de chamar mofino.

Socega hũ pouco, que Basto  
alli está, e o mandaremos  
a ver se lhe dá co' rasto;  
e no entanto ficaremos  
eu, e tu guardando o pasto.

*Braz* Se elle quizer. *Bieit.* tanto quiz  
que se levanta a fazello,  
elle he para isto hũ belliz;  
nem o rafeiro amarello  
tem mais faro no nariz.

Deixa tu metello á estrada,  
e tomar de lá o vento,  
que entaõ naõ te digo nada;  
até dará n'hum Convento  
com huma moura encantada.

Comque agora naõ diráz  
que he por amor das bezerras  
o estares taõ pertináz.

*Braz* por amor dellas? tu erras,  
antes vaõ com Barrabáz.

Cada qual ter deve o peito  
sempre conforme á razaõ,  
porque cá no meu conceito  
quem se vence da paixãõ  
escusa maior defeito.

*Bieit.* Pois se es desse parecer  
podes me agora contar  
o que eu desejo saber;  
escuso de to tornar,  
põis que o sabes, a dizer.



Debaxo deste sobreiro,  
onde affopra o vento brando,  
assentemonos primeiro;  
que o Sol vem zomba zombando  
tirando a calma a terreiro.

*Braz* Ora estás bem regalaõ !  
já te ouvi dizer que nada  
te dava tribulaçaõ;  
e nem no Inverno a geada,  
nem a calma no Veraõ.

*Bieit.* He verdade que algũ dia  
nada me causava abãlo;  
fosse Sol, ou neve fria,  
era andar o meu regalo  
com elle; e ella á porfia.

Porem fui cahindo em mim,  
e andar dessa forte achei  
que era, *Braz*, hũ farnesim;  
e depois que o exprimentei  
acho-me melhor assim.

*Braz* Naõ foi isso há tantos annos,  
que tu agora nos queiras  
contar de ti grandes danos,  
nem tens subido as ladeiras,  
que vaõ ter aos defenganos.

Comque para ser poltraõ,  
Bieito amigo, inda agora  
naõ te acho muita razaõ.

*Bieit.* de huma para a outra hora  
muda hũ homem condiçaõ.

Porem pondo isto de parte  
que he negocio mui comprido,  
naõ sei que demo tem arte  
para tirarte o sentido  
do que chego a perguntarte.

*Braz* Naõ te afreimes de improvisõ,  
ja te digo o que naõ sabes  
de quanto passou Anfriso:

*Bieit.* ora queira Deos, que acabes  
que me tens queimado o fiso.

*Braz* Já sabes, que desterrado  
veio aqui este estrangeiro,  
por ver se no humilde estado  
de pastor, ou pegureiro  
o deixava o triste Fado.

Sabes que no seu rabel  
cantava vir o seu mal  
da pastora mais infiel;  
devia ser outra tal,  
como tem sido Isabel.

Como trazia em tensaõ  
de viver aqui com nosco,  
aquelle traje louçaõ  
que trouxe, mudou no tofco,  
e naõ fez má eleiçaõ.

Pois he coiza mui sabida  
que quando alguem se desterra,  
se quer ter boa guarida,  
há de conformar co' a terra  
todo o costume da vida.

E naõ só no traje, em tudo  
foi taõ modesto no monte,  
taõ prudente, taõ agudo,  
que naõ ha de quem se conte,  
que cá fosse mais fizudo.

E se bem que encommendado  
veio á casa de Montano,  
onde foi bem hospedado,  
logo ao principio do anno  
comprou cabana, mais gado.

Q'o prudente tudo mede ,  
que inda q̄ ao primeiro abrigo  
com grande gofio fe hospéde;  
fe o tal não he muj amigo,  
aos tres dias sempre fede.

Por eſta noſſa campanha  
apazentou o armentio,  
mas com tristeza tamanha,  
que por calma, vento, e frio,  
ſempre della fe acompanha.

E por mais que pretendia  
ſe vinha alguém ocutala,  
na verdade não podia,  
pois do roſto, e mais da fala  
todo o mal ſe lhe entendia.

E ſuppoſto grande pejo  
eſta pena lhe cauſava,  
nunca a ninguem foi fobejo,  
nem juntamente faltava  
no agazalho, e no cortejo.

Aſſim viveo alguns mezes,  
mas via todo o cazal,  
que elle tinha as mais das vezes  
mais cuidado no ſeu mal,  
do que inda nas ſuas rezes.

Por força andava contente,  
e mal alimpava o pranto,  
e por não ſer tão patente  
eſta dor, fugia, tanto  
que ſentia alguma gente.

Depois diſto lhe chegou  
a noticia, que à ribeira  
do ſeu Mondego aportou  
em habito de eitrãgeira  
a paſtora, que elle amou.

A tão grande novidade  
forcejou por reſiſtir,  
mas venceu a levandade:  
muito cuſta perſuadir  
para a ração a vontade.

Foiſe em fim envergonhado  
de não acabar comſigo  
o que tinha decretado:  
por certo grande caſtigo  
deo o amor a eſte coitado.

Todo o armentio vendeo,  
fazenda, cabana, e fato:  
comprei alguém por ſer ſeo;  
e tambem porque barato,  
( eſta he a verdade ) mo deo.

Entre a compra ſe meteraõ  
as bezerras, ſem faber  
que ellas tão arifcas eraõ;  
e eſtava para dizer  
que nunca cá me vieraõ.

Comque pelo S. João  
daqui ſe nos deſvion;  
e ſabe que deſde entãõ  
ategora não mandou  
de ſi novas, nem ração.

*Bieit.* Tu me deixas ſatisfeito,  
mas tambem com eſſa hiſtoria  
tanto á magoa eſtou ſogeito,  
que em quanto tiver memoria  
tereí laſtimado o peito.

Por certo que outra ventura  
eſſe paſtor merecia,  
mas he tão forte a loucura  
de huma amorofa porña,  
que não tem remedio, ou cura.

Per sêr de tal qualidade  
achome atonito, e quedo,  
vendo como a mocidade  
se mete por este enredo  
muito por sua vontade.

Sem que lhe meta receio,  
horror, aviso, e prudencia  
ver o Mundo todo cheio  
desta continua expriencia,  
que se faz no dano alheio.

Cada qual o ponto traga  
em não cahir neste affedio,  
que he de tão maldita praga,  
que tem bem fraco remedio,  
se se chega a abrir a chaga.

*Braz* Tu dirias muito bem  
se valesse estar á vella  
a qualquer de nós; porem  
melhor caie na esparella  
o que mais juizo tem.

*Bieit.* Isso quês tu defender  
pelo que faz a teu geito,  
pois cuido que ouvi dizer  
que aquelle certo fogeito  
te não podia esquecer.

*Braz* Eu confesso que cahi,  
como os demais peccadores.

*Bieit.* por isso fallas assi,  
e cuidas que os mais pastores  
devem passar por ahi.

*Braz* Dêste agora huma razaõ  
de huma peõsõa avisada;  
pois não há no Mundo açcaõ  
a qual não seja julgada  
pela nossa inclinaçaõ.

Sobre tudo o parecer  
que em se abrindo essa ferida  
naõ havia que fazer,  
naõ tornarás a dizer  
melhor coiza em tua vida.

Tu bem sabes da treizaõ,  
que Ifabel a mim me fez,  
e não posso achar feizaõ  
para a deitar huma vez  
fora do meu coraçãõ.

Nem eu comigo me entendo  
nesta paixãõ, pois agora  
a estarei aborreendo,  
mas passada aquella hora,  
logo disto me arrependo.

Naõ cuides que he negligencia  
o trazer em tanto aperto  
sempre a minha paciencia,  
porque te afirmo por certo  
que lhe hei feito a diiigencia.

*Bieit.* Nem tu cuides em deitallo  
fora, que he de balde tudo:  
hás já agora de aturallo:  
temse feito mui taludo,  
naõ he facil arrancallo.

Hás de saber que hoje as fizes  
saõ no coraçãõ da gente,  
como na terra as boizes:  
naõ se arrancaõ facilmente  
depois de deitar raizes.

*Braz* E se hum homem determina  
alcançar algum proveito  
pela via da doutrina,  
nunca para o tal tem geito;  
ora digo que he mofina.

E

Pois



# 34 A Bucolica, ou

Pois quando por derradeiro  
chega a não ser como os tolos,  
he necessário primeiro  
que lho metaõ nos miolos  
atê c'hum maço rodeiro.

*Bicit.* Pois tu inda agora estâs  
no que dizes? entendia  
que ja isto, amigo Braz,  
novo te não parecia;  
emfim és muito rapaz.

Isto hê commum estatuto,  
que assim em todos se observa:  
custa mais o demais fruto,  
tanto na planta, e na herva,  
como no home, e no bruto.

Sem a devida cautella,  
que á semente se lhe applica,  
sem cuidado, ou centinella,  
nace, crece, e frutifica  
o fargaço, e a verdizella,

E para que, Braz amigo,  
traga no valle, ou no oiteiro  
algum proveito comfigo,  
vai hora vendo primeiro  
o que he necessario ao trigo.

Apartallo da hervilhaca,  
lavar a terra, e cubrilla,  
e se acafo ella for fraca,  
hir ao curral, e vestilla  
de bem esterco de vaca.

Destá forte semealo  
hindo a tento com a maõ  
que não fique basto, ou ralo;  
quebrarlhe logo o torraõ,  
e depois disio gradalo.

Elle em fim lá pelo feio  
da terra se vai grelando;  
e apenas se fente cheio  
de humidade, vem brotando,  
do que fora bem alheio.

Já he herva o que foi graõ,  
pois puxando o seu canúdo,  
vai o calor do veraõ  
deitando pelo miudo  
o seu verde coraçãõ.

A pravana manifesta,  
que defende o que entezaira  
o cofre verde, e na fêsta,  
tanto a espiga se faz loira,  
quanto mais o sol a crêsta.

Obedece ao duro talho  
da curva foice, e na eira  
soffre o calco, o trilho, o malho,  
e vem a dar na joeira  
o derradeiro trabalho.

*Braz* Assim he, tudo falece  
para o bem; e o mau se cria  
per si só, e reverdece:  
bem dizia, quem dizia  
que o ruim boi no corno crece.

*Bicit.* Para dar nestas pizadas,  
escusaõse os adevinhos;  
pois são coizas bem trilhadas  
q' o bem tem poucos caminhos,  
e o mal tem muitas estradas.

*Braz* Porem sofrelo hé forçoso;  
e talvez pelo que dizes,  
inda em lugar populoso,  
entre muitos infelizes,  
se achará hum venturoso.

*Bicit.*



*Bicit.* E ainda effe q̄ imagina  
o povo errado em bonança,  
se lhe tirar a cortina,  
mais que a bemaventurança,  
talvez que se ache a mofina.

Has de saber que o desgosto  
tanto ao pastor, como ao Rei  
pode chegar, porque o posto  
naõ he que o livra da lei,  
que o ser humano tem posto.

E quiçais maior pezar  
venha ao Rei, q̄ amim, q̄ o digo:  
mais tormenta se há de achar,  
maior trabalho, e perigo  
quanto for mais fundo o mar.

Chama hum Rei ao pensamento  
nas horas do seu descanso,  
e em vez de tomar alento  
nos colchoens do leito manço,  
poemse em continuo tormento.

Consumindo a fantasia  
para achar tesouros novos,  
sem cançar a monarquia,  
e para manter os povos  
sem guerra, nem rebeldia.

Para munir as fronteiras,  
mandar virreis aos estados,  
e nas naçoens estrangeiras  
saber pelos enviados  
as prevençoens mais ligeiras.

Pois hum Rei nestas fadigas,  
e eu olhando se estaõ fracas,  
se tem cheias as barrigas  
as bezerras, mais as vacas  
e comendo as minhas migas;

Naõ terei menos cordel  
na garganta, inda que esteja  
vestido deste borel?  
e mais se a hum homem sobeja  
a broa, o conduto, e o mel?

Logo a ideia bem affenta  
que he mais perigoso o vau  
em quem mais corpo sustenta:  
quanto mais possante a nau  
tanto maior a tormenta.

*Braz.* Diz Bicito muito bem,  
mas essa confidraçõ  
comigo huma contra tem;  
e que he falta de razãõ  
cuido naõ dirã alguem.

Pois dizem estes, que a lua  
em suas pontas governa,  
que nos annaes continua  
o seu nome; e a fama eterna,  
que há de ser fõmente sua.

*Bicit.* E quantos dos Potentados,  
que julga o teu pensamento  
haõ de ficar enganados,  
pois seraõ no esquecimento  
para sempre sepultados?

Tu enganaste ametade  
nesta conta das pessoas:  
naõ merece a vaidade  
esta gloria, ás obras boas  
só se deve a eternidade.

Quanto mais que aproveita  
depois de morto essa fama?  
se já naõ vive sogeta  
a alma, á lingoa, que infama  
nem áquella, que deleita?

# 36 A Bucolica, ou

Se acaso deſſes louvores  
foſſe a alma conſolada,  
inda aſſim; mas ſãõ errores,  
porque a alma ſeparada  
diſcurſa em coizas maiores.

Com que pelas minhas modas,  
Braz amigo, digo eu  
que em ſe gaſtando eſtas rodas  
da vida; que caia o Ceo,  
mate as cotovias todas.

*Braz* Tu Bieito diſcorrido  
naõ tens mal, mas arreceio  
que naõ figa o teu partido  
muito mais de Mundo, e meio,  
pois me parece atrevido.

Que negar a eſtimação,  
que ſe deo ſempre á memoria,  
pondo á parte inda a razaõ,  
e hindo ſõ atraz da hiſtoria,  
he grande reſolução.

*Bieit.* Tu eſtás muito apegado  
inda ao coſtume mundano;  
depois do Mundo acabado  
eſte nome ſoberano  
donde fica eternizado?

Pois ſe he certo de que tudo  
há de acabar, e morrer,  
tanto o ſabio, como o rudo;  
logo, Braz, o meo dizer  
he mais ſadio, e fizudo.

*Braz* Porem tu mui bem alcanças  
que os mais expertos varoens  
pretendem eſtas lembranças,  
e que as mais arduas acçoens  
tem nellas as eſperanças.

*Bieit.* A's acçoens, que na memoria  
ſe tem fundado ſomente,  
naõ ſe deve alguma gloria,  
porque foi o ſeu agente,  
naõ a virtude, a vangloria.

A acção para ter faude,  
naõ ha de ter inſentivo,  
que o ſeo propoſito mude:  
há de obrar, ſem mais motivo,  
que ſer acção de virtude.

Eſte he o fim, eſte o proemio,  
comque a bondade ſe inflama;  
porque as obras deſte gremio  
naõ attendem para a fama,  
que em ſi meſmas tem o premio.

*Braz* Na verdade eſtou ſuſpenſo  
do que tens diſcreteado:  
ſabes que eſtás mais extenſo  
no ſaber, depois que hás dado  
em ler com Gil, e Lourenſo?

*Bieit.* Paſtor: dos livros o trato  
dos outros nos differença,  
e naõ ſou tão inſenſato,  
que ſe quer huma ſentença  
me naõ ſique no meato.

Tu me ouvirias fallar  
em coizas, que a hum vaqueiro  
naõ he licito tratar:  
mas por ventura o eſcudeiro  
tem ſõ poder de eſtudar?

A alma he a meſma na gente,  
e para a fazer pulida  
a todos ſe lhe conſente,  
tanto a quem tem eſta vida,  
como ao que a tem diferente.

E em fim não he tão estranha  
dos montes a disciplina,  
que fuja desta campanha:  
os principios da doutrina  
cá naceraõ da montanha.

Nem sempre as nossas fadigas  
haõ de andar traz do chocalho,  
ou affando quatro espigas,  
estirados no borralho,  
depois de fartos de migas.

Mas nos fomos descuidando,  
e assim sem tirte, nem quarte,  
nos aqui, vay fenaõ quando,  
vem Basto por esta parte  
as bezerrinhas guiando.

Bem te disse que elle havia  
dar samente conta dellas.  
*Braz* já eu dislo me esquecia,  
nem me lembravaõ vitellas,  
quando Bieito te ouvia.

Mas estimo que as achasse  
por pouparme já se quer  
que segunda vêz andasse  
atrax dellas, sem haver  
parte, que não pescudasse.

*Bieit.* Pois eu presumo que o achado  
custou a Basto bem pouco  
que elle mui defenfadado  
vem cantando: *onde estas louco;*  
que anda agora mui usado.

*Braz* Vé tu como gargareja  
*Bieit.* ora ouçamos a modilha,  
que eu cá tenho certa enveja:  
a quem pela gargantilha  
melhor cantiga despeja.

## CANTIGA.

Onde estás louco onde estás?  
que depois que andas varrido  
trazes o gado perdido?

Deixaste fato, e cabana  
o montado, e a companhia,  
isto por huma ferrana,  
que já to não merecia.

Se tratas assim a quem  
mete a lança a falsa fé;  
para quem te quizer bem  
não sei que guardas bofé.



Deixa essa teima vaqueiro  
torna em ti, cobra o sentido,  
que o teu gado anda perdido.

Naõ te fies na destreza  
dessa fingida pastora,  
porque tem a natureza  
que há na hera trepadora  
esse infame ligamento,  
que te offrece nos seus braços,  
hê so mente hum fingimento  
para fazerte em pedaços.  
Se tu vaqueiro não cuidas  
que tudo nella he fingido,  
digo entãõ que andas varrido.

*Bieit.* Ora ðigote que canta  
o meu Bafto (tu que dizes?)  
como hum cisne? que garganta  
para enxotar codornizes,  
e espantar Maria manta!

Davame, Braz, na cabeça,  
já que vem taõ folgazaõ  
fazerlhe agora hu na peça:  
metidos por esse paõ  
saíamos la na reveça.

Dessa prizaõ, em que estás  
defata, ou rompe o cordel;  
cuidas que não acharás  
mais pastoras, que Isabel?  
Naõ queiras que se consuma  
neste mal, teo fresco Abril;  
pois indaque deixes huma  
acharás, vaqueiro, mil.  
Torna, pois, para o montado,  
que eu não sei com que sentido  
trazes o gado perdido.

*Braz* E tu que queres fazer?  
*Bieit.* Se elle aqui nos não achar  
há sósinho de trazer  
todo o gado, e hás de folgar,  
pelo que grita, de o ver.

*Braz* Vamos, que já dá final  
o gado que a hora chega  
de hir descansar ao curral;  
e lá ao longe fumeга  
tambem o nosso Casal.



Egloga 5

INTERLOCUTORES.

Rodrigo.

Pelaio.

Diogo.

*Rodrig.* Quem com esta madrugada  
levantarte agora foz?  
inda, amigo, neste mêz  
naõ cahio tanta geada.

Que honte as deixei no poufio  
pois fui tal, e taõ sandeu,  
que de todo me esqueceu  
armallas dentro do rio.

Eu estou hirto com frio,  
e tem no por incapâz  
quando eu afirmo que o fâz,  
que sou nisso bem fadio.

*Pel.* Pois eu por baxo da vagem  
puz as minhas bem distantes;  
vamos levantallas, antes  
que venhá alguma pilhagem.

*Pel.* Tambem naõ sou friorento,  
e se differ que fahi  
cá fora, e me arrependi,  
por certo que te naõ mento.

Anda por aqui comigo  
direitos áquella loiza.  
se tiver alguma coiza  
eu repartirei contigo.

Digote que he taõ delgado  
este arfinho, que aqui anda,  
que me tem de banda a banda  
todo o corpo trespassado.

E depois lá voltaremos  
por onde as tuas estaõ,  
e em cima do marachaõ  
até noite as deixaremos.

Naõ vês o campo alvejar?  
esta noite, porquem sou,  
mui bem se defenfadou  
a velha de peneirar.

*Rodr.* Seja tudo quanto dizes,  
mas sabe que offertaes tais  
nunca aceito, em tudo o mais  
te fervirei de narizes.

Mas tu Rodrigo que traças  
por aqui tambem agora?  
*Rodr.* eu fahi fomite fora  
a buscar as minhas naças,

*Pel.* Ora fûs: tu a ametade  
levarás do peixe; e todo  
fe o quizeres, que este he o modo  
da verdadeira amizade.

# 40 A Bucolica, ou

O demais he cousa vã:  
e ainda que me despoje,  
se eu amigo to der hoje  
tu mo darás a manhaã.

*Rodr.* E na verdade és da minha  
laia tambem; mas a folha  
dobremos no ponto; e olha  
naõ te caha a machadinha.

*Pel.* Dizes bem; pois com desvello,  
a conta estarei botando,  
e ficaremos olhando,  
talvez para o sette estrello.

*Rodr.* Perdoeme Deos, se pecco,  
que estava para dizer  
que hei de folgar, por te ver  
ficar cos beiços em secco.

*Pel.* Quererás papel, e tinta  
para o escrever no correio,  
ora, pois, naõ he taõ feio  
o demo, como se pinta.

Fazes essas fantesias,  
e a rede, que a mim me toca,  
estará cheia até boca  
de rouvacas, e de enguias.

*Rodr.* Será o que Deos quizer,  
porem deixando isso agora;  
sabes que trago de fora  
humã coiza, que dizer?

É que me tem esquecido,  
e por muito que desejo  
lembrarme, de todo vejo,  
que me barreu do sentido.

*Pel.* Olha se atinas o assunto?  
*Rodr.* bom vai o atinar: historia:  
ora he-certo, que a memoria  
escorrega como o unto.

Quando naõ me fizer mingoa  
lembrará, sem muito empenho:  
a graça hé de que o tenho  
debaxo, amigo, da lingua.

Ah fim: dizeme Pelaio  
(naõ fei como me lembrou)  
hum moço, que se auzentou  
fará tres annos em Maio;

Naõ fei porque; mas segundo  
a minha fraca lembrança,  
diz que huma triste esperança  
o trazia vagabundo;

O qual moço era da Villa,  
e lá foi taõ estimado,  
que todos do seu agrado  
lhe tomavaõ a postilla,

E se acafo inda diviso  
o seu nome na memoria,  
e ella naõ he transitoria,  
cuido se chamava Anfriso,

Sabes delle, por ventura,  
que ouvi já por duas vias,  
que chegara há poucos dias  
inda co a mesma loucura?

*Pel.* A primeira vez he esta  
que o tenho ouvido; porem  
pareceme que lá vem  
Diogo, que naõ he besta,

E tem lá na villa gente,  
onde vai muito a miúdo,  
e eu te asseguro, que tudo  
nos diga pontualmente.

*Rodr.* Cilo chega. *Pel.* vem embora:  
antesque alguém to-revelle  
estava na tua pelle  
fallando Pelaio agora.

*Diog.* Não seria mal nenhu,  
que daquelles que á traição  
fallando do amigo estaõ,  
não he Rodrigo, nem tu.

*Pel.* Folgo nos tenhas na conta  
de nós sermos della maça.

*Diog.* Se isso for coiza que eu faça?

*Pel.* elle pouco, ou nada monta.

Huma coiza perguntou  
Rodrigo por cruidade,  
porem eu nem da ametade  
da tal coiza, conta dou.

E como vinhas cá ter,  
disse que tu o dirias,  
que tinhas para isso vias:  
*Diog.* e isso que vem a ser?

*Pel.* Como tu ês costumado  
hir á villa os mais dos mezes  
has de saber muitas vezes  
o que lá se tem passado.

E ainda agora há maior prova  
de saberes o que digo,  
pois segundo o que averigo  
não he taõ pequena a nova.

*Diog.* Já vou tendo alguma luz  
do que tu queres saber:  
aposto que o hei de dizer,  
sem dizeres chûs, nem bûz?

*Pel.* Ora vê lá se esquadrinhas  
o que eu tenho no meu cifo.

*Diog.* He isso coiza de Anfriso?

*Pel.* aprellá como adivinhas.

*Diog.* Tinha bem que adivinhar,  
sendo isso a coiza, que agora  
anda em boca a toda a hora  
na villa, e mais no lugar.

*Rodr.* Comq̃ he chegado? *Diog.* pois inda  
o duvidas? eu cuidava  
que a tudo o que o rio lava  
era velha a sua vinda.

Mas não he esta a maior  
novidade, amigos, sua  
he só fim, que continua  
seu mal no mesmo tenor.

Com mortal melancolia  
em casa entrou de repente,  
e não quiz lá de parente,  
nem de amigo a companhia.

Nella estive, sem socego,  
e não bastou nenhum rogo  
a que não fugisse logo  
para as margens do Mondego.

Comque diz, que aqui nos anda,  
sem consolação alguma,  
nesto rio, ora para huma,  
ora para a outra banda.



# 42 A Bucolica, ou

*Pel.* Pois nós por toda a corrente  
não o temos encontrado.

*Diog.* nem eu; pois diz que o coitado  
anda fugindo da gente.

E o que he para ver, que está  
tão mudado, do que fora,  
que quem lhe fallar agora,  
diz que o não conhecerá.

Porque sendo sempre estranha  
sua conversa, e pulida,  
hoje parece nacida  
bem da gemia da montanha.

Lá na ferra foi pastor,  
e por não perder o vicio  
de andár no tofco exercicio  
cá se pôz a pescador.

*Rodr.* E sabes se por ventura  
porque vem para mais perto?

*Diog.* inda se não sabe ao certo,  
supposto que se murmura

Bem sabeis que esta estrangeira,  
que aqui está já desde Abril,  
tem a cara mais gentil,  
que tem visto esta ribeira.

E ainda que tem marido  
(mal empregada ella seja!)  
parece que se moteja,  
que ella o seu mal todo ha sido.

Pois dizem ser a ferrana,  
que do seu fiso o tirou,  
até que por fim trocou  
a casa pela cabana.

*Pel.* Esse tal marido veio  
aqui herdar huma Tia;  
deixo á parte a demasia,  
comque he torpe, tofco, e feyo,

Porem he tão solitario,  
tão cerrado, que effas vezes  
que o vimos há nove mezes  
podem porse em Calendario.

*Rodr.* Ninguém a mandou casar  
sem que foubesse primeiro,  
se com o dito vaqueiro  
se podia conservar.

*Diog.* Tende maõ; que isso foi posto  
noutros termos, cuidou eu,  
porque dizem que o escolheu  
ella por muito seu gofsto.

E por outro certo aviso  
há nova mais exquisita,  
porquê fei que a sobredita  
por elle deixou a Anfriso.

*Pel.* Pasmado estou de o dizeres;  
há historia como hê essa?

*Diog.* assim lhe pregou a pessa  
*Pel.* fiaivos lá nas molheres?

*Diog.* Pois que home haverá fizudo,  
que de tal gente se fia?  
se he nellas tudo falsa,  
tudo engano, traição tudo?

Ellas andaõ de redor  
buscandome a mi, e a tí;  
e aqui mais, ou mais allí  
sempre escolhem o peor.



Q' lhe importa a hũ homem faõ  
ostentar de ser garrido,  
enfeitado, comedido,  
avifado, e mais louçaõ;

Se quando chega o intento  
de mostrar n'alguma parte,  
diante dellas, brio, e arte,  
vallor, e merecimento,

Sempre atrás fica, e primeiro  
he lá no feu bom miollo  
o mal amanhado, o tollo,  
o descortez, e o grofseiro?

*Rodr.* E nos fomos inda taes,  
que sem úzar de cautellas,  
andamos sempre trás dellas  
por montes, e chavafcaes.

*Diog.* Olhai cá este exercicio  
do amorifco, as mais das vezes,  
entre nos os Portuguezes,  
mais, do q' outra coiza, he vicio.

Vemos requeftar a esmo  
hum maganaõ, hum vadio,  
outro, sem ter este cio,  
tambem quer fazer o mesmo.

Vemse grãdes amadores  
em hum livro de novelas,  
e passar muitas mazelas,  
e trances em feos amores;

Algun de nos, que a ametade  
do feu fiso lhe esqueceu,  
tudo quanto ouviu, e leu  
cuida que he a mesma verdade.

E logo em si determina  
buscar desde aquella hora  
humã linda pescadora,  
mui amante, e peregrina.

Comque he isto tanto affim,  
que a mais valente peffoa,  
que ate qui passou a Goa,  
se fez deite farnesim.

Pois lendo as acçoens possantes,  
(no tẽpo em q' os mais dormiaõ)  
que antigamente faziaõ  
os cavaleiros andantes;

E perguntada a razaõ  
de ser sempre taõ audáz,  
diffe: mais fez Ferabráz,  
Reinaldo, Amadiz, Roldaõ.

Mas dou eu a má maleita  
quem tais livros fazer oiza,  
que maldita seja a coiza,  
que homem delles se aproveita.

*Pel.* Quem me dera que te ouvira  
quanto tens dito Guimar,  
que he prezada de estudar,  
e de não dizer mentira;

E tambem de defender  
o respeito das molheres,  
para tu entaõ faberes  
como te havias de haver.

*Diog.* Pois, Pelaio, ves tu essa,  
onde há tanto presumir,  
entende que há de cahir  
no que digo, mais depressã.

# 44 A Bucolica, ou

Onde vires presumido,  
melindroso, ou embicado,  
mais dia, ou menos contado,  
hás tambem de o ver cahido.

Arrenega tu da gente,  
que hum arsinho lhe fáz nojo:  
panella, que não tem bojo,  
tem menos onde se assente.

E se quanto me parece  
dizer hei, a tal Guiomar,  
por feu modo de fallar,  
digote que me aborrece.

*Pol.* Antes que a lingoa se atreva  
a mais, tem conta comtigo,  
porque aqui temos Rodrigo,  
que não sei se a bem o leva.

*Diog.* Não sabia que elle tinha  
para tal parte esse geito,  
mas se alguma dor lhe hei feito  
eu lhe darei a mofinha.

Porque eu a gabarei tanto,  
que torne outra vez em si,  
se acafo o que disse aqui  
lhe caufou algum quebranto.

*Rodr.* Nem tal Diogo me digas,  
pois eu para não morrer  
delle mal, bem sei fazer  
no meu punho quatro figas.

*Diog.* Mas inda assim o conselho  
de Pelaio, não foi rudo,  
pois não só estás sezudo,  
mas fizeste te vermelho.

*Rodr.* Olha tu para negarfe  
o não serlhe afeiçoado,  
isso he mentir de contado,  
e a verdade há de fallarfe.

Eu não encubro, nem nego  
que lhe soffro algum desdem  
quando vai, e quando vem  
buscar agoa do Mondego.

Mas por dizermos agora  
que isso está já nesses termos,  
não he razaõ, até vermos  
se isto vai de fõs em fora.

*Diog.* Pois custava-te fallar,  
e dizeres o que havia  
porque com mais cortezia  
a poderfemos tratar?

Eu Rodrigo te confesso  
que a não gostei atéqui,  
mas já por amor de ti  
a veneralla comeffo.

Não prefumas, que te trinco,  
vá o tedio para a rua;  
por saber que he coisa tua  
me vai parecendo hum brinco.

*Rodr.* Eu Diogo a informarei  
dessa grande novidade,  
porque te pague a vontade,  
que eu talvez não poderei.

*Diog.* Tu cuidas que estou de chança?  
mas isso não te condeno,  
pois quasi sempre veneno  
traz consigo esta mudança.

Porque he certo q̄ o q̄ eu tenho  
cá de intrínseca virtude,  
não he possível se mude  
por este, nem outro empenho.

E se pela adulação  
outra coiza se publica,  
cá por dentro sempre fica  
como estava o coração.

Homem não he como a esponja,  
que toma a cor do que apanha;  
o mais se não he patranha,  
não escapa de lisonja.

Porem tudo he necessario,  
que há homem tão mal disposto,  
que quer trazer a seu gosto  
sempre o amigo feudatario.

Se hê forte, quer que peleje,  
se fraco, quer que elle fuja,  
se fallador, quer que estruja,  
se envejoso, quer que enveje.

Há de amar, se tambem ama,  
odiar, se acaso aborrece,  
matar a quem elle empece,  
bejar, a quem elle chama.

*Rodr.* Mas sabes que dessa láia  
não tenho nenhum remendo,  
que eu, amigo, não descendo  
dos Fidalgos de Biscaia.

Comque poderas fallarme  
menos trincado, e trahido.  
*Diog.* pois eu me dou a partido,  
falta agora perdoarme.

*Pel.* Nos vamos cá para o rio  
vê se queres hir com nosco?  
*Diog.* Rodrigo ficou mui osco,  
não lhe quero dar fastio.

Mas até essa amieira  
todos juntos nos hiremos,  
e lá nos apartaremos,  
que vou ver a sementeira

Que fiz com Pedro Carrilho,  
e Amaro Sopa, e se he certo  
o que hontem me disse Alberto,  
tenho lá fermoso milho.

*Pel.* Deos lhe encha bem as espigas;  
e nos dê boa colheita;  
que he a mais certa receita,  
para comermos as migas.

*Diog.* Tomai a volta do rio  
por aqui, q̄ he chaõ mais brando,  
que eu vou cá endireitando  
pelo meio do pouso.

E ao depois lá no terreiro  
nos veremos ao jantar,  
que se o sol não se embruscar,  
há de fazer bom solheiro.

Se não dêr a defenteria.  
nas visinhas, eu entendo  
q̄ há de vir a Irman de Mendo,  
Igues, Pascoa, e mais Quiteria.

E tu vai tambem Rodrigo  
que Guiomar não faltará.  
*Rodr.* que ella vá, ou que não vá  
pouco importa. *Pel.* adeos amigo.



## Egloga 6

## INTERLOCUTORES.

*Anfriso.*

Junto á borda do Mondego,  
para achar algum descanso  
hum barqueiro, sem socego  
se poz ao pê de hum romanço,  
que alli faz o doce peço.

Deitava a sombra hum salgueiro  
para a relva do pouso ;  
detras delle hum verde oiteiro,  
á veia do claro rio  
lhe ficava sombranço.

Formavaõ os passarinhos,  
saltando com alegria  
de huns para outros raminhos,  
huma confusa harmonia  
nos boiques circunvizinhos.

No mesmo tempo igualmente  
com o liquido quebranto,  
mas não sei se tão contente  
acompanhava o seu canto  
o susurro da corrente.

Como tinha introduzido  
no fundo na sua areia  
o pezar de hum affligido  
parecia a sua veia,  
mais, que musica, gemido.

*Beliza.*

Comque de huma, e de outra ave  
turbado o murmureo tinha;  
e ás costas cõ pezo grave  
do mal alheio, caminha,  
mais tristonho, que suave.

Mas o pescador, que estava  
vendo como cristal brando  
em seo mal o acompanhava,  
por elle de quando em quando  
os suspiros espalhava.

E o rio cortêz, que ouvia  
lançar tão sentidas magoas,  
tanto dellas se dohia,  
que huma vez largava as agoas,  
outra vêz as suspêdia.

Vese o pescador disposto  
a queixarse ao Fado impio;  
e perdida a cor do rosto,  
começa a tomar o fio  
da historia do seu desgosto.

O canto das aves mudo  
se poz, o confuso estilo  
do rio, e do bosque rudo  
se calou; e para ouvido  
ficou em silencio tudo.

Vendo



Vendo pois cessar o ruído  
de todos á pena sua,  
sem alento, sem sentido,  
abre o peito, e continua  
desta forte o seu gemido.

*Anfr.* Quão alheio, e differente,  
patrio Mondego, me viste,  
se he que ainda estás presente  
no que fui: hoje tão triste,  
algum dia tão contente.

N'hum bruto, filho do vento,  
cortei já teu cristal brando  
com grande contentamento,  
hoje só discorro, e ando  
debaxo do meu tormento.

Já te dei bastante enveja,  
e ella mesma se confunde  
de ver que o cristal me seja  
mais hum pego, em q̄ me afunde,  
que hum espelho, em q̄ me veja.

Deixei a alegre campanha  
destas margens cristalinas;  
fui buscar a terra estranha;  
e troquei estas boninas,  
pelos cardos da montanha.

Mas não foi curiosidade  
foi hum influxo malino  
de tão fatal qualidade,  
que arrastou o meu destino  
contra o poder da vontade.

Não me chames pois ingrato  
que mais não pode o alvedrio;  
assim nunca possa o trato  
do adusto, e do secco estio  
fazer que sejas regato.

Não queiras outra vingança,  
sem eu a ter merecida,  
que verme nesta mudança;  
desbaratada, e perdida  
já toda a minha esperança.

No que me acharás culpado  
he de eu estar contagioso,  
e vir verte neste estado;  
pois te deixei venturoso,  
e te busco desgraçado.

Que tão mortaes, e malinas  
saõ, ò rio, minhas magoas,  
que com ellas, de ruínas  
se podem encher as agoas  
destas margens cristalinas.

E já pelo sitio ameno  
deste campo, desta areia,  
desta relva, este terreno,  
fora assim, se huá Sereia  
não salvasse este veneno.

Huma Sereia, que espanta  
as funestas influencias,  
quando os seus olhos levanta;  
e leva a rasto as potencias,  
e os sentidos, quando canta.

Q' Ninfa, ou Deosa do monte  
algum dia foi; e agora  
vem buscar este horizonte  
para ser tambem senhora  
do mar, do rio, e da fonte

# 48 A Bucolica, ou

Anda aqui; mas com tal manha  
(guardaivos quantos a vedes)  
que por toda esta campanha  
quando deita as suas redes,  
peixes não, almas apanha.

Se tiveres tal ventura,  
que nestes campos a figas,  
e ella chegue a agoa pura,  
peçote muito, que digas  
isto á sua fermosura.

Pastora, Ninfa, ou Deidade  
da montanha, campo, e rio,  
não andes tanto á vontade,  
vê que teas hum alvedrio  
roubado, com falsidade.

Vê que tarde, ou cedo a paga  
da treição sempre está certa;  
que nunca a offensa se apaga,  
quanto mais estando aberta,  
e escorrendo sangue a chaga.

Não maltrates tanto a gente,  
tais insolencias obrando ;  
que para o farpaõ ardente  
de Cupido, está clamando  
já tanto sangue innocente.

Tu não só com teos rigores  
os estranhos tens perdido,  
mas tambem os teos pastores;  
e alem disso, hás offendido  
as Deidades superiores.

Tu mesma a Casta Diana  
aggravar, Ninfa, chegaste,  
fendo no monte ferrana,  
pois sem pejo algum manchaste  
a pureza da cabana.

A Hymineo estimulado  
deixaste de igual treição;  
pois contra o voto sagrado  
da promessa, deste a mão,  
que a outrem tinhas já dado.

O mesmo fizeste à Afreia,  
só por huma vil cobiça,  
rezolvendo a tua ideia,  
contra o pezo da justiça,  
dar a joia, que era alheia.

Tu emfim ao Deos cupido  
ante seo mesmo semblante  
hás gravemente offendido,  
elegendo por amante,  
olha bem, hum tal marido !

Como, pois essa impiedade  
traz os rigores tão bravos,  
tendo de huã, e outra Deidade  
sobre si tantos aggravos,  
de tão feia qualidade?

E mais quando de contino  
por todas estas ribeiras,  
pedindo ao favor divino,  
as vinganças justiceiras,  
anda ha tanto hum peregrino?

Dirlhehas isto, rio amado,  
pois tambem a agoa pura  
alcançou lingoas do Fado;  
e sabe, quando murmura,  
dar mui bem o seu recado.

Mas huma coiza te digo,  
e te advirto, que supposto  
me caufasse este perigo,  
fe a vires vai tu disposto  
a darlhe favor, e abrigo.

Comque se pizar a areia  
ou banhar o corpo n'agoa,  
vê lá como se recreia:  
naõ lhe dês alguma magoa,  
mas antes a lisonjeia.

Que inda que da minha offensa  
tenha no Ceo esperança  
para alguma recompensa,  
de ministrar a vingança,  
naõ tens, ó rio, licença.

Digo mais: naõ há pinheiro,  
nem ha choupo, q̄ em memoria  
de meu dano, por inteiro  
naõ tenha da minha historia  
no tronco posto hum letreiro.

E tambem na branca areia  
destas margens, naõ ha praia  
banhada da tua veia,  
em cujo papel, naõ saia  
hum a escriptura taõ feia.

E assim, rio, se em alguma  
occafiaõ bater o vento,  
e empolarte mais presuma,  
delhe sempre acatamento  
ao letreiro, a tua escuma.

E naõ queiras que razeõ  
possaõ ter os ramos brancos  
para dizerem que saõ  
para esta historia os seos troncos  
de mais nobre duraçaõ,

E tambem (isto he mais certo)  
porque intenta o meu delirio,  
se chegar aqui de perto,  
que ella veja o meu martirio  
atê nesta areia aberto.

Mas ai de mim, que figuras,  
taõ vaõs poem minha agonia  
dentro das fombrias escuras  
da cançada fantasia,  
se isto tudo saõ loucuras?

Cesse, pois, o pensamento  
de andar sempre recordando  
o que naõ tem fundamento,  
e com isto requeitando  
com mais força, o meo tormento.

E a fruta defenganada  
fique do canto grosseiro:  
de todo destemperada  
a deixo neste salgueiro  
para sempre pendurada.

*Bel.* Antes que deite a cortina  
nesta praia a sombra escura,  
vendo estancia taõ divina,  
quero gozar da frescura  
desta margem cristalina.

Por este bosque visinho,  
sendo taõ longo, e taõ vario,  
por este alegre caminho,  
está tudo solitario,  
mudo, deserto, sózinho.

Que lugar accommodado  
paraque possa o sentido  
largar a redea ao cuidado;  
ou seja de hum affigido,  
ou de hum bemaventurado!

Só do rio hum rouco accento  
se ouve em liquido quebranto,  
dos peixes o movimento,  
das aves o doce canto,  
o brando assopro do vento.



# 50 A Bucolica, ou

Mas alli (ora por certo  
que muito bem discorria!)  
hum vulto está descoberto:  
que loucura! eu o não via  
estfando de mim tão perto.

Quem será? mas ja o diviso;  
se não me engana o seo rosto,  
elle parece-me Anfriso:  
que fará elle aqui posto?  
terá já cobrado o ciso?

Ouvi dizer que lhe dura  
inda huma antiga promessa  
que eu fiz; e que esta loucura  
não lha pode da cabeça  
tirar viva creatura.

E na verdade que finto  
vello em tão funesto estado;  
pois cá por dentro perfinto  
a vexação que o coitado  
terá neste laberinto.

Porem elle ao sono entregue  
cuido está; e a sua fragoa  
não he já tanta que o chegue  
a tal extremo, se a magoa  
lhe dá tempo a que socegue.

Comtudo de quando em quando  
se afflige; e altera o socego  
em que está do sono brando:  
eu quero ouvillo; e me chego  
a ver o que está sonhando.

*Anfr.* Falsa Beliza: *Beliz.* comigo  
he toda a historia do sonho.

*Anfr.* bem q̄ em vão te adoro, e figo,  
já que a par de ti me ponho  
ouve ao menos o que digo.

*Bel.* Lá na sua escuridade  
toda a ideia peregrina  
que aqui estou o persuade;  
e he a primeira vez que atina  
o sonho com a verdade.

Porem o seo frenesi,  
nem hum instante o repouso;  
já se levanta: ai de mi;  
dera eu alguma coiza,  
não me achara agora aqui.

*Anfr.* Ah Beliza: estou desperto?  
que he isto fortuna brava?

*Bel.* fiz-te agora o sonho certo.

*Anfr.* he verdade que sonhava  
que te tinha de bem perto.

*Bel.* Ves ahi como te trata  
meu cuidado em tua auzencia,  
quando o teu me defacata  
com a publica indecencia  
de me andar chamando ingrata.

*Anfr.* Não sinto que nisto vejas  
nenhum aggravo de conta,  
antes cuido que o desejas:  
qual será maior affronta,  
cu que o chame, ou tu q̄ o fejas?

*Bel.* Pois que fiz eu, porque tome  
por empreza o teu intento  
de em tudo, o que não consome  
do tempo o giro violento,  
andar gravando este nome?

*Anfr.* E tu achas, que inda he pouco  
o porfime neste estado,  
em que sou tido por louco,  
por necio, por malfadado,  
por cego, por mudo, e mouco?

*Bel.*

*Bel.* Pois nessa infeliz mudança  
como eu lá culpado ando?

*Anfr.* fô te gabo a confiança:  
ah-ingrata; para quando  
guardaó os Ceos a vingança?

Vem cá falsa, estás prezente  
na palavra, que me deste?  
pois se he que estás innocente,  
cumpre o que me prometeste,  
que he ser minha eternamente.

*Bel.* Pois eu tinha por ventura  
poder na minha vontade?  
fabe Deos que á forte escura  
já pedi que a liberdade  
me desse, ou a sepultura.

Sei que essa palavra deo  
minha fé, mui bem o vejo,  
mas quando se prometteo  
fallava do meu desejo,  
que o demais não era meo.

E sendo neste sentido,  
me parece que não tenho  
faltado no promettido,  
antes eu a inferir venho,  
que tu nisso hás incurrido.

Desde aquelle infausto dia,  
logo a montanha deixaste,  
e em ti foi a vilania,  
pois tu es quem te auzentaste,  
sem saber o que eu faria.

*Anfr.* E a tão infausta violencia  
que querias tu que fosse  
despique, senão a auzencia?  
para verte em outra posse  
darmehias a paciencia.

*Bel.* Daria, na segurança  
que só não se continua  
na morte a nossa esperança:  
comque a ingraticão foi tua,  
que não foi minha a esquivança.

Tu fugiste; e fugitivo  
de mim, e sem verte andáras,  
se eu não desse algum motivo  
para vir ás agoas claras  
do teu Mondego nativo.

Se para acharte, não fei,  
mas tambem tu não dirás,  
que eu fui a que me auzenteis:  
vê qual fica mais atrás;  
tu fugiste; e eu te busquei?

*Anfr.* Mas ai de mim que aproveita  
daresme inda essa esperança,  
se vem já tão contrafeita,  
que nella a triste lembrança  
mais se enluta, que deleita.

Se sempre hás de ter cingido  
o tyranno de huma gloria,  
que eu já tinha merecido,  
como com esta memoria  
pode alentarse o sentido?

Como he possível que a ideia  
seja tão vil, e mesquinha,  
que se acomode, ou q̄ creia  
(por mais q̄ o digas) q̄ és minha,  
se estou vendo que es alheia?

*Bel.* Nada vale essa razaó  
pois só o affecto he que tem  
nas almas jurisdicaó;  
comque a minha sempre alem  
vivrã desfia prizaó.

# 52 A Bucolica, ou

Mas com tão sagrado intento  
que indaque entrego a vontade,  
he o arrojo tão attento,  
que nunca da honestidade  
faie fora o pensamento.

*Anfr.* Tu bem sabes que a cabana,  
onde achei sempre propicio  
teu favor, sendo ferrana,  
ardeu com o sacrificio,  
não de Venus, de Diana.

Verdade tão manifesta,  
que não há nessa espessura,  
onde tinhamos a fésta,  
relva, que não seja pura,  
folha, que não seja honesta.

*Bel.* Pois, Anfriso, tu alcanças  
que isso ja não tem remedio,  
e que as tuas esperanças  
não se alentaõ com o tedio  
das minhas tristes bonanças.

Eu de verte me lastimo,  
e de ouvирte juntamente:  
vejo que perdeste o arrimo  
do teu lar; e he já patente  
tambem q̄ te amo, e te estimo.

Vejo que não há cazal;  
nem bosque, campo, ou oiteiro,  
que tenha ouvido o teo mal,  
que não te escute primeiro  
ser eu falsa, e desleal.

Aceita, pois, o partido  
de darte tudo o que posso,  
ou vê lá se o teu sentido  
fazer pode que o amor nosso  
nunca seja mais ouvido.

Que he injuria que me toca  
dentro n'alma, e martiriza,  
e he certo que me provoca,  
ver o nome de Beliza  
tão feio na tua boca.

*Anfr.* Eu aceito esse contrato  
verei se posso comigo  
acabar algum recato,  
mas sou tão meu inimigo  
que contra mim me arrebatô.

Porem tempo me hás de dár  
para saber o que escolho,  
que isso dêvese cuidar.

*Bel.* Cuida-o bem, q̄ eu não te tolho,  
mas no entanto hás de calár.

*Anfr.* Indaque agora forceja  
por dizello o mal severo,  
não he possivel que seja,  
q̄ vem hum vulto; e não quero  
que contigo aqui me veja

*Bel.* Elle vem cantando; e cudo  
que o tras bem arrebatado  
a cantiga, mas comtudo  
abaixa o corpo hum bocado  
ver se passa com descudo.



## CANTIGA.

Galateia, Galateia  
 foste minha, e és alheia,  
 e disto são testemunhas  
 este campo, e esta areia.

Naõ te envergonhas tyrana  
 de ser minha, e de mudarte,  
 e levar para outra parte  
 o fato, e mais a cabana?

Dize infame Galateia:  
 como acabaste comigo,  
 sem temer algum castigo;  
 dar a joia, que era alheia?

Fugiste da tua gente  
 lá para huma terra estranha;  
 e pelo horror da montanha  
 trocaste a luz da corrente.

Que pensamento, que ideia  
 te deo esse desatino?  
 quando tomaste esse tino  
 tu estavas de ti alheia.

Torna, pois, deixa o desvio,  
 volta ao campo, larga o monte  
 porque está o prado, a fonte,  
 a praia, a margem, o rio,

A floresta, a relva, a areia,  
 o cazal, o gado, a gente,  
 clamando continuamente  
 Galateia, Galateia.

*Anfr.* Comtigo falla sospeito  
 o pescador, mas agora  
 não he tempo do conceito;  
 vamosos Beliza embora,  
 que elle vem cá ter direito.

*Bel.* Dizes bem; e do partido  
 em q̄ ficamos? *Anfr.* não sei  
*Beliz.* inda não tens escolhido?  
*Anfr.* não: mas sempre escolherei  
 o que me deixe perdido.

De balde o discurso canso;  
 que ha de vir o pensamento  
 a aceitar, segundo alcanço,  
 o melhor para o tormento,  
 e o peor para o descanso.

# Egloga 7

## INTERLOCUTORES.

*Sancho.*

*Amar.* Hontem que vi levantar  
aquella nevoa de dia,  
logo presumi que havia  
de andar hoje assim o Mar.

*Sancho.* Olha como se maneia!  
como faiem encrespadas  
as escumas, e quebradas  
as ondas, por esta arcia!

Virgem sagrada, que colla  
traz por esta banda aquella!  
vê la como se encapella,  
como se mexe, e se enrolla!

*Amar.* Todas parecem hum feixe  
de agoa viva; amigo Sancho,  
vase muito embora o gancho,  
que o dia não he de peixe.

Eu dou hoje de barato  
deixarme estar aqui posto,  
que não tenho nenhum gosto  
de hir ter hum esfolagato.

Isto tem o Mar: huma hora,  
não há mais; parece hum charco;  
e se homem prepara o barco  
acha-o já de fôz em fora.

*Amaro.*

Tudo nelle he falsidade,  
tudo treição, e mudança,  
acena com a bonança  
para dar a tempestade.

*Sancho.* Se cavares mais profundo  
com essa confidração  
acharás essa treição  
quasi em tudo o q̄ há no Mundo.

E assim nelle não se encerra  
fômente, Amaro, este engano;  
he tudo do mesmo pano,  
seja Mar, ou seja Terra.

Senaõ, já que nisto tocas,  
falla agora cá comigo:  
onde achaste tu amigo,  
sem mil caras, e mil bocas ?

Em que parte, ou em q̄ estado,  
seja no mal, ou no bem,  
achaste tu inda alguem  
que não fallasse trincado?

Pois se hum homem ter deseja  
melhor barco, e melhor rede,  
ve que vontade, e que sede  
lhe trazem todos de caveja!

Se homem reza o seu rosario,  
e comfigo anda fomento,  
dizem que foga da gente,  
que he bisonho, e solitario.

Se acafo o seu arrecada,  
e naõ satisfaz ao rogo  
do pedinte, dizem logo  
que naõ presta para nada.

Se lhe chega alguma gana  
de andar hu pouco garrido,  
todos clãmaõ q he perdido,  
que dá com tudo em Pantana.

Comque emfim naõ sei dizer  
entre povo taõ malvado,  
por mais que ande registado,  
como há homem de viver.

E naõ he isto o peior  
na minha confidraçaõ,  
que eu posso fazer entãõ  
orelhas de mercador.

Mas vir com cara de riso  
hum a dar-me á falsa fé;  
a gente desta relê  
he que faz perder o fiso.

Isto digo da treição;  
e o que respeita á mudança  
em que fallei, indã alcança  
muito maior jurdiçaõ.

Eu conheci hum barqueiro,  
com bem poucos cabedais;  
hoje tem que os outros mais,  
e já te mete a escudeiro.

E vês tu Affonso Guerra,  
que está pobre como Jó,  
pois dizia meu Avô  
que era o melhor desta terra.

Vês tu alli dondê a gente  
toma o fol! tambem dizia,  
que aquella alta penedia  
fora hum paço antigamente.

E assim mais que estas janellas,  
agora de tanta estima,  
se pozeraõ lá em cima  
com barcos, e caravellas.

Vês a Mãe de Jsabelinha,  
pois dizem-me que lograra  
a mais bella, e linda cara,  
que havia nesta marinha.

Hoje a vista se envergonha,  
se para ella os olhos lança:  
pode emfim tanto a mudança,  
que a voltou em carantonha.

*Amar.* Mas he essa a melhor peça,  
que faz toda a viravolta  
deste Mundo, quando solta  
os feos giros mais de preça.

Da quella, que me respinga  
viverei alegre, ao menos,  
de que dia mais, ou menos  
vem o tempo, que me vingã?

*Sanch.* Isto supposto naõ tens,  
Amaro, que te affligir  
se te quizer consumir  
Margarida, com desdens:



# 56 A Bucolica, ou

*Amar.* He verdade; pois há coisa  
como ter esse discurso?  
mais quando o tempo em seu curso  
não socega, nem repouza?

Antes sempre vai passando  
piaõ, piaõ seu caminho;  
hora estando a nós vilinho  
hora os passos alongando?

Sem pôr nunca pela gente  
pelo monte, ou pela estrada  
n'alguma coisa a pegada,  
que a não deixe diferente?

Digo-te que maior gosto  
não pode ter meu desejo,  
do que quando Sancho vejo  
já derrancado hũ bom rosto.

Ver huma quando tem brio,  
como he presumida, e avara!  
quanto preza a sua cara,  
a vontade, e o alvedrio?

Como falla mui direita  
ceceando o seu suffuro!  
tudo lhe fede ao esturro,  
tudo larga, tudo engeita.

Prezando-se os seus cuidados  
de crueis, e carneiros,  
por ver os pobres barqueiros  
sempre atrás della arrastados.

E ao depois chegando a era  
em que hũ anno, e outro passa,  
ver como vai dando a trassa  
naquella imagem de cera!

Como o rosto o tempo lavra!  
como alveja o pello loiro!  
como se enverruça o coiro!  
como lhe treme a palavra!

Não entendes que he mudança  
esta, Sancho, de me dar  
grande gosto; e regalar  
com ella a minha lembrança?

*Sanch.* Inda assim apostarei  
que te havias de affigir  
se o chegasses e sentir  
em Margarida: *Am.* eu não fei

*Sanch.* Huma bem larga ventura  
na verdade lhe hẽ devida,  
que eu não vi na minha vida  
mais perfeita criatura.

Ver o como em toda a parte  
vai briosa: ver o afeito  
o geito, o ar, o meneio,  
sem affectação, nem arte:

Como falla mesurada,  
e responde comedida!  
como he humilde, e encolhida,  
vigilante, e recatada!

Os olhos faõ duas tochas,  
cujo lume he tão activo,  
que mudaõ em fogo vivo  
os bronzes, e mais as rochas.

Do cabello o movimento  
o doce Favonio aballa,  
e com elle se regalla  
o brando affopro do vento.

Quando abre a boca, onde o rogo  
seu bem, ou seu mal encerra,  
diga sim, ou não, a guerra  
nos publica a sangue, e fogo.

Finalmente quando a planta  
piza o goivo, o cravo, o lirio,  
fente tão pouco martirio,  
que mais vivo se levanta.

*Amar.* Quem te meteo na cabeça,  
Sancho amigo, effa parolla,  
se a tiraste da cacholla,  
quem te vio, não te conheça.

*Sanch.* Pois que julgas da parlenga?  
em fim caies, como hum tordo;  
não ves q' o cifo he muy gordo,  
para fazer esta arenga?

*Amar.* Com effeito ella he discreta.

*Sanch.* pois isto foi hum retrato,  
que fez certo mentecato,  
que dizem que era Poeta.

*Amar.* Não era parvo em verdade;  
e tu tiveste pachorra  
de o meter aqui de gorra?  
ora tens habilidade.

*Sanch.* Não falles de zombaria,  
que ha muitos destes fandeos,  
que já venderão por seus  
os versos, que outrem fazia.

Já o cahir na laseira  
de mandar á sua linda  
cartas, que estaõ em Florinda,  
isso he coiza corriqueira.

*Amar.* Parece coiza de riso  
que haja no Mundo tal gente,  
que nunca esteja contente  
cõ seu pouco, ou muito cifo.

Que haja honrem tão fandeo,  
que vilmente há de gabarfe,  
sem que possa contentarfe  
cõ aquillo, que Deos lhe deo?

Senão pode com ornato  
ageitar huma oração,  
falle como o pai Adaõ,  
que he melhor, e mais barato.

Chame a tudo por seu nome,  
peixe ao peixe, broa à broa,  
que he o que melhor me soa  
quando a peço, e tenho fome.

*Sanch.* Que muita gente coxeia  
deste cifo, hás de cuidallo;  
e quem endireitallo  
arrimando-o em boca alheia.

Como se o cifo coitado,  
quando tenha algum mão geito,  
para andar sempre direito,  
lhe vallesse algum cajado?

Porem usar destas tretas  
lá entendem que he preciso;  
comque anda o pobre do cifo  
sempre metido em muletas.

*Amar.* Pois sabe que outra sandice  
inda há maior; que há fogeito  
que acha só o seu bemfeito,  
e o dos outros parvoice.

*Sanch.* Eu te digo que he maior  
essa teima; e a outra menos;  
que aquelle confessã ao menos,  
dentro em si, que he peccadôr.

Mas o outro, que indã o nega,  
quando comfigo repoiza,  
digo que he eita huma coiza,  
comque o discurso a renega.

E não cuides que só andã  
em gente de pouco porte:  
cã, e lá; na villa, e corte,  
nisto tudo se desmanda.

*Amar.* Bem sei que nesses caminhs  
sempre tropeça a razaõ,  
mas quem haverá, que não  
se embebede com seu vinho?

E sem que muito adelgace  
o meu cifo, hei descoberto,  
de que todo o defacerto,  
Sancho amigo, daqui. nasce.

Dãme tu que cada hum veja  
sem a inclinaçõ, que o atiga,  
que tudo em paz, e justiça,  
eu te darei que se reja.

Nunca poderam os Reis  
temperar este negocio,  
sem ter descãço, nem ocio,  
em andar fazendo leis:

E eu só com duas razoens,  
a vir nellas todo o Mundo,  
me atrevia a pôr no fundo  
o dano destas paixoens.

E vem ellas, Sancho, a fer,  
indaque ditas a Esmo:  
Não faças a outro o mesmo,  
que a ti não queiras fazer.

*Sanch.* Também dissera outro tanto,  
sem ninguem me ter enveja,  
pois há muito que na Igreja  
se deu esse dia santo.

Essa he a lei natural;  
mas guardalla ahi he ella;  
pois sem a grande cautella  
da justiça nada val.

Que ellã, Amaro, não foi feita  
para outra nenhuma açcaõ,  
nem para outro fim, senãõ  
para a conservar direita.

E só seria escusada  
quando a humana natureza,  
naõ estivesse taõ preza,  
enferma, e desbaratada.

Mas a sua podridãõ  
já com nosco he taõ mortal,  
que he puxarmos para o mal  
toda a nossa inclinaçõ.

*Amar.* Pois eu, Sanchõ, o que dizia,  
e no que ainda me fundo,  
he que se quizesse o Mundo  
que o Mundo se emendaria.

*Sanch.* De hum impossivel me fallas,  
que ao fiso não satisfaz,  
que o Mundo não he capãz  
de aceitar o que afinallas.



Esta mesma cor, e pelle  
ha de ter em toda a idade;  
e já agora a enfermidade  
ha de fallecer com elle.

Não sei como se atreveça  
andando em tanto vaivem:  
ninguem sabe quando o tem,  
ou dos pés, ou da cabeça.

*Amar.* Por certo, amigo barqueiro,  
que agora zomba zombando,  
temos assim conversando  
governado o Mundo inteiro.

*Amar.* Pois tu não cuidas que he vicio  
isto de andar embarcado?  
eu te digo que assentado  
tenho de deixar o officio,

E não faltará quem diga,  
se nos ouvio nesta arcaia,  
que he esta pratica alheia  
de toda a nossa fadiga.

Não merece desengano  
trazermos nesta partida  
pendente o fio da vida  
de quatro taboas, e hum pano!

*Sanch.* Pois se acaso to differ,  
tu lhe dirás a esse Momo,  
que eu por minha conta tomo  
o quererlhe responder.

Dizem que quem se costuma  
ao Mar, nunca o barco deixa,  
por mais que delle se queixa,  
e que largallo presuma:

Q' a hū barqueiro, inda q̄ rudo,  
não lhe será coiza nova,  
que lá pela sua trova  
possa ser tambem agudo.

Mas hei de deixallo aos poucos,  
bem que dê hum par de ais,  
porque, Sancho, tudo o mais  
he fomite para loucos.

Q' tanto como os demais  
pode ser intelligente;  
que o discurso he para a gente,  
e não para os animais.

Comprarei hum par de ovelhas,  
ou de vacas, ou fenaõ  
hei de buscar occasiõ  
de criar humas abelhas;

*Amar.* Olha como molle, e molle,  
sem nos já em tal cuidar,  
se foi pondo quedo o Mar?  
parece que se não bolle.

Darmehá o mel o sustento,  
a cera o lume, e o vestido,  
e se eu andar advertido,  
me darám o documento,

*Sanch.* Tu bem o viste inda agora  
com a testa carrancuda:  
he certo que elle se muda  
de huma para a outra hora,

Vendo o singular governo,  
que tem em seu senhorio,  
já para a calma do estio,  
já para o frio do Inverno.

# 60 A Bucolica, ou

Senaõ for mais proveitoza  
esta vida, que a do Mar,  
tirarei sequer o andar  
cá por onde anda a rapoza.

*Sanch.* Na verdade que estás posto  
na razaõ, que a marefia  
se huma hora tem de alegria,  
tem mais de mil de desgosto.

E he melhor huma pequena  
alegria, em que eu me ande,  
que por huma muito grande  
vir a acharme em maior pena.

*Amar.* Naõ fomos hoje ronceiros  
no fallar, e pela onia,  
que demos co' a cachimonia  
por elles vallès, e oiteiros.

*Sanch.* Deixa do Mundo as tramoias,  
vamos ás nossas paredes,  
eu concertarei as redes,  
tu farás hum par de bojas,

*Amar.* Eu sou desse voto, amigo,  
e até chegarmos a ellas,  
vão quatro garganteadellas :

*Sanch.* Começa tu que eu te figo.

## CANTIGA.

Ai lá li, ai li, ai le,  
he huma grande parvoice  
o remar contra a marê.

## VOLTAS.

*Sanch.* Onde vás por essa praia  
pescador sem rumo, ou tino?

*Amar.* Onde me leva o destino,  
onde tropece, onde caia.

*Sanch.* Hirás para Gelboê :

*Amar.* vou atraz desta doudice :

*Sanch.* pois não vês, que he parvoice  
o remar contra a marê?

*Amar.* Que hei de fazer, se não posso  
curar esta enfermidade?

*Sanch.* pois quês por tua vontade  
que se perca o trato nosso?

*Amar.* Olha tu se há quem me dê  
remedio em tão grande magoa?

*Sanch.* deixate hir ao rumor d'agoa  
atê que chegue a marê.

*Amar.* E se ainda que eu navegue,  
sou tal, que não remo nada ?

*Sanch.* se quem ama não se enfada,  
não há prazõ, que não chegue.

*Amar.* Ai da minha triste fê,  
bem que esse alento lhe envie.

*Sanch.* pescador, não desconfies,  
espera pela marê.

Egloga 8

INTERLOCUTORES.

*Nuno.*

*Antão.*

*Nun.* Não és para a vida tofca,  
quem na choça, amigo Antão,  
co' fono tanto se enrofca,  
de erguerse tinha tenção  
co' a estrella, com q' o boi mosca.

*Ant.* Nem eu tenho outras paixoes,  
olá, pois não? fim bofe,  
que effas imaginaçoens:  
e não cuido mais, do que  
em idarte' fatisfaçoens.

*Ant.* Pois agora de que importa  
tambem esta madrugada?  
de bater quebrafte a pósta;  
por ver a gente deitada,  
cuidavas que estava morta.

Como se o dormir a eito  
fora peccado mortal?  
*Nun.* não anda nos do preceito,  
mas quando não seja tal,  
nunca escapa de defeito.

*Nun.* Morta não, mas a contina  
de dormir era tão brava,  
que para tornarte á fina  
de porte em pé, não bastava  
nem ainda huma bozina.

*Ant.* Hei eu de casar contigo?  
vaite accommodando hora,  
que eu não vou ja todo trigo.

*Nun.* pois o que me resta agora  
he que te arrufes comigo.

*Ant.* Vá da pucha: encarecello  
te não mais: eu te arrganho:  
se elle for como hum cabello,  
faze-o tu hora tamanho,  
que pareça este castello.

*Ant.* Assim ferá; pois me avanças  
com chascos continuamente:

*Nun.* é tu andas em balanças.

*Ant.* não ando; porein agente,  
nem sempre está para chances.

*Nun.* Eu bem sei que estás morrendo  
para' enxerir os finais;  
do fono, n'algum remiêndo;  
porem elle não hê mais,  
que aquillo, que se está vendo.

*Nun.* com mui pouco te quebrantas;  
e se o houvesse presumido,  
não te viihha erguer das mantas;  
mas estarás aburrido,  
que inda agora te levantas.



# 62 A Bucolica, ou

Está como te aprouver,  
como gostes, como queiras;  
e ja que te fiz erguer,  
se has de hir ver as sementeiras  
he o que quero saber?

*Ant.* Hei de hir; porq̄ hei de dar rega,  
e deitar a'gelva o macho,  
que lhe dei honte huã esfrega;  
e ver os homens do facho,  
e hei de por outros na cega.

*Nun.* Párdeos, que quem tanto havia  
de fazer, estar de borco  
na cama, até alto dia  
a resonar como hum porco,  
foi boa calaçaria.

*Ant.* Tu tornas a repizar?

*Nun.* não que tu tomalavêz  
tens apanhado mais ar,  
e não olhas de travez

*Ant.* e tu queres conversar?

Pois anda, Nuno, atraveça  
por esse alcarnacho fora:

*Nun.* O? ja te subiu a preça

*Ant.* não que he tempo: dize agora  
quanto te venha á cabeça.

Com que posto cá na estrada  
podes fallar tẽ que estoires,  
que estás hoje na pancada,  
tem mão em ti, não me agoires,  
que entãõ não te direi nada.

*Ant.* E ainda farei juramento  
de te não tocar no sono.  
nãõ; agora tenho intento  
de profeguir esse tono,  
e tirarte o balravento.

Tu te prezas de aguçoso,  
e de grande busca vida,  
e achas nisso grande gofo;  
e isso feito, sem medida,  
hẽ fer fino cobiçoso.

E o defeito de hum varaõ  
maior, segundo discurro,  
he ter essa inclinaçãõ;  
pois chegando a nacer forro,  
fazse escravo da ambiçãõ.

Em tudo a que os olhos lançaõ  
pelo Mundo, não atino  
que há coiza de mais avanço,  
que possa dar o destino,  
do que hum pouco de descanso.

E he tão cega a qualidade  
de hum cobiçoso desvello,  
que sendo a melhor herdade  
o socego, quer perdello,  
muito por sua vontade.

E ás vezes quem não enxuga  
tanto os modos de chupar,  
em bens de outros se desfuga;  
que a quem Deos quer ajudar  
acha mais, que quem madruga.

Por mais que algum vá, e venha  
traz a cõlla na barriga,  
e ás vezes quem não se empenha  
em andar nesta fadiga,  
o vento lhe apanha a lenha.

Quanto mais, para que he esta  
ansia, de andar á fachina,  
se na manhaã, nem na sesta,  
homem com esta contina  
come coiza, que lhe presta?

E isto, com que fundamento,  
fenaõ para o fim inico  
de ter desvanecimento  
de rico; como se o rico  
anda em mais contentamento?

Succede, que indaque o pobre,  
hum, que traz forrado o coiro,  
anda alegre mais, que o nobre:  
este cheio em prata, e oiro,  
esse com dois reis em cobre.

Mais do q̄ estes, q̄ o fãrtilho  
movem da sorte crecente,  
outro, que lie das hiervas filho,  
talvêz viva mais contente,  
cõs seus quatro grãos de milho.

Hũ, que o seu sustento sua,  
cã no rincaõ de humas telhas,  
hirã mais alegre á rua,  
que o que traz as sobrançelhas:  
postas nos cornos da lua.

E em qualquer dos lavradores  
anda o tempo mais folgado,  
do q̄ aquelle, em q̄ os senhores  
o trazem sempre occupado  
com outras coizas maiores.

Entre a nossa companhia,  
inda o mesmo a achar-se vema:  
talvêz tráz mais alegria  
o sachador, que o que tem  
humã grande abigoaria.

Que he certo, q̄ menos guerra  
de cuidados se dispoem  
a quem sóinho se encerra  
com a enxada, que o q̄ o poem  
oito charruas na terra.

E por fim para a mantença  
basta hum pequeno salario:  
para ser a vida extença,  
tambem não he necessario  
nenhum morgado, nem tença.

Ninguem o alento consome  
por lhe faltar a comida,  
sempre se passa, e se come;  
muitos perderaõ a vida  
mais de fartos, que de fome.

Comque se eu tiver comigo,  
com que faça as minhas obras,  
minha olha, e meu abrigo,  
dize tu, as outras sobras,  
de que servem, Nuno amigo?

De que servem pois, fenaõ  
de andarem com sanforrices:  
o nobre, mais o villaõ,  
e de os fazer infelices,  
e pollos em perdiçaõ?

De que serve, que bom seja  
este triste, o negro brodio,  
fenaõ; Nuno, de que seja  
a treição, o engano, o odio,  
a soberba, e mais a enveja?

Que de estragos, e maldades,  
malles grandes, danos novos,  
naõ tem feito nas cidades,  
nas villas, torres, e povos  
e a tê cá nas soledades?

Este ter, que he tão jucundo  
para todos, com quem trata,  
e mete todos no fundo;  
em fim este oiro, esta prata  
he o peor mal, q̄ hã no Mundo.

Elle

Ella move, e faz a guerra,  
tira a honra, tira a vida,  
e a natura, que não erra,  
já pôz; por isso, escondida  
lá nas entranhas da terra.

Mas os homens, inimigos  
tê de si, a vão cavar  
tão longe de seus abrigos,  
pelá terra, pelo Mar  
por tormentas, e perigosa

*Nun.* Buscado tens a raiz  
do saber, amigo Antão,  
mas se quês huma perdiz,  
em paga deste fermaõ,  
viste outra sobrepelliz.

*Ant.* Isso he dito de madraço;  
que he ditado bem antigo  
que para escapar do laço  
se diz: Faze o que te digo,  
sem attender ao que faço.

Eu bem fei que tu diráz,  
que para darte conselho  
que inda fou muito rapaz:  
não vai o ponto em ser velho,  
vai o ponto em ser capáz.

Tambem fei q alguns fogeitos  
me podem, Nuno, dizer,  
que me não faltaõ defeitos;  
e assim he: não podem ser  
em tudo os homens perfeitos.

Mas inda por mais justiça  
que faça o reparo alheio,  
dirá que tenho preguiça;  
mas não dirá que estou cheio  
de ambição, e de cubiça.

Tenha lá no meu borrarho  
hum pedaço de carneiro,  
de manhaã hũ dentê d'alho,  
todo o tempo no fumeiro  
o salchichaõ, e o taçalho.

No Verão o queijo, e o leite,  
de Inverno lume, ou brazido,  
tenha unto, tenha azeite,  
quando me der no sentido,  
que me alevantê, ou me deite

Que quando fáz frio possa  
trazer forrado em baeta  
hum gibaõ de çaragoffa;  
e se fáz calma, hũa choeta  
mais ligeira, e menos grossa.

E de quando em quando hir ver  
se a adega talvez goteja;  
que em quanto eu, Nuno, tiver  
isto que te digo, seja  
Rei, ou Papa quem quizer.

*Nun.* Tu gostas agora disso,  
no cabo se mais tiveras,  
ou desse a alguém no toutisso  
em deixarto, sei que houveras  
de metello no cortisso.

*Ant.* Eu não fei o que faria,  
porque ás vezes tem tenção  
de obrar home o que devia,  
e metido na occasião  
caje, como cotovia.

O sengo, que tinha sido  
em Roma, mestre de Nero,  
tambem tinha persuadido  
que devia ser austero  
na riqueza o entendido.



E ao depois entre a amizade  
do Rei, mudou de conselho,  
largando tanto a vontade,  
que veio a ser o bom velho  
o mais rico da cidade.

Mas tambem para què a forte  
vejas disto, que se preza  
he tão maligna, e tão forte,  
que por fim veio a riqueza  
ser causa da sua morte.

Q' o dito Rei como hū moiro,  
para rouballo, lhe deu  
a morte, em grande desdouro  
delle, e do mestre, e perdeu  
a vida, mais o tezoiro.

*Nun.* Pois eis ahi como a açcão  
sempre ao discurso se atraza;  
que vai grande distincão  
entre o que se faz em caza,  
e o que diz a pregação.

Os mais, ou todos sabemos  
o melhor, e o discursamos;  
mas em fim todos corremos  
traz do mal, e quando vamos  
a fugir-lhe, não podemos.

Não porque sejaõ alheios  
os meos foros do alvedrio,  
mas porque tem tais rodeios  
o mal, que entorpece o brio  
para vencer seos enleios.

Como aquelle, que sem vento  
nem mau tempo, lá debaixo  
do barco, sem movimento,  
deixase hir pola agoa abaixo,  
sem cuidar de salvamento.

E podendo chamar gente,  
ou pôr o batel em via;  
parece que se não sente,  
hindo sem rumo, nem guia  
para onde o leva a corrente.

Atè que perdido tudo  
com sua mesma mofoia,  
õlha entãõ muito sizudo  
com a ultima ruina  
para o seu fatal descuido.

*Ant.* Quantos há que pela estrada  
deite Mundo, postos nesta  
carreira desordenada,  
sabem só, que tem cabe ffa,  
depois da testa rachada?

*Nun.* E quantos há que a marraz  
vão em pedras cós miollos,  
e estaõ sempre a resonar;  
e se dantes eraõ tollos,  
tollos se deixaõ ficar.

Que em fim he de agradecer  
a qualquer, que se exceptua  
desta regra, e chega a ver  
senãõ na alheia; na sua  
cabeça, o que há de fazer.

*Ant.* Certo, que hum par de carreiras  
pelo fengo tem os dado,  
e se sentir as ladeiras,  
hemos, amigo, chegado  
onde estaõ as sementeiras.

*Nun.* E se a vista me não mente,  
cuido que he este o teu milho;  
mas tu já lhe trazes gente.

*Ant.* Como ficou no ladrilho,  
ergueuse cedo Vicente,

- E* veio polla de acácho,  
que lidando como hum moiro,  
preza muito o seu despacho.
- Nun.* Elle estava arrendadoiro,  
quanto mais chegado ao facho.
- Ant.* Eu mais prestes quiz meter  
nelle os homens, mas não pude,  
que havia mais que fazer;  
e por mais q' hum homem cude,  
não poderudo o que quer.
- Nun.* Cá vejo a senhora Benta,  
farlheemos huma visita,  
que de formosa arrebenta?
- Ant.* ella será mui bonjta,  
mas a mim não me contenta.
- Nun.* O' como estás escâmosol,  
se te ouvira agora Benta?
- Ant.* esse, Nuno, he hum ranhezo;  
nunca terá pensamento,  
que não seja languinhofo.
- E* em dando n'uma contina,  
não lha tiras, nem que o maces;  
de certo, que em Benta atina,  
que a tais beijos, tais alfaces;  
se ella fora Caterinal.
- Nun.* O' essa minha senhora  
de ser a melhor da Aldeia,  
amigo Antão, quem ignora?  
posto que a não achas feia?
- Ant.* que dirias, se ella o forá?
- Nun.* Não sei que diga bôfer  
para dizer que me agrada  
muito, muito, hê dar má fê:  
anda limpa, e embonicrada,  
parece mais, do que hê.
- Ant.* Ora amigo não tens baço  
para poder conhecella;  
ou es, Nuno, tão madraço,  
que quando olhas para ella,  
tens a vista no cachaço.
- Nun.* Não he isso, amigo Antão,  
he que no seu rosto poizas,  
hum bocado de affeição;  
e dáo outra cêr ás coizas  
os olhos do coração.
- Quem esse achâque padece-  
tras lá consigo hum enleio,  
que de continuo o enloquece;  
pois diz que quem ama o feio,  
que formoso lhe parece.
- Ant.* Não estôur de tal maneira  
inda co' a minha vontade,  
que ande já nessa cegueira:  
mui bem vejo a claridadê,  
sem ser, Nuno, por pençeira.
- Nun.* Isso imaginamos todos,  
por mais que eegos andemos:  
vemos por diversos modos  
outras faltas, e não vemos  
as nossas manchas, e lodos.
- Tu não sabês que he tão manca  
nossa vista, que primeiro  
verá lá em salamanca  
n'outros olhos hum agreiro,  
e nos feos nenhuã tranca?
- Não sabês que os namorados  
tem lá posto no sentido,  
que para ver feos cuidados  
trazem os outros perdido  
o tino, e os olhos quebrados?

*Ant.* No que eu cuido que ainda cego  
 não ando, he que me sinto,  
 sem anfia alguma, e navego  
 neste grande laberinto,  
 com descanço, e com socego.

Elle eu estivesse posto,  
 como dizes, já no fundo,  
 não haveria desgosto,  
 que podesse dar o Mundo,  
 que me não sahisse ao rosto.

Teria a noite por dia,  
 o descanço por trabalho,  
 a pena por alegria,  
 não haveria agazalho  
 para a pobre fantelia.

Fêl me seria o comer,  
 inquietação o dormir,  
 defestado o padecer;  
 divertimento o sentir,  
 felicidade o morrer.

Que estes parece, que são  
 os effeitos, que costuma  
 causar a grande afeição;  
 e eu não sinto coiza alguma  
 destas cá no coração.

*Nun.* Sabes, porque não trespassa  
 cá fora o que dentro arreigas,  
 he que ella te mostra graça;  
 deixa tu mudar as teigas,  
 verás o que vai na praça.

Deixa trocerlhe o caminho,  
 que chegues a sospeitar  
 que faz noutra parte o ninho;  
 que eu fio te possa atar  
 c'hum baração e focinho.

Veremos como descanças,  
 como dórmes, como atinas,  
 e que pensamentos lanças;  
 que discorres, que imaginas  
 nessas tuas esperanças.

*Ant.* Elle pôde acontecer  
 como dizes, e sospeitas,  
 mas até, Nuno, não ver  
 todas essas coizas feitas,  
 parece o não posso crer.

Pois presumo se de ouvida  
 me chegasse inda essa balla,  
 que tinha a força medida  
 para, amigo, não tornalla  
 a ver mais em minha vida.

E tambem comigo assento,  
 que em pouco tempo passado,  
 que fugisse deste intento,  
 não me passava o cuidado  
 nem pelo meu pensamento.

Por ventura em toda a idade  
 não posso, amigo, dispor  
 como eu quizer da vontade?  
 assim fora homem senhor  
 da sua felicidade.

Por mais que ande o desvario  
 pelo alto, se he que eu forcejo,  
 se eu tomo corage, e brio,  
 não porei o meu desejo  
 onde quizer o alvedrio?

*Nun.* Muito há nisso, que se diga,  
 porque faz o pensamento  
 e a vontade grande briga;  
 e o pobre do entendimento,  
 quasi sempre, he que periga.



Se cavalgasse a razão  
sempre em cima do appetite,  
naõ teria a perdição  
do Mundo em todo o limite  
tamanha jurisdicção.

E assim no que toca a ferir  
hum homem senhor de si,  
o christão o deve crer,  
mas se crece o farnel;  
sempre há muito, que vencer.

Sei que com pouco se arreida  
o fogo, antes de pegarse,  
mas se cria labareda,  
hê difficil de apagar-se,  
ou na casa, ou na arboleda.

Trocese, e tirase a pelle  
a hum espinheiro bronco,  
sem q hum homem se arrepelle,  
quando vara; mas se he tronco  
o decho, que pegue nelle.

Diz q ha hum olio, q se pega  
de tal forte, havendo chaga;  
que na carne onde se emprega,  
nunca se extingue, ou se apaga,  
por mais que a gente se esfrega.

Faze conta que he taõ forte  
o da amorosa ferida,  
que posto da mesma sorte,  
bem que o raspen, toda a vida  
dura até chegar a morte.

*Ant.* Andar, as contas lhe boto,  
se isso he assim, ver o tórrido  
descadernado, e tóto  
e agora deixemos isso.

*Nun.* Eu tambem sou de esse voto.

E pois tens ali vizinhas,  
amigo, as tuas feras;  
eu tambem vou ver as minhas,  
antes que me custem caras  
estas noíças ladainhas.

Que por lá teraõ roçado  
talvez ja agora os bezerros;  
que Affonso levou co' arado:  
quero dár-lhe quatro berros;  
e voltallos ao montado.

*Ant.* Pois agora que a alvorada  
Benta nos dá, quês que diga  
que te foste de pancada?  
ouve sequer a cantiga

*Nun.* cá, lha ouvirei pela estrada.

*Ant.* Tũ hás de tornar depois  
poraqui? *Nun.* hei de tornar  
lá pola tarde cos bois:  
se quizeres esperar,  
hiremos ambos de dois.

*Ant.* Pois eu te espero no trigo;  
e para enfeixar o paõ  
manda para cá Rodrigo;

*Nun.* ora adeos amigo Antão.

*Ant.* elle vá, Nuno, contigo.

## CANTIGA.

Ai fachador da minha alma,  
 eu me benzo, e eu me espanto  
 de ver que trabalhas tanto,  
 fazendo tão grande calma.

## VOLTAS.

Para que andas a fuar,  
 por mais ter, entre estes milhos,  
 se tu inda não tens filhos  
 a quem o possas deixar?

Não te mates pela calma,  
 de ti mais lástima tem,  
 q' eu bem sei quem te quer bem,  
 ai fachador da minha alma.

Dize cá não he melhor,  
 se has de andar nessas canceiras,  
 mais do que á Deusa das eiras,  
 servires ao Deos do amor?

Este pode darte a palma  
 de tudo quanto suspiras,  
 e da hi fomite tiras  
 canção, fede, e mais calma.

Parece grande loucura,  
 que des tamanho agafalho  
 a tão continuo trabalho,  
 e desprezes a ventura.

Ai fachador da minha alma,  
 se eu posso hum pouço contigo,  
 pegote que como amigo  
 não andes por essa calma.

## Egloga 9

## INTERLOCUTORES.

*Simaõ.**Alberto.*

*Albert.* Folgo, Simaõ, agora de encontrarte,  
Que hirás tambem comigo álem do rio  
A ver a nossa vinha, e a de Duarte.

Que me dizem que estaõ com este estio  
Taõ murchas, taõ trocidas, e enjoadas,  
Que receio que as leve este sequio.

*Sim.* Pois por certo que mal principiadas,  
Antes do S. Joaõ, amigo Alberto,  
Naõ hiaõ, que eu as vi bem encaradas.

*Albert.* De hum para outro instante, amigo, he certo  
Que o bem, e o mal se muda, e as mais das vezes  
O mal he só que está, Simaõ, mais perto.

*Sim.* Ninguem há que se escape dos revezes  
Daquelle, que chamamos má ventura,  
Natural fogueião das nossas fezes.

*Albert.* A ignorância he que nisso conjectura,  
Porque esse fado mau he Providencia,  
Que vem das maõs de Deos, naõ forte escura.



E assim há de sofrer-se com paciência ;  
Porque não se dispoem para outro ensejo  
Senaõ para dar luz á negligencia.

Mas isto para nos vem de sobejo ;  
Naõ nos metamos nelle , que he mui alto,  
Encolhamonos cá no nosso brejo.

*Sim.* Dizes bem ; porque he certo que está falto  
Hum rustico de engenho , e de agudeza  
Para co' sizo dar taõ grande salto.

Comque tornando a pornos na rudeza  
Da nossa falla tosca , as poucas chuvas ,  
E o muito vento , e sol , mau anno reza.

Pois não só se exprimenta o mal nas uvas,  
Porena os olivães , e sementeiras ,  
cuidõ que não daraõ mui grandes luvas.

*Albert.* O peior hê de que o pão falte nas eiras ,  
Que já o não haver grande vindima  
He hum mal , com que podem as padeiras.

Naõ andará o siso lá por cima  
Dos oiteiros, Simaõ , nem dos telhados,  
Haverá no cazal menos esgrima :

Seraõ menos tambem os arranhados :  
Bem ves que se há de vinho graõ colheita ,  
como andaõ os miollos emborcados.

*Sim.* Dou eu effes , Alberto , á má maleita ,  
 Que depois de perderem a vergonha ,  
 Nos ficão sempre gente de sospeita.

*Albert.* E está tudo tão cheio desta ronha ,  
 Depois que veio ter á nossa praia  
 A gente de Bretanha , e de Borgonha ,

Que inda lá nas pessoas de outra laia,  
 Anda já este mal tão pegadisso ;  
 Que nelle ha pouca gente que não caia.

*Sim.* E o peor inda , Alberto , não he isso ,  
 Mas o não ser injuria , por ser moda ,  
 Quasi todos tem posto no toutisso.

E assim em toda a festa em que haja boda ,  
 Poemse sempre com tanta demasia ,  
 Que quem os vir dirá que hê gente Goda

Que te diga não sei desta Ingrezia,  
 Que nunca vem senão á nossa terra  
 Derrancarnos co' a sua companhia.

Não poderemos nos fazer a guerra ,  
 Sem sua disciplina , ou ter contrato ,  
 Sem esta gente , que a razão desterra?

Eu na verdade sou hum mentecato ,  
 E não devo estar nisto discorrendo ,  
 E ás vezes só por isso me recato.

Más isto per si mesmo se está vendo,  
 Pois indaque a destreza cirza o pano,  
 Vai sempre á flor dos olhos o remendo.

De lá não se recebe mais, que engano,  
 E transformado então em sanguexuga  
 Nos chupa o nosso sangue todo o anno.

Todo o nosso tezouro nós enxuga,  
 E por nos contentar, cós seus tarécos  
 Pezo por pezo a prata, e o oiroxuga.

Cá os nossos haveres feroão pecos?  
 Teraão mais mel ós outros por ventura;  
 Para andar despejandolhe os seus becós?

Naõ temos a laã branca, a laã escura  
 Para cá se fazer panno taõ bello,  
 E muito mais barato; e de mais dura.

Ou azul ou vermelho, ou amarello,  
 Ou de outra qualquer cor; que se deseje  
 De todo o fio, lotel, e mais modéllo.

Há monte, ou campo já, que não sobeje  
 De vinho, trigo, milho; e mais seyada?  
 Há veraõ, em que a frota não despeje.

Da India, e do Brazil huma manada  
 De drogas, e pedraria, prata, e oiro,  
 Com que vem sempre rica, e carregada.



Será talvez menor esta valia,  
 Que os dices de París, e de Bretanha,  
 Com que nos fás taõ vil mercadoria?

Naõ se alegra inda mais vendo a campanha  
 De fructos cheia, o espirito fezudo,  
 Que disto, que nos vem da terra estranha

Na verdade que sou hum homem rudo,  
 Mas assim como sou, cuido que atino;  
 E diga o que quizer quem for agudo.

Tudo aquillo, que he novo, e peregrino  
 Nos parece melhor, e a novidade  
 He já tal, que se muda em desatino.

Naõ se move o delirio da vontade,  
 Para o justo valor do que aproveita,  
 Mas só para a ficção da variedade.

Se se possue o bom, logo se engeita,  
 E o inutil, que no engano he fõ, que brilha,  
 He que nos enfeitiça, e nos deleita.

Naõ temos outra regra, outra cartilha,  
 Que este falso appetite, que seguimos,  
 Hindo samente atrás da maravilha.

Os nossos proprios bens não destruimos?  
 Naõ damos por bem pouco o nosso oiro?  
 Naõ trocamos a prata pelos limos?

Pois que demo nos tráz no vil deſdoiro  
De acharmos que he melhor o ciſco alheio,  
Que o fecundo valor deſte tezoiro ?

*Sim.* E quem te mete ati com eſſe enleio ?  
Deixa lá governar o Principado,  
Que ferá neceſſario eſſe rodeio.

Trata de abordoar co' teu cajado  
Que he indigno o gabaõ, e a carapuça  
De emendar as razoens do grande eſtado.

Lá ſe avenhaõ os folles com a ruça,  
Que não falta quem niſſo embote o dente,  
E muito mais que nõs o juizo aguça.

Tenha Simaõ manteiga, e broa quente,  
E para debicár ſeu par de nozes,  
Traga a cabeça leve, o pê corrente;

Boa ataca nas calças, e bons cozes,  
E' no tempo, em que tenha algum trabuco;  
Corra o anno com paſſos mais velozes.

Conferve muitos dias eſte ſuco,  
Que agora hũ homem tem; que eu de barato  
Darei tudo o que paſſa em Pernambuco.

Alguem dirá que ſou hum mentecato,  
Dirá, mas eu direi, que me eſtou rindo  
De cahir em algum eſfolagato.

## A Bucolica, ou

Há coiza como andar a gente abrindo  
 A terra, para pôr a bacellada,  
 Primeiro a cachimonia distinguindo,

Se há de fer de covato ou de effacada,  
 A' manta, rego, ou elfa, porque toda  
 I'ique, conforme o chaô bem preparada ?

Há coiza como andar depois à roda  
 Do trabalho gostoso, a ver o dia  
 Da empá, escavadura, facho, ou poda ?

Dize cá pode haver mais alegria,  
 Que ver estar os cachos abraçados  
 Co' as videiras em doce companhia,

E depois de acolhellos vindimados  
 Há mais gosto, que vellos exprimidos  
 Para encher os toneis já preparados ?

Naõ arreбата todos os sentidos  
 Ver n'hum copo de vidro a cor vermelha,  
 Depois de trafegados, ou cosidos ?

Quem pois com esta vida se aparelha,  
 Que faz em lá meterse pelo Mundo,  
 Nem puxar a ninguem pela gadelha ?

*Albert.* Tu tens posto a vaidade bem no fundo,  
 Mas quanto ao gosto do que agora dizes  
 Naõ ferá neste anno mui jucundo.



Torno a dizer que temo grandes fizes,  
E os rendeiros, que estão a traz do ganho,  
Tu verás fenaõ quebraõ os narizes.

*Sim.* Nem sempre pode ser o gofsto estranho,  
Hã tempo, em que prodúz mais o armentio,  
E tempo, em que se vai todo o rebanho.

Hã tempo, em que não cabe no rocio  
A colheita do pão, nem nos celeiros,  
E vem tempo, em que a leva o nosso rio.

Por mais louça que tem os vinhateiros,  
Inda as vezes não basta, e lá vem hora,  
Que não tem que fazer os tanoeiros.

Hum anno em fim com outro se melhora,  
E assim se vai passando, vendo a enchente,  
Hora dentro por casa, hora por fora.

*Albert.* Sabes no que eu reparo he ver que ha gente,  
Que nunca espera a falta na abundancia,  
E assim vive ou mui triste, ou mui contente.

Se guardassem do tempo da ganancia,  
Para o tempo da perda, quem duvida  
Que haviaõ de viver com menos ancia?

*Sim.* Bõm era que a justissima medida  
Quizessem observar, tendo hũ regresso  
Para a falta da roupa, e da comida

Mas porque todos vão com grande excesso,  
Sem voltar nunca o rosto para o gasto  
Por isso tudo vai logo de avesso.

Bem conheces Lourenço, Affonso, e Basto,  
Que ahí os vês andar pelas esmolas,  
Digote que tiverão mui bom pasto;

Mas eraõ mui prezados de farçolas  
E de outras bestidades, com que, Alberto,  
Vieraõ nisto a dar as cabriolas.

*Albert.* Em fim tudo no Mundo he defacerto.

*Sim.* Disso se dá bem pouco hoje Rodrigo,  
Que inda está mais co' fizo em descuberto.

*Albert.* O' contame tu hora, como amigo,  
Que he feito desse pobre vinhateiro,  
Porque me dizem que anda sem abrigo?

*Sim.* Que te hei eu de contar? anda hũ brazeiro,  
Mirrado, secco, entregue a seu cuidado,  
Ora no valle posto, ora no oiteiro.

Depois que anda este pobre, enamorado  
Traz perdido o valor, a graça, e brio.

*Albert.* Na verdade que hei dó desse coitado.

He crível que este negro poderio,  
Aquem amor chamamos, possa tanto,  
Que nos metá em taõ grande desvario?

Não he digno, Simão, de grande espanto  
Ver andar só com esta enfermidade  
Hum moço tão perfeito em tal quebranto?

E o que he mais no melhor da sua idade,  
Em que podia ter alegremente  
Tudo quanto concede a mocidade?

Hum moço, que atrahia toda a gente  
Com o feu agazalho, e disciplina,  
De hum coração tão puro, e transparente?

E se acaso tangia a çanfonina,  
O vento, e os animaes adormentava,  
E detinha esta veia cristalina?

Todos deitava em baixo se lutava;  
E a traz tambem os punha na carreira,  
Envergonhando a todos se dançava,

E agora effá, Simão, deffá maneira?  
Ora digote, amigo, que a desgraça  
Vem muitas vezes, sem que hũ homem queira.

*Sim.* Não prefumas que he esta deffá maça,  
Pois para deitar fora semelhantes,  
Diz que basta que hũ home hũ pouco faça ;

Mas elles vão a tráz dos feos descantes,  
Sem resguardo nenhum; e na esparrella  
Cahem, como estorninhos ignorantes.



*Albert.* Bem sabes tu, Simão, que isso he mazella  
Commua entre nos outros: o perigo  
Só se alcança depois da cambadella ;

Por essa causa há poucos , que comigo  
Tenhaõ conta, senaõ escarmentados  
Pelas maons do fracazo, ou do castigo.

Porem nós, nesta pratica elevados  
Fomos perdendo o tino do caminho ,  
E tambem nisto andamos descuidados.

Ninguém atire ás telhas do vizinho ,  
Que quasi em todos pôz a natureza  
As mesmas nodoas n'alma, e no focinho.

Mas vêz este negrume, que se peza  
Polas nuvens , que estaõ aqui dispostas,  
Alguma trovoadã agora reza.

Parece que diria, se tu gostas  
Que vamos para casa, antes que venha  
Esta batega d'agoa polas costas.

*Sim.* Naõ dizes mal ; porque eu naõ tenho lenha  
Capaz de me enxugar, se por ventura  
Alagar o burel, mais a estamanha.

*Albert.* Pois eu tenho huma horta já madura ,  
Hum pouco de paõ alvo, e huá goteira,  
E tambem haverá huma assadura.

Se queres por ca' vir , e tens lafeira ,  
Ou se vai já chegandote a rajada ,  
Bem sabes que a vontade he verdadeira.

*Sim.* Afirmote que não me defagrada  
Por agora esse teu offrecimento ,  
E achasteme por certo na pancada.

*Albert.* Como não to offreci por comprimento ,  
Grande gosto medás, grande alegria  
Em não mostrares nisto encolhimento.

Anda, estarás comigo todo o dia :  
Vamos ca' pela banda da cancella :

*Sim.* Eu vou mais pela tua companhia ,  
Do que inda por tomar a fartadella.

---

## Egloga IO

### INTERLOCUTORES

*Silvestre.*

*Alvaro.*

*Luzia.*

*Alv.* Venhas ora com Deos Silvestre amigo ,  
Que ja eu presumia que faltavas  
A'quillo , que ficaste hontem comigo.

*Silv.* Bem sei que tu ha' muito me esperavas ,  
Mas sabe que não pude vir mais cedo.

*Alv.* Digote que algum susto me causavas.

Que he ja muito de tarde , e tinha medo  
Que me tirassem tua companhia ,  
Que atí prendemte, amigo , por hũ dedo.

L

*Silv.*

*Silv.* Por mais que me empecessem sempre havia  
De cumprir a razaõ, que tinha dado.

*Alv.* E como não quiz vir tambem Luzia?

*Silv.* Eu não fei : inda hoje no ferrado  
A vi, e prometteu-me de vir logo,  
Mas na verdade muito tem tardado.

*Alv.* A's vezes lhe hê peor o muito rogo,  
E inda mais quando eu nelle me intrometo,  
Que eu, amigo, com ella nada yogo.

*Silv.* Não, que tu és prezado de mui reto,  
E ella quer quem graceje de contino;

*Alv.* E tambem quer às vezes paracleteo.

Quando na triquinada perde o tino,  
E eu sou, Silvestre, tal que a toda hora  
Sempre enjoado estou, sempre mofino.

*Silv.* Iffo de longe vem, não he de agora,  
E estâs taõ acarrado na tristeza,  
Que vai cada vez mais de fôs em fora.

*Alv.* Ao principio cuidei que era fraqueza  
Do pobre coração, mas ja me affusto  
De que se vá mudando em natureza.

*Silv.* Pois trata de fazerte mais robusto,  
Que depois de estar bem introduzida  
Farâs para arrancalla hu' grande custo.



*Alv.* Por isso me hei metido nesta vida,  
Para ver se configo algum estrago  
Nesta ansia natural, e sem medida.

E por certo não foi dia aziago  
Aquelle, em que aqui vim, pois ja perfinto  
Que dentro menos magoa, e pena trago.

*Silv.* Pois como entre o vistoso laberinto  
Desto bello verdor, podia a pena  
Deixar o coração na magoa tinto?

*Alv.* E elle he certo a mantem; mas mais pequena,  
Com ella molle, e molle hirei andando  
Ate vermos o premio, que me ordena.

*Silv.* Não se está, dize, a gente regalando  
De ver o viço, a graça, a formosura,  
Com que esta horta as hervas vem brotando?

Tão humildes á arte da cultura,  
Que não há huma so', que não esteja  
Obediente ao rigor da enxada dura?

Como por se alargar aqui forceja  
A melindrosa alface, e cheio dellas  
Como aquelle leiraõ, alli verdeja!

Como luzem as calvas beringellas!  
Como se vem os asperos pepinos,  
Com as suas barrigas amarellas!

Como do sol ardente os raios finos:  
 Não poderaõ seccarlhe pela fésta  
 Nas folhas os orvalhos matutinos !

Como de balde o talo a calma cresta  
 Da enverrugada coive , pois enrola  
 No verde coração a folha honesta !

Como estaõ os repolhos n'hum a bola  
 E chupando da terra o brando centro  
 O nabo, o alho, o rabaõ , e a cebola !

Comque bella frescura alli por dentro  
 Deste novo canteiro, se aparelha  
 A cortada folhinha do coentro !

Como logo com ella se emparelha  
 A cheirofa hortelaã, cós ramos baços ,  
 A falça , a mangerona , a segurelha !

Como vai escondendo os longos braços ,  
 Pelas costas daquella larengeira ,  
 A ansia trepadora dos cabaços !

Em fim não há hervinha, que não queira.  
 Trazer o pensamento, e mais a vista  
 Alegre , cuidadosa , e prazenteira.

*Alv.* Não só, Silvestre amigo, está bemquista  
 A alegria , mas inda não ha folha,  
 Que de doutrina aqui não se revista.

Aquella, que alli fez a sua escolha  
Em se erguer, e subir com mais cuidado,  
Ao vento mais de preça se desfolha.

E aquelloutra, que viu seo pobre estado,  
E alcançou feu humilde nacimiento,  
Melhor se tem disposto, e conservado.

*Silv.* Nada ha', donde o nosso documento  
Não tenha que tirar, favorecido  
Das forças de hum fizudo entendimento.

Porem este reparo he mui subido,  
Abatamos o curso, e mais rasteiros  
Disponhamos os voos do sentido.

Quem nos mete a fallar como escudeiros,  
E tirarnos da nossa lingoage,  
Se em fim somos huns homens taõ grosseiros,

Que postos sempre aqui nesta parage  
Todo o nosso fervor, nossa fadiga  
He andar cultivando esta folhage?

*Abv.* Pois queres tu agora que te diga,  
A's vezes mais se diz em húa trova,  
Do que na discriçaõ de húa cantiga.

*Silv.* Se tu quês escapar de alguma fova,  
Vai ora de vagar com effes ditos,  
Se não vai-te esconder n'alguma cova.



Porque isso, meu amigo, são delitos  
De cabeça maior ; pois hoje há gente ,  
Que os não consente la' nos feos disfritos.

Diz que quem não fallar pomposamente ,  
Nunca pora' na testa aquelle loiro ,  
Que aos Poetas se dava antigamente.

*Alv.* Longe va' , meu Silvestre, o teu agoiro ,  
Se isso he assim ganhara' então o premio  
O estallo da bombardada, ou do peloiro.

*Silv.* N'alguns sera' melhor esse proemio ,  
Porem bemdito Deos, que fez no Mundo  
Tambem casta de gente de outro gremio ;

Onde o ponto não vai em fallar fundo ,  
Estrondoso, e rompante , porem claro ,  
Doce , facil , harmonico , jucundo.

Ande por cima d'agoa o bom reparo ,  
E escuse a gente em hu' , e outro mergulho  
De ver a intelligencia ao desemparo.

*Alv.* A farfalhada ás vezes por entulho  
Se mete na oração , mas exprimida  
Só se vê entre as maons o cascabulho.

Desejara inda achar huma guarida ,  
Fosse deserto , monte, campo, ou praia ,  
Onde tal não ouvisse em minha vida.

Mas não há parte alguma onde não caia,  
Hum homem nesta rede, e onde não veja  
Huma chufma de gente desta laia.

*Silv.* Eu dera de barato tão sobeja,  
Tão importuna casta, se eu me vira  
Em parte, onde não fosse a crua Enveja.

Aonde não reinasse o odio, a ira,  
A violencia, a treição, a inimidade,  
A lisonja, o escandalo, a mentira.

*Alv.* De toda essa nojenta variedade  
Deixas inda huma coiza no tinteiro  
De mais fea, e maligna qualidade.

Dize ca', não terá lugar primeiro,  
Por mais que seja a infamia d'outro vicio,  
Hum amor treçoado, e tensoeiro?

*Silv.* Pois se elle não tem junta, nem resquicio,  
Que não ande coberto d'isto tudo,  
Não lho vim sempre a dar por artificio?

Coitado do prudente, e do fizudo,  
Que veyo a exprimentar os pareceres,  
De quem he marruáz, e cabeçudo.

E para mais sentir os seus poderes,  
He tão maldita peça, que os tem dado,  
Repara tu a quem: ás más molheres.

*Alv.* Pois que cuidas ? assim o tem julgado ,  
 Nem podia achar gente de outro porte ,  
 Que cumprisse tão bem o seu mandado.

Elle tomado de huma , ou de outra forte  
 He' a mesma falsidade , e ligeireza ,  
 Sem caminho , sem rumo , guia , ou norte ;

He a mesma femrazaõ , dolo , e fereza ,  
 Pois entãõ fez a liga com pessoa  
 Que fosse desta mesma natureza

*Silv.* E foi para que nunca coiza boa  
 Fizesse em sua vida , nem de geito ,  
 Pois tudo quanto fãz he sempre á toa ;

*Alv.* E mais com tudo isso , houve fogeito  
 Que deffendeu a casta femenina ,  
 Dizendo , que era nosso esse defeito.

*Silv.* Isso tambem diria Caterina ,  
 Ou Luzia , que nisso se lhe iguala ,  
 Porquc he muito prezada de ladina.

*Alv.* Tem ora maõ em ti , que à chuchacala  
 Costuma às vezes vir , e se o perente  
 Verás se ella te chega bem á mala.

*Luzia* E mais não farei mal , que ter o dente  
 Para o ferrar nos outros á fuchia ,  
 Não me parece açãõ de boa gente.



*Silv.* Pois na verdade enganaf-te Luzia ,  
Que ante ti o direi , e em toda a parte ,  
Quando me caha em dito o que dizia.

*Luz.* Tu muito inchado estás nesse descarte ,  
No cabo se estivera aqui contigo ,  
Se tu não te calaras, mal que farte.

*Silv.* O que me falta agora he que comigo  
Te venha ao pensamento de que podes  
Traçarme pela boca algum perigo.

*Luz.* Com a tua foberba não te engodes ,  
Que para nós dizermos que o fizeras  
Presumo que te faltaõ os bigodes.

Porem pondo de hu' lado estas quimeras ;  
Quero quẽ me digais o que fazemos ,  
Que taõ mordidas fomos nestas eras ?

*Silv.* Vos bem pouco fazeis : fazeis extremos  
Por colher-nos de baixo, e confeguido ,  
Coitadinhos de nós , que o padecemos.

*Luz.* E quem mete primeiro esse partido ;  
Senaõ vos outros mesmos, acordando  
Quem está no descuido adormecido ?

*Silv.* Isso , Luzia, foyse acostumando  
Do principio do Mundo , a não ser isso ,  
Talvez que nos andasseis vós rogando.

*Luz.* Quem te meteu tal cousa no toutisso,  
Ou donde tiras essa futilidade?

*Silv.* Donde? de hum fundamento bem macisso.

De ver cheio de engano, e de leveza,  
Mudança, imperfeição, ociosidade  
A vossa miseravel natureza.

E em gente de tão podre qualidade,  
Presumir mais se deve este defeito,  
Que em outra de melhor capacidade.

Pois inda que cá home está fogeito  
Tambem á corrupção, la' vem huá hora,  
Que guarda a cachimonia o seu respeito.

Porém vós sem assento sem demora,  
Trazeis o pobre genio vagabundo  
Descuidadas do acerto, e da melhora.

Finalmente não há em todo o Mundo  
Desgraça, estrago, mal, aleivosia,  
Que vos não tendais feito mais fecundo.

*Luzia* Senão se fora já passando o dia,  
Eu a isso te dera tal resposta,  
Que tu arrenegaras de Luzia.

*Alv.* Deixai para outra tarde essa proposta:  
E deitai ora mão deste refresco,  
Que aqui tendes no chaõ a meza posta.

Assentaivos aqui , que está mais fresco ,  
Comei a vosso gosto da hortaliça  
E não imagineis que sou Tudesco ?

Se as alfaces vos metem mais cubiça ,  
Não se vos meta agora no bestunto  
Mostrares a vontade hoje remiça.

Tendes ahi vinagre e azeite junto ,  
Virám ovos cofidos , se houver gana ,  
E alem disto azeitonas , e presunto.

*Luz.* Eu por mim não aceito : outra semana  
Virei mais preparada a este intento ,  
Que agora he tempo de hir para a cabana.

*Silv.* Supposto que eu tomasse balravento ,  
Se queres vir comigo , olha que he tarde ,  
E podes aceitar-me o offrecimento.

*Luz.* Se bem que nunca fui muito cobarde ,  
Não quero que presumas me disseste  
Coiza , de que a paixão de ti me guarde.

*Silv.* Mas inda que vermelha te fizeste ,  
Não tens razão de estares mal comigo :  
Ceia a nossa merenda , que te preste.

*Alv.* A deos Luzia , a deos Silvestre amigo.



OS SONETOS BUCOLICOS,  
E PATHETICOS

*Quinta parte das Rimas*

DE

FRANCISCO DE PINA  
E DE MELLO,  
PREPOSIC,AM DOS BUCOLICOS.

*Soneto I*

Se talvez ha' pastor , que inda não tenha  
Provado de Cupido o ferro agudo,  
Se acaso he tão feróz , tão cabeçudo  
Que forme o coração de alguma penha :

Se escondido nas covas de huá brenha ;  
Contra as armas de amor achou escudo ,  
Não seja tão incauto , nem tão rudo  
Que a ouvir meu lamento , ousado venha!

Eu tempero o rabil só para aquelles ,  
Que tem o peito aberto , e rota a alma ,  
Que estes sabem louvar esta harmonia :

Pois todos os que vestem toscas pelles ,  
Ignorando do peito a doce calma ,  
Farám das minhas vozes zombaria.

*Soneto 2*

Em vão , Pastora ingrata , em vão me queixo,  
Senaõ ouves meus ais , e meus suspiros :  
Eu a aturar os golpes , mais os tiros  
Tu rindote por baixo do foqueixo :

Nacida dèves ser de hum duro seixo ,  
Pois fazes de meu mal tantos retiros :  
Minha alma sempre ás voltas sempre aos giros,  
E tu inda a zombar do pobre Aleixo.

Bofe' que já não sei o que te diga ;  
Nem entendo tambem que presuppõsto  
Te desperta a que tanto te retires :

Olha amiga cruel , doce inimiga ,  
Que te hei de vir a dar algû desgosto ,  
E ao depois não te queixes , se o sentires.

# 94 A Bucolica, ou

## Soneto 3

Eu fui o valentaõ destas manadas ,  
Mais temido nos montes ninguem era ;  
Com as robustas maons a qualquer fera  
Lhe partia os engonços das queixadas.

Hoje as forças não só tenho quebradas ,  
Mas derretido o peito em branda cera :  
Não sabe a gente o mal, que se lhe espera :  
Deos nos livre das horas mingoadas.

Depois que vi a cara de Luzia ,  
Perdi brio , virtude, arrojo, e furia ,  
E não sei se perdi o entendimento :

Mas isto deve ser feitiçaria ;  
Porque taõ louco estou que a mesma injuria  
Serve á minha vangloria de alimento.



*Soneto 4*

Aonde hirá Beatriz com tanta preça?  
Mas se acafo ella vai encher ao rio,  
Deixeme cá ficar meu alvedrio,  
Porque já para graça, he grande a peça:

Ella quer ser andeja, e ser traveça,  
E quer atarme sempre ao rodopio;  
Pois ou há de perder aquelle ousio  
Ou de trazerme á roça se despeça.

Pretende em que eu a tenha por sisuda,  
E nunca a vi, fenaõ de fõs em fora,  
Ora galante está se nisto cuda.

Mas naõ tem que fazer comigo agora;  
Pois se a dita menina fenaõ muda  
Acabemos com isto, e vafe embora.

96 A Bucolica, ou

*Soneto 5*

Atê quando enredado o' Caterina  
Trarás meu coração na tua touca,  
Quando permittirás que a ideia louca,  
Deixe de apetecer tanta ruina?

Meu mal com o descanso não atina;  
E a vóz de suspirar está tão rouca,  
Que entendo que já val coiza bem pouca  
Inda arrimada ao som da çanfonina.

Naõ sei porque me poens em tanto risco,  
E na minha prezada ociosidade  
Queiras mostra fazer dos teus poderes.

Pastora: se ês de genio tão arisco,  
Restitue-me a minha liberdade,  
E faze entãõ de mim o que quizeres.

*Soneto 6*

Tambem isto que agora, Amor, me apontas,  
Eu não te hei de sofrer por minha vida:  
He ja grande a treição para sofrida,  
Grandes os malles, grandes as affrontas;

Tem a malicia álerta, as traças prontas  
Para erguer a tramoya fementida;  
Que eu tenho dado cá n'humas venida,  
E faremos depois as nossas contas.

Tu na minha paixão desordenada  
Me fabricas, e me armas a esparrella  
E esculias outros laços, e outros meios:

Mas isto já importa pouco, ou nada,  
Que se ouvidos não der a Madanella,  
Veremos os que podem teos enleios:



# 98 A Bucolica, ou

*Omnia vincit Amor.*

## *Soneto 7.*

Pastores, que habitais estas montanhas,  
Barqueiros, que viveis no grande pego;  
Camponeses das margens do Mondego,  
Peregrinos, que andais terras estranhas.

Se ver quereis as mizeras façanhas,  
Que executa hũ rapaz despido, e cego,  
Attendei ao mortal desaffocego  
Deste meu coração, destas entranhas.

Tomai exemplo em mim, fugi do engano,  
Fazei do meu pezar novo aforismo,  
Aonde aprendaõ os vossos pareceres.

Mas quem lhe há de escapar, se lhe taõ tyrano,  
Que ao Ceo á terra, ao mar, e ao mesmo Abismo  
Chega a jurisdicãõ dos seus poderes.

*Soneto 8.*

*Soneto 8*

Depois de ver, Amor, o que tens feito,  
Trazes entã risonho, e alegre o rosto:  
Já me tens trespassado, já me há's posto  
O farpado agulhaõ dentro no peito.

Há tanto que buscando andas o geito  
Para me haver de dar este desgosto,  
E já mo deste em fim: mas eu aposto  
Que inda naõ vás de todo satisfeito.

Eu me contentarei, por mais que a chaga  
Me passe o coraçãõ, se a triste vida  
Me salvas de ter outra má ventura:

Porem tu es de taõ maldita praga,  
Que me há's de esgravatar sempre a ferida,  
Para que nunca possa acharlhe cura.

# 100 A Bucolica, ou

## *Soneto 9*

Deixoume sempre em falso , sempre em branco  
Este bem mentiroso, e de corrida ,  
Trazendo o pensamento, o gosto, a vida  
N'hum ligeiro, e continuo falavanco:

Eu esgoto o discurso, a ideia estanco,  
Sem ver onde isto vai: mas quem duvida  
Que tudo he traça pelo Fado urdida  
Para vir me a deitar n'algũ barranco.

E sou tal, que supposto que o fôspeito  
Vou a traz da treição profetizada,  
Sem cautella , sem guia, rumo, ou tino:

Pois estou á cegueira taõ affeito,  
Que inda estando a razaõ em campo armada,  
Sempre a há de vencer o defatino.



*Soneto* 10

Que alegre som, que faz da quella altura  
Este ribeiro em selva, taõ sombria?  
Quem fora taõ feliz, como algum dia,  
Para poder gozar desta espessura?

Porem quem sente hũ mal de taõ má cura,  
Naõ pode ter fabor, nem alegria:  
Maldito seja Amor, que se confia  
Somente no que diz a desventura.

Inda que o meu discurso se conforte  
Com apartarse de meu triste fado,  
Tudo desmancho em vendo esta Serrana:

Tyranna sem razaõ, injusta Sorte,  
Que até deste rigor, deste cuidado,  
Senaõ livre a humildade da Cabana?

*Soneto* II

Quem dissera, pastores, quem dissera,  
Notando de Izabel a formosura,  
Que gerar se podia em tal figura,  
Condição, e desvio de hũa fera.!

Se he que a imagem tomou á branda cera,  
Como o feio imprimiu em pedra dura!  
Em fim isto he castigo, que procura  
Dar o Fado aos curraes da nossa era.

Mas misero de quem todo este pezo  
Lhe caie dentro n'alma, destinado  
A sofrer tanto mal, tanto delirio.

Ai de quem idolâtra o seu desprezo,  
Sem que veja em seu peito espedaçado,  
Mais que a continuação deste martirio!

Soneto 12

Que presume de Amor o aguilhaõ forte  
Trespassar de hum soldado o duro peito,  
Gloria parece igual ao seu conceito  
Que em fim trocou as armas com a morte.

Mas que queira triunfar da mesma forte  
No alvedrio de hú misero fogeito,  
Naõ sei que authoridade, que respeito,  
Consegue nesta acção seo fero cõrte.

Se o brazaõ mais pomposo da victoria  
Foi sempre erguer trofeos, ficando á vista  
A planta taõ feróz, como bizarra;

Que indicio, Amor será da tua gloria  
Pendurares na frente da conquista  
Hum cajado, hum gabaõ, e hua' çamarra?



# 104 A Bucolica, ou

## Soneto 13

Se tenho tédio ao bem , e á vida nojo  
Que mais comigo intenta Margarida?  
E se a alfaia melhor, he bem , e vida ,  
Como inda quer de mim outro despojo?

Se quer desesperarme , eu já me arrojoo  
A morrer , como a coiza mais perdida ;  
Se me quer cativar , que mais unida  
Pode a minha alma estar ao seu antojo?

Para que fatisfaça a ingrata ufura,  
Hei de entregarlhe tudo quanto atento ,  
Desde os foros mais cegos da vontade;

Por ver o que de mim inda proeura ,  
Depois de terlhe dado o pensamento ,  
O bem , a vida , o gosto , a liberdade.

*Soneto* 14

Em quanto destas flores, Ninfa bella,  
Quizeste como a roza ser Rainha,  
Em teu rosto meus malles entretinha,  
Pois mostravaõ comtigo mais cautella.

Atê cuido que a minha infausta estrella  
Poder taõ grande contra mim naõ tinha,  
Que estando a minha choça ati visinha  
Me servias de amparo, e de rodella.

Mas depois que chegaraõ os instantes  
De deixares, sem luz este deserto,  
Sem defeza fiquei, sem patrocínio.

No mesmo estado estou, que estava dantes,  
Pois apenas me vio em descuberto,  
Logo o Fado voltou ao seu dominio.

106 A Bucolica, ou

*Soneto* 15

Ora triste me poem, ora contente  
A traidora inconstancia da ventura ;  
Humas vezes a dita me procura ,  
Outras vezes ma tira de repente :

Já prefumo que o bem me está presente ,  
Já vejo que a distancia o desfigura :  
Ando atraz deste horror , desta loucura ,  
Que em tudo quanto affirma , em tudo mente.

Eu sempre imaginei, que o tosko aprisco  
Se compunha de tal serenidade ,  
Que ignorava da forte o mal tyrano :

Porem nelle inda encontro o mesmo risco ,  
Pois o impulso de tanta variedade ,  
Naõ permite que eu chegue ao defengano.



*Soneto* 16

Desde o meu nascimento a forte feia  
A contender andou sempre comigo:  
Nunca me permitiu tomar abrigo,  
Nem na minha cabana, nem na Aldeia:

Sempre farta de enredos, sempre cheia  
De magoas, trouxe a alma lá comigo:  
Acaba de assentar, pobre Rodrigo,  
Que o teu berço não foi de boa estreia.

Depois de tanto tempo te convida  
Para hum bem, que com míseros enganos  
Logo o tirou o Fado de corrida:

Saiba-se pois, que ainda entre ferranos  
Tem o bem, de hum instante só a vida,  
Tem o mal duraçãõ de muitos annos.

*Soneto* 17

Quem me diz que a ventura favorece  
 Os loucos pensamentos da oufadia,  
 Ignorando do monte a fantesia,  
 A pompa da Cidade o desvanece:

Se a historia de Faetonte não esquece,  
 Nem de Icaro a lembrança se desvia,  
 Como aquelle, que o estrago defasia,  
 Presume que na gloria permanece?

Mas para que estou dando a este intento  
 Exemplos taõ caducos, quando hei sido  
 Desta ruina hum vivo documento?

Os rudos troncos em que fui nacido  
 Bastaraõ a que fosse o atrevimento,  
 Precipitado horror do meu sentido.

Soneto 18

Ao som , que hora aqui faz este ribeiro  
( Já que está o rabel destemperado )  
Cantarei esse bem ; que he já passado ;  
Ouçame o valle baixo , e o alto oiteiro.

Ouçame este penhasco sobranceiro ;  
Ouçaõme as selvas , ouçame o montado :  
E vós tambem me ouvi , doce cuidado,  
Que sois o meu perpetuo companheiro.

Naõ queirais rezistir a estar hú pouco  
Com a vossa attençaõ , vossos ouvidos,  
Escutando estas vozes balbucientes :

Pois se acafo a vóz triste , e o canto rouco  
Naõ vos deixar se quer enternecidos ,  
Ficareis sempre ao menos descontentes.



# 110 A Bucolica, ou

## Soneto 19

Que importa que me acoite este carvalho  
Ou já da chuva grossa, ou calma ardente,  
Se nem este descanzo, que acha a gente,  
Me serve a mim de alivio, ou de agasalho?

Nem hú pouco de sono à sombra qualho  
Por mais froxo que esteja, e mais doente:  
Nem mo basta a chamar o som frequente  
Que me faz o carneiro do chocalho.

Já fui tambem buscar o de hum ribeiro,  
Por ver se em seu remanso vagaroso  
Podia socegar o meu sentido.

Porem pondome a ver nelle primeiro,  
Vi que deixava o pranto caudeloso  
O tormento, e o regato mais crecido.

# Ethica Pastoral. III

## Soneto 20

Eu sou o que vivi nestas montanhas,  
E dellas fui fugindo ao meu destino:  
Por esse Mundo andei sem rumo, ou tino,  
Vi nelle novas gentes, novas manhas.

Porem chegando a ver coizas tamanhas  
Na Cidade, e no monte peregrino,  
Nunca deixei de ver que era mofino,  
Inda em terras taõ longas, taõ estranhas.

Aqui â minha choça, pois me vôlto  
Confuso, cego, e em fim desenganado  
De já poder curar minha tristeza:

Em toda a parte vive o dano solto:  
Pois que importa que mude a gente estado  
Se naõ pode mudar a natureza?

# 112 A Bucolica, ou

## *Soneto* 21

Que valia cruel, que injusto abono  
Tem na minha alma hú triste laberinto,  
Que não sabendo nella o que perfinto,  
Me irrito, me embraveço, me apaixono?

Parece que a razão anda sem dono;  
Para onde quer me traz o meu instinto;  
E sobre tudo emfim o que mais finto  
He perder o descanso, e mais o sono.

Vou deitarme debaixo de hum sobreiro,  
E apenas este mal me vê deitado,  
Não lhe péza huma onça o pé ligeiro:

Com que para a vigia do meu gado,  
Não será necessario ter rafeiro,  
Porque me basta só o meu cuidado.



*Soneto* 22

Naõ sei, em que se funda o pensamento,  
Que pretende alongar a triste vida;  
Sendo coiza taõ feia, e taõ perdida,  
Que he só para a afflicçaõ, para o tormento.

Máhora que ninguem tivesse intento  
De andalla a conservar, se húa ferida,  
Tivesse taõ atróz, o que inda duvida,  
Se acaba, ou eterniza o sentimento.

Bem sei que aquelle a quem nunca de rosto  
Chegou tégora a darlhe a desventura,  
Que viver mais, e mais sempre deseja:

Mas triste do que vive já sem gosto,  
E tanto a mesma vida naõ procura  
Que a vida, que dilata lhe hé sobeja.

# 114 A Bucolica, ou

## Soneto 23

Eu fui na authoridade, e na riqueza  
Hum pastor taõ felíz, que inda acompaño  
Na funesta memoria o objecto estranho  
Da abundancia, do gosto, da grandeza:

Por toda aquella rustica aspereza  
Naõ houve, sem fer meu, algum castanho,  
E igualmente cobria o meu rebanho  
Este campo, este monte, esta deveza.

Hoje tudo naõ só vejo perdido,  
Mas tambem já lá vai o meu socego,  
Taõ prezado no tempo da bonança:

Por louco terei sempre o meu sentido,  
Pois nunca presumio que o fado cego  
Tinha conhecimento da mudança.

*Soneto 24*

Hum corvo sobre aquella fovereira  
Tres vezes tem grafnado, e de improviso  
Encobrio da manhaã o doce riso  
Esta nuvem taõ triste, e taõ grosseira:

Parece, que recuaõ a carreira  
Os rebanhos, perdendo o seu aviso,  
E o vento, sem se ouvir, fica indeciso,  
Entre o loiro matîz da sementeira.

Que intentará fazer a sorte escura?  
Se fallaõ, pois, comigo estes correios,  
Cuido que desperdiça os seus tesouros.

Porque a minha sabida desventura  
He tanto já, sem voltas, nem rodeios,  
Que escusa o comprimento dos agoiros.



# 116 A Bucolica, ou

## Soneto 25

Naõ há dor por mais viva, que ella seja,  
Que o tempo naõ abrande, ou diminua:  
Ou quando leva o gado a forte crua,  
Ou quando tira a fama a dura enveja:

Nunca o dano, ou o mal tanto forceja  
Que naõ console a gente a pena sua;  
Porque nenhuma magoa continua  
Em qualquer crescimento, em que ella esteja.

Só eu confervo sempre este tormento,  
Naõ me saraõ os meios, que procuro,  
Sempre está na garganta a forte espinha:

Naõ val afadigar-se o pensamento  
Em tudo quanto intento, e conjecturo;  
Naõ sei que natureza he esta minha!

*Soneto 26*

Taõ mortal, taõ alheio, taõ transido  
Ando neste rigor, que se me ordena,  
Que o meu corpo parece huma alma em pena,  
Que vaga pelos montes, sem sentido.

Os pastores me encontraõ taõ perdido,  
De taõ pãllida cor, e taõ terrena,  
Que só pelo ranger da minha avena  
He que sou hoje delles conhecido.

Ignoro como a carne quebrantada,  
Se atreve a ter em pê; nem com que loro  
Ou respiro, ou resisto, ou me sustento:

Mas como tenho a vida costumada  
Neste mal; nelle vivo, nelle moro  
E faço delle proprio mantimento.

# 118 A Bucolica, ou

## *Soneto 27*

Este meu taõ gostozo, e alegre prado,  
Esta fonte taõ minha, este arvoredo,  
Quantas vezes aqui me causaõ medo,  
Tantas foraõ meu bem, e meu sagrado:

Naõ que os annos os tenhaõ demudado,  
Que tudo está quieto, manso, e quedo,  
Mas porque a forte quiz que o tempo ledo  
Fizesse em mim o effeito costumado.

O gado, sem remedio, anda perdido,  
A cabana desfella a tempestade,  
Com que o estrago caminha sem detença:

Ando em fim pelos montes foragido,  
Pois temo seja tal a enfermidade,  
Que a todos se lhe pegue esta doença.



*Soneto* 28

He certo de que em mim se tem cumprido  
Ser a patria, naõ Mai, porem Madrasta;  
E he este ingrato influxo de tal casta,  
Que aniquila as porçoens, que há concebido.

Por ella já me vi quasi perdido,  
E naõ fei se inda hoje me contrasta  
Mas tambem nada monta, nada basta  
Para perderlhe o amor, mais o sentido.

Na verdade que bem considerado,  
Este affecto, repugna o trato rudo,  
Que aqui hú homem tem nesta parage.

Muito tem que dever ao humilde estado,  
Se entre as choças, e tráfago miudo  
Encontra huma alma nobre em tosco trage.

*Soneto 29*

Que triste imagem fáz na minha ideia  
A lembrança infelîz daquelle dia,  
Que ao pé deste ribeiro discorria  
Na sua descançada, e manfa veia :

Alli có a maõ na face, e pola areia  
Deitando os longos olhos, divertia  
Aquella taõ mortal melancolia,  
Que me fez auzentar da minha aldeia.

Alli foi, sem o ter imaginado  
O objecto do meu bem, com tanto alento,  
Que mudou o martyrio todo em glorias :

Mas tudo se perdeu ; e o duro fado,  
Naõ sei, levando o meu contentamento,  
Como me quiz deixar estas memorias.

*Soneto 30*

Ribeiro , que dil'corres mansamente  
Que fora já de ti no secco estio ,  
Se com as muitas agoas , que te envío,  
Cabedal não tivera essa corrente:

Mas não só te achará regato a gente ,  
Porem tem esperança de ser rio :  
Que a mina , que sustenta este rocio ,  
Immortal a verás no peito ardente :

Se logreres a caso este respeito ,  
Por amor deste gado , o que te rogo  
He que apartes o giro desta selva :

Se essas agoas são filhas do meu peito ,  
Que deves esperar de tanto fogo  
Senaõ que abraze o campo , e queime a relva?



# 122 A Bucolica, ou

## Soneto 31

Tudo quanto descubro, quanto alcança  
A perturbada luz, a quanto chego  
Nestas margens saudosas do Mondego,  
Tudo assombro me dá, tudo me cança:

Vejo as aves, e o ar sempre em mudança;  
Vejo as penhas, e os troncos sem focego;  
Vejo erguerse, e abaixarse o fundo-pegó:  
De meu mal tudo viva similhaça.

Ou posto na cabana, ou hindo errante  
Pelo mundo buscando o meu perigo,  
Nunca a vida alcançou hum leve assento:

O Fado conheci sempre inconstante,  
Mas em quantas mudanças fez comigo,  
Todas encaminhou para o tormento:

*Soneto 32*

Semea-se a linhaça , corre o estio ,  
Nace , crece , dê flor , e amadurece ;  
Já se arranca , e se ripa , e ao sol se aquece ,  
Abre a baganha , e metese no rio :

Poemse , para enxugar-se , no poufio ,  
Vem a maça , e a grama ; desfalece  
Na trasquinha , e sedeiro ; e inda apparece  
Em estrigas na roca , e logo em fio.

Depois na maçaroca , e na meada ,  
No novello , e na teia ; e finalmente  
Atê manter o fogo na trocida :

Minha tragedia , bem considerada ,  
Quem não dira , Luzia , e mais não mente  
Que isto tudo passei em minha vida ?

## Soneto 33

Ah pastora inimiga, affim a folha  
 Viras contra huâ fé, como esta minha?  
 Por ter o bom de Braz mais huá vinha  
 Intentas o fazer taõ vil escolha?

Confidera infiel, ingrata olha  
 Primeiro a onde o Fado te encaminha,  
 Naõ vás dar ao depois n'alguma espinha,  
 Que te alongue a desgraça, o bem te encolha.

A bonança da forte he mal segura,  
 Nem pode haver descanso, haver firmeza,  
 Senaõ nos privilegios da alma pura:

Cuida pois, se ferá mui boa empreza  
 Trocar pelos haveres da ventura  
 Os dotes, que concede a natureza?



*Soneto* 34

Em fim huma pastora taõ bonita,  
Que ser podia enveja da Cidade,  
A'ffinte quiz perder a liberdade,  
Por vingança, por teima, e rebendita!

O' que mal de huma offensa se desquita,  
Pois contra si voltou a falsidade!  
E isto tendo outro gofsto, ou vontade  
No coração impressã, n'alma escrita.

Quanto esta sem razaõ melhor lhe fora  
Ella nunca fazer, que a pena agudã  
Sempre o peito trará n'huma batalha:

Coitada: que há de vir aquella hora,  
E mais cedo talvez, do que ella cuda,  
Que chorar o feo engano lhe naõ valha.

# 126 A Bucolica, ou

## *Soneto 35*

Deixoute Brites? sim: pois que esperava  
De huma molher a tua fantasia?  
Pouco aviso tens tu, se he que algum dia  
Outra coiza teu sifo imaginava:

Dize tu ora cá: que lhe faltava  
Para ella te fazer essa falsia?  
Naõ tem por natureza ser vasia?  
Pois he certo que tudo lhe iobrava.

Se tu queres tomar o meu conselho,  
Naõ tornes a fazer mais caso della,  
Inda que te prometta ser sifuda:

E para naõ cahires mais no relho,  
Se houver outra, que queira armar costella,  
Faze sempre de conta, que se muda.

*Soneto 36*

Ategora não teve algum Vaqueiro  
Affecto como o meu ; pois a Luzia  
Com tanto afincó amei , que lhe queria  
Muito mais, que ao meo gado, e ao meu rafeiro:

Porem aquelle amor taõ verdadeiro  
Pagou com tal mudança , e tirania ,  
Que sem ver o que a gente lhe diria  
Me trocou por hú triste Pegureiro.

E he de tal qualidade , de tal casta  
Esta minha paixãõ , este delirio ,  
Que para refreiallos nada monta.

Barbara lei de amor ! que não me basta  
Soportar tanta dor ; mas que o martirio  
Inda queira afagar a minha afronta !



# 128 A Bucolica, ou

## Soneto 37

Em hum pequeno alivio tinha eu posto  
Da minha vida a triste segurança ;  
E era só , que o fazer Brites mudança  
Naõ foi sua eleição nem foi seu gosto :

Mas hoje que já traz sereno o rosto ,  
E julgi huma violencia por bonança ,  
Naõ só me fáz perder minha esperança ,  
Mas quer verme acabar neste desgosto!

Ouvintes de meu mal , e dano esquivo ,  
Ahi vos deixa a minha desventura  
Gado , curraes , rafeiros , e apolento ;

Que eu vou por esse mundo fugitivo  
A morrer , onde a minha sepultura  
Se cubra de hum perpetuo esquecimento.

*Soneto 38*

Casar Brites com Gil , grande tormento  
Foi para hum coração , que a amava tanto ,  
Porem lá tinha a dor menos quebranto  
Em presumir , que o laço foi violento:

Mas que pena será , que sentimento  
Que angustia , q̄ pezar , q̄ horror , q̄ espanto,  
Vendo em riso mudar seu triste pranto ,  
Fazendo já fecundo o casamento?

Defenganesse o mais favorecido ,  
Que em genio feminil não há firmeza ,  
Hé tudo huma inconstancia , e variedade:

He Vento , he Lua , he Mar o seu sentido ,  
Não se achando na sua natureza  
Separada a mudança da vontade.

# 130 A Bucolica, ou

## Soneto 39

Praza a Deos , fementida , ao Ceo lhe praza ,  
Que o mal que tu me fazes exprimentes ,  
E antes que chegue hú mez tenhas presentes  
As penas de Taliaõ em tua caza.

A chama , que me queima , e que me abraza  
Eu te veja deitar em ais ardentes ,  
E fique para aviso , e horror das gentes  
Mudado o peito em cinza , ou feito em braza:

E por maior vingança ordene o Fado  
Que as agoas cristalinas do Mondego  
Me apaguem labaredas taõ vorazes :

E vestindo o çurraõ , compondo o gado ,  
E tornando outra vez ao meu focego  
Eu te possa fazer o que me fazes.



*Soneto* 40

Bem me lembra que Gil jogou a barra  
Melhor, que algum Vaqueiro ; e na folia  
Naõ o excedeu alguém , quando a tangia ,  
Ou já na çanfonina , ou na guitarra :

A monteira , as polainas , e a çamarra  
Lhe cubria de neve a manhã fria ,  
E com igual tezaõ o sol sofria ,  
Embebido no canto da Cigarra.

Mas hoje no seu peito a idade enxuga  
O succo juvenil , e delle cobra  
Tributo de cançado , e froxo velho :

A carne se descora , e se enverruga ;  
Porem todo o valor , que teve a obra ,  
Se mudou para a força do Conselho.

# 132 A Bucolica, ou

## *Soneto* 41

Esteja o rico embora vendo o ornato  
Da meza com manjares exquisitos ;  
Tenha trajes , e haveres infinitos ,  
Com grande ostentaçaõ , grande aparato :

Que eu posto aqui ao pê deste regato  
A ver andar faltando os meus cabritos ,  
Ouço ao longe do engano aquelles gritos ,  
Que me servem de exemplo , e de recato.

Mais quero comer broa , alho , ou cebolla  
Ao longo desta placida corrente ,  
Que verme pendurado na tribuna :

Governe quem quizer do Mundo a bolla ,  
Porque nada he melhor estar a gente  
Ca' de baixo da roda da fortuna.

*Soneto* 42

Que alegria maior, que o verme posto  
Neste bem, neste trafego innocente,  
Guardando as minhas cabras entre gente,  
Que não causa perigo, nem desgosto?

Vejo assomar do Sol o claro rosto,  
E depois sepultarte no Occidente:  
Vejo passar, quieta, e mansamente  
O burrifado Abril, o secco Agosto.

Vejo cheios de folha os troncos rudos,  
Vejo emfim deste rio, estas areias  
A suave, e feliz amenidade:

O' santa habitaçã de homens sisudos,  
Sabe que em quanto houver no Mundo aldeias  
Nunca Gil saberã, onde hê Cidade.



# 134 A Bucolica, ou

## *Soneto* 43

Que importa, que me leve a falsa ideia  
A ver outros currais, outros apriscos,  
Senaõ acho lugar de menos riscos,  
Do que a minha cabana, e a minha aldeia?

Aqui onde burrija a clara veia  
Desta fonte os arbustos mais ariscos,  
Aqui entre estas malvas e troviscos,  
Somente o meu discurso se recreia:

Neste monte taõ triste, e solitário,  
Naõ encontro do Mundo aquelle enredo,  
Que tanto me estragou a fantasia:

Fez a usada mudança o tempo vario,  
E conhecer podera, inda mais cedo,  
Os males, e os enganos de algum dia.

*Soneto* 44

Que fora já de mim coitado , e cego ,  
Que fora no que lido , e no que canço ,  
Senaõ me dera alivio este remanço  
A onde só encontro o meu focego ?

Se a forte tem tomado por emprego  
O desmancharme tudo quanto alcanço ,  
Que seria a naõ serem meu descanço  
As cristalinas margens do Mondego ?

O' doce patria minha , suave coito  
De meu gado , meu bem , e meu jazigo ;  
Competi com a longa eternidade :

Em vós he que descanço ; he que pernoito ,  
E em quanto me valer o vossõ abrigo ,  
Soe embora do Mundo a tempestade.

# 136 A Bucolica, ou

## *Soneto 45*

Rompe o Ar hú trovaõ , logo o corisco  
Despede a nuvem negra , e esse penedo ,  
Que impinava a garganta de hú rochedo  
Depois de ser carvaõ , se torna em cisco.

Profegue a tempestade , e o mesmo risco  
Sente o tronco mais forte do arvoredos ,  
E em tanto horror está , sem susto , ou medo ,  
A rustica cabana , e o tosco aprisco.

Este exemplo me faz bulcar a estrada  
Da ruda profissãõ , que brando a ideia ,  
Que intentava andar lá por esse cume :

Aqui ando guardando esta manada :  
Bemdita seja a choça , e mais a aldeia ,  
Que nem inda do raio enxerga o lume.



*Soneto 46*

Quando a tormenta com rumor violento  
Faz tremer inda a torre mais ufana,  
Ao mesmo tempo a rustica cabana  
Firme está, e segura em seu assento:

O despenho feróz do irado vento  
A duraçãõ do cedro defengana,  
E com o mesmo impulso a pobre cana  
Se inclina com suave movimento.

He pois para notar o quanto lida  
Para sempre subir nossa loucura,  
Sem ver a sem razãõ desta vontade:

Se no alto periga a nossa vida,  
Para que andamos a buscar a altura,  
Contistindo o descanso na humildade?

# 158 A Bucolica, ou

## Soneto 47

Seja neto da Lua, do Sol filho  
O inchado cortezaõ, que eu naõ o envejo,  
Em quanto no meu campo a tempo vejo  
Em vages o feijaõ, bargado o milho:

Opprima a eira o malho, calque-a o trilho  
Elle deite o navio ao largo Tejo;  
Enfeite as suas salas de azulejo,  
Que fructos encherám o meu ladrilho:

Coma embora galinhas, e perdizes,  
Que eu na minha choupana baixa, e ruda  
Comerei a manteiga, e broa quente:

E sem os seus regalos, e tapizes,  
Tenho cá para mim, se Deos me ajuda,  
Que viva, como elle, taõ contente.

*Soneto* 48

Pastor das carregadas sobranceiras,  
Mais triste, do que o horror da noite escura,  
Onde trazes a louca conjectura,  
Que tão mal te dispoens, e te aconselhas?

Toma o antigo ditado ás noffas velhas:  
Se a não tens, porque buscas a ventura?  
E mais perdendo já tanta loucura  
O tino da cabana, e das ovelhas?

Deita ao teu pensamento bem a conta,  
E trata de voltar ao teu montado  
A comer com fabor as tuas migas:

O teu grande saber de que te monta,  
Se vemos que não pode o teu cuidado  
Dar á falsa Violante quatro figas?



# 160 A Bucolica, ou

## *Soneto 49*

Sendo Braz taõ affente , taõ maduro  
Como deixa o descanso , que hoje gofa ,  
Elevado de hum ansia cobiçosa  
Vai ser ao Mar Arraez , ou Palinuro ?

Porem vá muito embora , em quanto eu curo  
De outra vida , talvez menos rendosa ,  
Mas posto cá por onde anda a raposa ,  
Mais pobre viverei , mas mais seguro.

Valhate sathanâz por demasia ,  
Que taõ mal os intentos aconselhas  
Dos pastores mais saons da nossa gente :

Trazeslhe sempre á roda a fantesia ,  
Tendo nas laus , e leite das ovelhas ,  
Com que passar a vida alegremente.

*Soneto* 50

Saiba o campo , o arvoredos , o monte , o prado  
Que he este o som , e o canto derradeiro ,  
Que tenho de fazer no meu Psalterio  
Algum dia taõ doce , e taõ prezado :

Aqui o deixo pois , dependurado  
Nos ramos deste rustico salgueiro ,  
A onde possa ouvir o passageiro  
Humas tristes memorias do passado.

Dita ferá , que o tempo o naõ destroce ;  
Que nelle tem de ver seu mesmo giro  
Huma coiza taõ nova , como estranha :

Pois ferido ao rumor do vento doce ,  
Há de ficar fervindo o seu suspiro  
De oraculo immortal desta campanha.

SONETOS PATHETICOS

*Soneto I*

P R E P O S I C , A M

Mortaes : os que viveis no mar sereno  
De hum Ocio , que parece suavidade ,  
Naõ tenhais a infeliz curiosidade  
De veres quanto passo , ou quanto peno :

Fugi de mim , que basta hú leve aceno  
Destá minha fatal calamidade  
Para que a sua mesma qualidade  
Vos sirva de contagio , e de veneno.

Mas se ainda , a pezar do meu retiro ,  
Quereis ver a infosfrível competencia ,  
Que trago com meu proprio desemparo ;

Attendei ás palavras que profiro ,  
Sabereis nos arrojós da cadencia  
A casta de martyrio , que preparo.



# Ethica Pastoral. -163

## Soneto 2

Nem ausências da patria , nem mudança  
De estado , profissão , e natureza ,  
Já mais poderam ver minha tristeza ,  
Sem a sua funesta semelhança :

Ainda que se alenta , e que se cansa  
Do discurso a engenhosa futiliza ,  
Não descobre outro indício , outra certeza  
De me vir outro alívio , outra esperança .

Quanto mais a ventura persuado ;  
Os vestígios do bem entãõ ofusco ,  
Com maior confusão , maior empenho :

Mas para que se afflige o meu cuidado ,  
Se quanto mais a chamo , mais a busco ,  
Mais estou publicando , que a não tenho ?

# 164 A Bucolica, ou

## *Soneto 3*

Entre a furia de males taõ subidos ,  
Que vingança procuro , ou resistencia?  
A vingança ló fundo na paciencia ,  
O despique em meos ais , e em meos gemidos.

Para augmentar a guerra aos meus sentidos ,  
Anda comigo a forte em competencia ;  
E eu curo tanto mal na deligencia  
De em mares ver meus olhos convertidos.

Mas esta naõ he boa medecina ,  
Antes cuido que nella se acrescenta  
O symptoma mortal das ansias graves :

Pois a mesma experiencia nos ensina ,  
Que quando a enfermidade he mui violenta ,  
Naõ se extingue com meios taõ suaves.

*Soneto 4*

A vaã , a cega , a louca fantesia  
Suspenda de huma vez o passo incerto ;  
E rompa finalmente aquelle aperto ,  
Em que geme a infamada cobardia :

Caia o altar , acabe a idolatria :  
Contra o Idolo a peito descoberto  
Se prepare a razaõ , ficando aberto  
Todo o engano da fera tyrannia :

Bem sei que naõ me aparto , sem a injuria  
De me ensinar o mal , por mais que exponha  
Que a violencia me pøs neste perigo :

Porem cesse a paixam , quebrese a furia ;  
E faia já se quer , sem a vergonha  
De estar inda obstinado no castigo.



# 166 A Bucolica, ou

## Soneto 5

Com que ainda não vens desenganado?  
Dizeme pensamento, quem te anima?  
Se algum dia te tive em grande estima,  
Quanto há, que esse tempo he já passado?

Aonde te arrebatava esse cuidado?  
Ai quanto me magoa, e me lastima  
Verte tão contumaz; e isto em cima  
De achares tanto affecto mallogrado.

Pois eu não imagino que haja meio  
De curarte, e cumprir aquelle voto,  
Que he salvaçãõ da dor, e do delirio:

Porque fica, hindo atrás do teu enleio,  
Infame o brio, o juramento roto,  
Publico o estrago, immovel o martirio.

*Soneto 6*

Vendo estou como corre diligente,  
E como de tão longe o impulso atina,  
E como á sua origem se declina,  
Tão ligeiro o cristal desta corrente!

E estando no Oceano já patente  
Para o seu curso a urna cristalina,  
Como busca o seu fim, sua ruina  
Apressado, seguro, e transparente!

Ora sempre cuidei vendo a loucura  
De buscar meo estrago em todo o instante,  
Que eu só tinha huma sorte, tão escura:

A fonte he de meu mal participante;  
E he certo que a mais triste desventura  
Não deixa de ter outra semelhante.

*Soneto 7*

Quem vê desapegar-se lá da esfera  
Exhalado vapor de errante lume,  
Quando despede a chama não presume  
Que para hum largo giro se acelera?

Pois tão pouco em seu curso perlevera,  
Que segundo nos mostra o seu costume,  
Em ligeiro despenho se consume,  
Apenas pelos ares reverbera.

Quem vio também nos orbes da esperança  
Correr meu pensamento, não diria,  
Que o cercava huma eterna segurança?

Pois saibase que achando a mesma via,  
Ficou sendo a mais propria semelhança  
A exalação, da minha fantasia.



*Soneto 8*

Já vem cahindo a sombra, já procura  
Auzentarse da relva o manso gado,  
Já se veste de luto o Ceo, e o prado,  
Já está cheia de horror esta espeffura:

Carregada se mostra, a noite escura,  
Das aves mais sombrias se ouve o brado,  
E ao longe de algum monte despenhado  
Hum ribeiro somente he que murmura.

A modo, que não quer fer perffentido  
Tambem anda, com toda a futiliza,  
O vento pelo bosque denegrado:

Vive o silencio, a treva, a fizudeza:  
Que lugar pois melhor para o sentido  
Fartar huma alma triste de tristeza?

# 170 A Bucolica, ou

## *Soneto* 9

Quem vir a minha vida, e vir meu rosto,  
E souber que não fallo, nem respiro,  
Que nem exalo hum ai, nem hú suspiro,  
N'hum continuo silencio sempre posto:

Que passa o fresco Abril, o secco Agosto,  
Que cumpre o anno seu redondo giro,  
E que em fim deste estado me não tiro,  
sem mostrar pena alguma, algum desgosto:

Cuidará que de bronze, pedra, ou gelo  
se fez meu coração, pois nunca teve,  
Nem pezar, nem angustia, nem desvelo:

E ai d'aquelle infeliz, que sempre esteve  
A formar de seo peito hú Mongibelo,  
Cobrindo o fogo, e ostentando a neve!

*Soneto* IO

Quem não se admira vendo que a rudeza  
De huma penha , das lagrimas , que brota  
Outra penha , cahidas gota , a gota ,  
Chegue em fim a abrandar tanta dureza !

Mas quanto será digno de estranheza  
Maior , quanto de mais subida nota  
Ver estar a hum deluvio , tão remota ,  
Da compaixão , mais nobre natureza.

Quem pois de ouvir assombros se convida  
E este por impossivel o reputa ,  
Venha ver huma coisa , nunca ouvida :

Veja em pedaços feita aquella gruta ,  
Veja de meus suspiros combatida  
Quem nem falla , nem ouve , nem escuta.



# 172 A Bucolica, ou

## *Soneto* I I

Que causa pode haver para que neste,  
Ou noutro qualquer monte, qualquer planta,  
Nunca chegue a alcançar firmeza tanta  
Como se acha no alento do Cipreste?

A sombria esmeralda, que o reveste,  
Nem Dezembro, nem Junho lha quebranta;  
Quando apenas o Inverno se levanta  
Não ha tronco, quem fique a pompa agreste.

Como na gala tem taõ pouco assento  
Hum frondoso Briareo, e como assiste  
N'huma fantasma verde tanto alento?

Estou para afirmar que só presiste  
Por copia da esperança, que sustento,  
Que sempre verde está, sempre está triste.

*Soneto* 12

Se és, ó Lize, na luz, e na pureza,  
Do Ceo taõ semelhante criatura,  
Como tomaste delle a formosura,  
E naõ tomaste delle a natureza?

Se o Ceo tem na piedade mais nobreza,  
Como poens teu brazaõ em ser mais dura?  
Ou destaze a harmonia da figura,  
Ou emenda os estilos da fereza.

Trata pois de attender a quem te adora,  
Que bem sabes que hú bronze perfumado  
Chega a fazer o culto, idolatria:

Se a minha fé as aras condecora,  
Naõ permitas que o voto desprezado  
Passe de ser constancia a ser porfia.

# 174 A Bucolica, ou

## Soneto 13

Gira o Sol, voa a ave, affopra o vento,  
Corre a fera, anda o bruto, pasta o gado,  
Mas todos (cadaqual em feo estado)  
Descanção de feu proprio movimento:

Na fésta o gado, o bruto no sustento,  
Na cova a fera, o vento no ar delgado,  
A ave no feu ninho focegado,  
E o sol no cristalino monumento.

Só na fragoa cruel da minha pena,  
A tado sempre á roda do martirio,  
Nem huma luz do bem-se quer alcanço:

Taõ vehemente fadiga se me ordena,  
Que inda o curso fatal do meu delirio  
Me vexa mais nas horas do descanso.



*Soneto* 14

Hé crível que na esfera do meu peito ,  
Sendo taõ breve , e estando taõ conciso ,  
Caber possa hum Inferno , e hum Paraíso ,  
E nacer de huma causa tanto effeito ?

Apenas de meu mal sobe o conceito  
Fico desesperado , e de improvizo  
Basta ver o final de hum doce riso  
Para deixarme logo satisfeito.

Isto naõ he paixãõ , que a natureza  
Podesse nunca dar , he qualidade  
Totalmente incapaz de hum peito humano :

Acabe pois , o assombro desta empreza ;  
Ou chegue de huma vez a suavidade ,  
Ou venha para sempre o desengano.

# 176 A Bucolica, ou

## Soneto 15

De indultos luminosos adornado  
Foi ocupando o ar gentil loureiro:  
Commovido do vento lisongeiro,  
Era idolo do bosque, e luz do prado:

Eis que encuberto o sol, e o Ceo turbado  
Despedindo hum colerico luzeiro,  
Antes de ouvirse o horror, ficou primeiro  
Todo o brilhante tronco espedaçado.

Vivia; sem já mais ter presumido  
Que o vehemente furor das tempestades  
Lhe causasse taõ funebre mudança:

Quem se pode fiar no promettido,  
Se o proprio juramento das Deidades  
Naõ basta para a nossa segurança?

*Soneto* 16

Quando vejo este alegre passarinho ,  
Prifioneiro entre as maons da falsidade ,  
Que canta com taõ doce suavidade ,  
Tanto contentamento , e tanto alinhõ ;

E tendo muitas vezes o caminho  
Aberto , para a sua liberdade ,  
Torna a buscar o laço por vontade ,  
Mais querendo a prizaõ , que o caro ninho ;

Parece que estou vendo huma figura  
Da minha preza , e louca fantasia ,  
Que nunca deixa o canto lisonjeiro :

E se acafo conhece a desventura ,  
Em lugar de fugir da tyrannia ,  
Vem meterse outra vez no cativeiro.



# 178 A Bucolica, ou

## *Soneto* 17

Doces ribeiras , arvores frondozas ,  
Sombrias selvas , bosques dilatados ,  
Alegres campos , florecentes prados ,  
Praias benignas , margens deleitosas ;

Valles amenos , agoas amorosas ,  
Ninfas gentís , pastores namorados ,  
Auras serenas , páramos bordados ,  
Açucenas , jálmins , goivos , e rozas :

Em fim retrato bello , imagem pura  
Daquella regiaõ , em cuja esfera  
Naõ houve nunca gloria fugitiva :

Que delicia , que gosto , que ventura  
Podera em vos achar se eu naõ tivera  
Sempre o meu coraçãõ em guerra viva ?

Soneto 18

Fugir, ò Lize, de hum rigor impio,  
Naõ he culpa, he preciso movimento,  
Pois como te elegeu o entendimento,  
Naõ pode lisonjear-te o delvario.

He mais illustre o affecto, que o desvio;  
E ao mais nobre se deve o rendimento;  
Como ha pois de vir nunca o pensamento  
Em render a hù desdem hù alvedrio?

E affim, por mais que o peito se quebranta,  
Hei de negar o voto, em quanto queira  
Sogear-me o rigor a liberdade.

Deixa, ò Nynfa gentil, violencia tanta,  
Porque só nos impulsos da cegueira  
Pode divinizar-se a atrocidade.

# 180 A Bucolica, ou

## Soneto 19

Eu já vi esta arvore despida  
Da sua gala verde, e derribada  
Aquella fortaleza, vi turbada  
Esta fonte, e essa flor amortecida:

Porem passou o tempo, e está vestida  
Essa planta, esta torre levantada:  
Outra vez a corrente, pratejada,  
Outra vez a açucena renascida.

Foraõ em tudo, pois, taõ semelhantes,  
Que pareciaõ ser da mesma esfera;  
Do mesmo influxo, e luz participantes:

Quem taõ feliz mudança merecera,  
E deixando de ser o que era d'antes,  
Nunca tornasse a ser quem d'antes era!



*Soneto 20*

Trabalha o Lavrador com a esperança  
No fructo da seara , o jornaleiro  
Com o tino na paga , e o passageiro  
Attende ao fim da tarde , em que descança :

Por amor do triumpho esgrime a lança  
Na campanha o colerico guerreiro ;  
E entre o horror da borrasca , o marinheiro  
Fita os olhos no dia da bonança.

Quando trabalha , pois , quando periga ,  
Ou no campo , ou no mar , ou na peleja ,  
Tem certeza que o premio se lhe figa :

E só minha desgraça he taõ sobeja ,  
Que tem disposto a forte , que a fadiga  
Na mesma desventura sempre esteja.

# 182 *Air Bucolica, ou*

## *Soneto 21*

Pode haver taõ violento, efcuro fado,  
Como o daquelle insecto, que alli anda,  
Que ronda o fogo de huá, e de outra banda  
Para verfe nas chamas abrazado?

Elle procura o influxo desgraçado  
Daquella estrella incognita, que o manda;  
Pois sabendo que acaba na demanda,  
Se precipita ao termo destinado:

Hé na verdade horror, aonde o alento  
Se congela, e esmorece, e perde o norte  
O mais grave, e fífudo pensamento:

Mas que affombro será de maior porte  
Ver buscar a quem tem entendimento  
O feu misero fim da mesma forte?

*Soneto 22*

De não verte mil vezes determino  
O' Lize; e tu que fables o meu feio  
Andas logo buscando algum enleio  
Para tirarme d'isto, em que imagino.

Deixote: tu me segues; volto ao tino;  
Tu foges: se procuro que haja meio  
Neste mal, vás entaõ pelo rodeio,  
Com que ando em huma roda de continuo

Mas se no mesmo circulo dilatas  
A propicia eleição, que desfiguras,  
No modo de inquietarme; me socegas:

Pois inda que fogirme agora trataas,  
Eu bem fei que no giro, que procuras  
Quanto mais te retiras, mais te chegass.



# 184 A Bucolica, ou

## *Soneto 23*

Se eu não tivera, o Lize a experiencia  
De ser fragil a tua segurança,  
Esta fora a occasião, em que a esperança  
Ter podia os seguros da clemencia.

Mas o cançado alento da paciencia  
Teme a tormenta já, como a bonança;  
E agora muito mais, porque a mudança  
Preparandose está no mar da auzencia.

Eu delle muitas vezes hei sahido  
Pegado de huma taboa, sem memoria  
De furgir em lugar de salvamento:

Se torno á tempestade sou perdido,  
Pois a minha fadiga he tão notoria,  
Que a não acho capaz de vencimento.

*Soneto 24*

Eu estive nos braços da ventura ,  
Mas , apenas me vi nesta grandeza ,  
Fui ao ponto mais fundo da tristeza ,  
Pela indigna traição da formosura.

Agora entre o horror da sorte escura  
Apparece huma luz de outra fineza ;  
A'manhã mudará de natureza ,  
E ao depois terá nella a mesma dura.

Prompta sempre a mudar-se de continuo ,  
De tal modo arruinou minha esperança ,  
Que estou para chamarlhe desatino.

Pois consistindo o bem na segurança ,  
He tão extravagante o meu destino ,  
Que só tem a firmeza na mudança.

# 186 A Bucolica, ou

## *Soneto 25*

Já pâra o rio o curso arrebatado,  
Poemse o ar mais sereno, e mais aberto,  
Povoase de brutos o deserto,  
Alegrase o arvoredos carregado:

Abaixase o oiteiro levantado,  
Este campo se vê todo coberto  
De rosas, jasmins: final hé certo,  
Que vem chegando Lize ao verde prado:

Porem se no insensivel se exprimenta,  
Com taõ extranho effeito, o doce influxo  
De seu rosto, inda apenas per sentido;

Que prodigios, que victimas, intenta  
O activo resplendor de seu debuxo  
Em quem tiver razaõ, e mais sentido?



*Soneto 26*

De que chama immortal , de que luz pura  
Descende , o' Lize , o incognito motivo  
De dar alma a hú penhasco insensitivo ,  
E tiralla a huma viva criatura ?

Apenas de taõ rara formosura  
Passa o raio cruel , e fugitivo ,  
Perde a vida o alento , e fica vivo  
O bronze , o ferro , o tronco , e a penha dura.

Mas se tens hum poder taõ soberano ,  
Emprega essa Deidade esclarecida ,  
N'hum tronco naõ , que o beneficio ignora :

Banha de resplandor o peito humano ;  
Que he melhor , do que a hú bronze , dar a vida  
A quem paga o que alcança no que adora.

# 188 A Bucolica, ou

## *Soneto 27*

Naõ sei que novo horror dentro em meo peito  
Inopinadamente hoje fabrico ,  
Que a cada instante alento , e multiplico  
A varia confusaõ de meu conceito.

Escolho aquillo mesmo , que regeito ,  
Lisonjeo o que proprio mortifico ,  
E confundindo tudo quanto explico ,  
Desprezo , adoro , fujo , e me fogeito.

Neste confuso affombro se organiza  
Hum enredo cruel , que perpetuo ,  
Sem de alivio chegar hú breve instante :

E o que mais me consome , e martyriza ,  
He desmentir na ansia , em que fluctuo ,  
A tristeza mortal do meu semblante.

*Soneto 28*

Divinos olhos, onde o pensamento  
De balde tanta luz sondar procura;  
Pois sendo a vossa cor da noite escura,  
Tendes do claro dia o luzimento.

Que naufrago suspira o entendimento  
Nos effeitos da vossa formosura,  
Pois mil vezes duvida a conjectura  
Se fois a minha gloria, ou meu tormento!

Mas seja alivio, ou ansia o que se ordena  
No vosso resplandor, sempre a vangloria  
Me eleva á confusão deste delirio:

Aonde se achará taõ nova pena,  
Que saiba destilar a minha gloria  
Das duvidas crueis do meu martyrio?



# 190 A Bucolica, ou

## Soneto 29

Que inaudito poder, que divindade,  
O' Lize, me arrebatava a fantasia,  
Que celebrou o rigor, e a tyrannia,  
Como primeiro objecto da vontade?

Eu soborno a traição, douro a impiedade,  
Applaudo o desalento, e a cobardia;  
E ajoelhado no altar da idolatria,  
Perco a razão, desprezo a liberdade.

Porem no mesmo assombro estou rendido,  
Sem saber para onde o meu cuidado,  
Pertende violentar o meu sentido:

Triste delirio, lastimoso estado  
Pois a mesma evidencia de perdido,  
Me acrescenta a cegueira de obstinado!

*Soneto* 30

Aonde, aonde a minha natureza  
Poderá sepultarse? Em que retiro,  
Taõ triste me acharei, que o que respiro  
Nem o faiba do vento a sutileza?

Em que horror, em que centro, em q̃ aspereza  
Deitarei os accentos, que profiro?  
Em que parte do Mundo o meu suspiro  
Se fartará de sombra, e de tristeza?

Aonde encontrarei alguma nova  
Solidão, em que fique satisfeito,  
Fazendo de meu mal a maior prova?

Mas que anda procurando o meu conceito,  
Senaõ posso encontrar mais funda cova,  
Do que o feio medonho de meu peito?

# 192 A Bucolica, ou

## Soneto 31

Quando com minha ideia só me ponho,  
Recordando memorias de algum dia,  
Ou cuido que me engana a fantasia,  
Ou parece que foi coiza de fonho:

Affim no que passei, no que disponho  
Entendo que o discurso desvaria,  
Pois inda de esperanças se confia  
Em estado taõ triste, e taõ medonho.

Mas elle há de acabar com este engano,  
Que o concurso mortal do sentimento,  
Há de encher a constancia do seu dano:

O' venha a angustia já deste tormento;  
Por ver, se inda sou tal, que o desengano  
Chega a verme amarrado ao sofrimento.



# Ethica Pastoral. 193.

## Soneto 32

Melindroso jazmim, candido ensaio  
Do risonho verão, mimo de Flora;  
Formado do candor da bella Aurora,  
Para aroma do Sol, e luz de Maio.

Que importa blazonar de seres raio  
Dessa estancia gentil, que te enamora,  
Se apenas vida tens de hũa só hora,  
E trazes no teu nome o teu desmaio?

Contenta-tê com ser imagem viva  
Da gloria temporal; e hũa figura  
Do estrago, que dispoem a Sorte esquiva:

Tambem eu alcancei tanta ventura;  
E mais foi taõ ligeira, e fugitiva,  
Que achou no proprio berço a sepultura.

# 194 A Bucolica, ou

## Soneto 33

VeZ como aquella fonte , e este arvoredô  
Era algum dia todo o meu regallo ,  
E como me dá hoje hũ grande aballo ,  
Me entristece , me afflige , e mete medo !

Porem este mysterio , ou este enredo  
Naõ poderá ninguem adevinhallo ,  
Só aquelle , que foi de amor vassallo ,  
He que pode alcançar este segredo

Em fim no estado estou mais lastimoso ,  
Com tristes pensamentos combatido ,  
Sempre afflicto , inquieto , e cuidadoso :

Mas engolfese embora o meu sentido ,  
Que oxalá ser podesse taõ ditoso ,  
Que acabasse em memorias consumido.

Soneto 34

Que intentas já comigo , ò Sorte escura ,  
Se me tens taõ rendido , e taõ cobarde ?  
Que faz o teu rigor , com tanto alarde  
Contra quem defenderse naõ procura ?

Se chagada me tens a alma pura ,  
Se em chamas immortaes meu peito arde ,  
Se naõ há pena , ou mal , que naõ me aguarde,  
Que mais queres da minha desventura ?

Mas em fim se hé teu gosto que o tormento  
Forme em mim todo o funebre apparatus ,  
Seja embora , e confegue as tuas glorias :

Achryssolla a afflicçaõ do pensamento ,  
Que eu te concedo tudo de barato ,  
Com tanto que me deixes as memorias.



*Soneto 35*

Eu naci para ser continuo emprego  
Da tua furia atróz, Fado inimigo,  
Tens apostado já de ser comigo -  
Mais duro, mais cruel, mais impio, e cego:

Trazes-me n'hum mortal defassocego,  
Sobre mim está sempre o teu castigo,  
Achando sempre o horror, sempre o perigo  
Na tormenta infelíz, em que navego.

Andas sempre advertindo, e excogitando  
como hás de executar na minha ideia  
A tua costumada tyrannia:

Naõ sei para que assim te estás cansando,  
Se para convocar a morte feia  
Basta só minha triste fantasia.

*Soneto 36*

Nem hora , nem instante , nem minuto  
Deixa de estar comigo o meu cuidado ,  
Lembrandome as imagens do passado ,  
De que recebo já taõ pouco fruto :

Por isso meu pezar taõ dissoluto  
Se vai pondo no peito lastimado  
Que me finto entre a gente envergonhado  
De se ver o meu rosto nunca enxuto.

Taõ costumado estou á pena triste ,  
Que a unica paixãõ , que me tempera ,  
Hê a ansia mortal do meu segredo :

E este pezar comigo tanto assiste ,  
Que se acaso algum bem me acontecera ,  
Cuido , que inda do bem tivera medo.

# 198 A Bucolica, ou

## Soneto 37.

Quem vir continuamente produzido  
Dos olhos hum diluvio, e o raio acezo,  
Em que arde o coração; quem vir o pezo,  
Com que se move o corpo descahido:

Quem vir o pensamento conduzido  
Pela etherea regiaõ, porque hú desprezo  
Me tem cego, cativo, morto, e prezo,  
Que terá vacilado, ou discurrido?

Dirá que a elemental voracidade,  
Com violento furor, em mim se encerra,  
E assim he, visto o mal, em que me afogo:

Eu vivo em toda a sua qualidade;  
Tenho naideia o Ar, no corpo a Terra,  
O Mar nos olhos, e no peito o Fogo.



*Soneto* 38

O Fado rigoroso , a Sorte escura  
Tenho visto em meu dano sempre áleria ;  
Hum empenhado , a outra descuberta  
Se oppoem contra os alentos da ventura :

Toda a sua insolente conjectura  
Com o meu sentimento se concerta ;  
E para ter ao estrago a porta aberta ,  
Inda o antigo bem me desfigura.

Mas em tanta desgraça , esta ferida ,  
Que está no coração , maior alento  
Recebe com se ver mais combatida :

E assim na força atróz deste tormento ,  
Em lugar de se achar extincta a vida ,  
Fica mais apurado o sofrimento.

*Soneto* 39

Que importa neste horror, que a ideia espanta  
Que busque meu pezar novos retiros?  
Que importa que os meus ais, e meus suspiros  
Me fiquem congelados na garganta?

Que importa que desminta a torpe planta  
O tremulo progresso dos seus giros?  
E que o meu coração suporte os tiros,  
Com tanta sumiſſão, paciencia tanta?

Que importa tresladar a pena dura  
Ao mais fundo do peito, e o meo desgosto  
Cubrillo com a capa do deſejo?

Que importa, em fim, mentir quanto me apura,  
Se no pálido aſſombro de meu roſto,  
Se eſtá vendo a batalha, em que pelejo?

Soneto 40

Supposto que a memoria sepultada  
Em medonhas imagens apparece,  
Inda ao longe a esperanza permanece  
De hũas ligeiras sombras adornada:

Ver como a Sorte astuta anda empenhada  
Em fingirme o que logo desvanece!  
Mas na minha experiencia, que a conhece,  
Fica a sua destreza mallograda.

Ella cuida que enreda o meu sentido  
Em me encobrir o horror, dourarme o dano,  
Pondo-me por negaçã, hũ bem fingido:

Que pouco alcança em mal taõ deshumano,  
Pois tendo-a tantas vezes conhecido,  
Naõ sei para que he andar com este engano.



# 202 A Bucolica, ou

## Soneto 41

Neste profundo abismo, em que me encanto,  
Em que peno, em que ardo, e me consumo,  
Que tenha já remedio não presumo,  
Vista a ansia mortal do meu quebranto:

Tudo buscado tenho: o templo santo  
Do Desengano adoro, e mais perfume,  
E inda que abraze a offerta, e suba o fumo,  
Fico no mesmo horror, no mesmo espanto:

Tambem já intentei o desafogo  
Da fonte de meus olhos, que a não veda,  
Nem proprio dano, nem alheio rogo:

Mas que importa que a ansia assim proceda,  
Se he tão especial de amor o fogo,  
Que em lagrimas sustenta a labareda?

*Soneto 42*

Tu me deixaste, ò Lize, e vens agora,  
Sabe Deos, se cruel, ou se benina,  
A alegrar esta margem cristalina,  
Qual o faz, com seu riso, a bella Aurora:

Mas por mais que a minha alma te enamora,  
Naõ sei que ansia mortal, que dôr malina  
Acho na tua vista peregrina,  
Que a sente o coração, e o peito a ignora.

Inda que o pensamento lhe resiste,  
Mais se requinta entã a impaciencia,  
Mais me cerca o pezar, e o horror me assiste:

Vê que paixãõ terei nesta violencia,  
Quando chega esta pena a ser taõ triste,  
Que antes quizera o mal da tua auzencia?

# 204 A Bucolica, ou

## *Soneto* 43

Trouxeme a tal miseria a Sorte dura,  
Que quem considerar minha tristeza,  
Saberá que não tem a natureza  
Mais molesta, e enfadonha criatura:

Mas que intenta esta infame, ou que procura  
Nateima de tão barbara vileza,  
Se já me poz na ultima baixeza  
Do mais profundo horror da desventura?

Eu cuidava que vendo o meu quebranto  
Perdesse esta tyranna o vil desejo  
De fazerme a importuna companhia;

Mas ella inda comigo lida tanto,  
Que no estado infeliz, em que me vejo,  
Cuido que valho mais, do que entendia.



*Soneto* 44

Quem se vio da Fortuna taõ mimoso,  
E hoje se acha em horror taõ inclemente,  
Como pode mostrar-se indifferente,  
Por mais firme que seja, e generoso?

Este mal, este tempo lastimoso,  
Havendo tanta gloria antecedente,  
Para por-me na angustia mais vehemente,  
Foi astucia do Fado rigoroso.

Consulte cada qual a intelligencia,  
E verâ se inda as forças do diamante  
Se rendem desta sorte combatidas?

Ou tire á minha vida a consequencia,  
Contemplando na scena de hú instante,  
Tantas ditas em magoas convertidas.

## Soneto 45

Se na ansia perpetua , em que me canso ,  
 Chegara a aborrecer meu sentimento ,  
 Inda podia ter algum intento  
 De ver se quer ao Fado o rosto manso:

Mas nem discorro , nem taõ pouco alcanço  
 Como devo tratar o meu tormento ;  
 Que he taõ louco meu triste pensamento,  
 Que na magoa he que encontra o seu descanso.

Em fim todo o cuidado dissoluto  
 Se engolfa neste misero conflito ,  
 Sem merito fazer, nem tirar fruto :

Eu fou da lei de Amor hú tal precito ,  
 Que por mais , que os desmanchos executo  
 Naõ posso arrependerme do delito.

*Soneto* 46

Invente a Sorte , invente em meos ardores ,  
Invente em meu pezar tragedia nova ;  
Faça de meu alento a maior prova ,  
Com nova prevençã novos horrores :

Toda a chusma inclemente dos rigores  
Granize a desventura , o Fado chova ;  
E contra mim os círculos remova  
A maquina dos orbes superiores :

Ponha em fim no mais horrído quilate  
Da miseria a constancia de meo peito ,  
Apure a sem razã , solte o delirio :

Arruïne , consuma , desbarate ,  
Que nunca ha de fazer , que em meo conceito  
Deixe de ser glorioso o meu martirio.



# 208 A Bucolica, ou

## Soneto 47

Certo, que quem me vir nesta ruína,  
Em que me pôz o horror da minha estrella,  
Naõ ha nunca de crer, que eu tive nella  
Ditoso influxo de húa lúz benina:

Porem da mais esplendida officina  
Fui já taõ venturosa centinella,  
Que o prevenido alento da cautella  
Girou por toda a esfera cristalina.

Mas tudo foi, tyranno pensamento,  
Que lá no seu dil curso astucioso  
Ordenou o rigor do injusto Fado:

Pois quem duvida fer o seu intento  
Fazer-me tantas vezes venturoso,  
Por me ver tantas vezes desgraçado?

*Soneto* 48

Deste empinado , e rustico penedo  
Que alegre vista offrece o tempo manso !  
Quem podera gozalla com descanso !  
Porem tudo me afflige , e mete medo :

Affligime a alegria do arvoredos ,  
Entristeceme o rio em seo remanso.  
E com a mesma noite até me canso ,  
Porque começa tarde , e acaba cedo.

Mas sobre tudo em fim o que convida  
Para a tristeza mais a minha historia ,  
He pôr o pensamento nesta altura :

Pois vendo aquelle fundo , e esta subida ,  
Sempre tenho gravado na memoria  
Onde estive , e onde está minha ventura.

# 210 A Bucolica, ou

## *Soneto* 49

Ninguem estranhe a furia , e mais o arrojo ,  
Com que sempre me lanço ao precipicio ,  
Porque isto não hê mais , que hú leve indicio  
Da causa , em que me irrito, e em que me enojo:

Só podera faciar o meu antojo  
ver acefo em funesto sacrificio ,  
Até d'alma o mais intimo resquicio ,  
Servindo ao Desengano de despojo :

Por ver se se fartava a dura Sorte,  
Vendo já destroçado o peito infaulto ,  
Deste objecto infelíz do seu emprego :

Pois inda que estallasse á pena forte ,  
Ao menos dar podia este holocausto  
Novo appellido ás agoas do Mondego.



*Soneto 50*

Já me auzenta meu proprio defatino :  
Aqui pois deixarei a minha historia ,  
Porque a todos , em fim , seja notoria  
A magoa, em que me enleio , e em q̄ me obstino:

Errante , solitario , peregrino  
Do Mundo apagarei toda a vangloria ,  
Para que fique impressa na memoria  
A violencia mortal do meu destino.

Pelo rio infeliz , onde a esperança  
Deixa o giro velôz do pensamento ,  
Segura passará minha lembrança :

Indelevel será meu sentimento ;  
Porque para os effeitos da mudança ,  
Naõ me pode valer o esquecimento.

Libro 2o

In meo ingenio non proprio distinctio  
Ad quod pertinet a modo loquendo  
Forte dicitur, in hoc, quod dicitur in  
A modo, in quibus dicitur in distinctio

Etiam, solutio, tempore, et in  
Loquendo, quod dicitur in distinctio  
In quibus dicitur in distinctio  
A violenta dicitur in distinctio

Plo in infirmitate, dicitur in distinctio  
Dicitur in quibus dicitur in distinctio  
Dicitur in quibus dicitur in distinctio

Indole, in quibus dicitur in distinctio  
In quibus dicitur in distinctio  
In quibus dicitur in distinctio

# ERRATAS

## PROLOGO

Pagin.	Regr.	Erratas	Emendas
1	22	Theverito	Theocrito
2	11	Hespanhas	Hespanha

## LIVRO

Paginas	Verfos.	Erratas	Emendas
11	29	que cá hum homem	que cá homem
ibid.	33	que o homem	que homem
16	51	O' barqueiro onde vas?	O' barqueiro aonde vas?
ibid.	64	a panha	a penha
35	66	quanto mais q̄ aproveita	quanto mais q̄ me aproveita
41	6	Cilo chega	eilo chega
ibid.	14	de nós sermos	de naõ sermos
42	17	e sabes se por ventura	e sabe-se por ventura
63	6	inda que o pobre	inda que pobre
65	62	tem os	temos
68	21	diz q̄ há hũ olio, q̄ se pega	diz q̄ há olio, que se pega

Na pagina 73 vers. 23 está o verso seguinte

De drogas, e pedraria, prata, e oiro

e há de ser deste modo

De drogas, prata, e oiro, e pedraria

Paginas	Verfos.	Erratas	Emendas
78	12	descuberto	descoberto
104	10	atento	alento
105	13	descuberto	descoberto
113	7	o q̄ inda duvida	q̄ inda duvida
125	14	que chorar o seu engano	q̄ chorar seu engano
132	13	he melhor estar	he melhor, que estar
164	10	ante	antes
166	8	mallogrado	mallogrado !
171	10	natureza.	natureza ?
186	7	de rosas, jasmims	de rosas, e jasmims
188	10	perpetuo	perpetúo
ibid.	13	fluctuo	fluctúo

Da pagina 136 se devia proseguir o num. 137 e se proseguio 157 erro de 20 numeros, que se continuou athé o fim deste Livro.



# ERRATA

PRINTED

Page	Line	Description
1	1	...
2	1	...
3	1	...
4	1	...
5	1	...
6	1	...
7	1	...
8	1	...
9	1	...
10	1	...
11	1	...
12	1	...
13	1	...
14	1	...
15	1	...
16	1	...
17	1	...
18	1	...
19	1	...
20	1	...

Page	Line	Description
21	1	...
22	1	...
23	1	...
24	1	...
25	1	...
26	1	...
27	1	...
28	1	...
29	1	...
30	1	...
31	1	...
32	1	...
33	1	...
34	1	...
35	1	...
36	1	...
37	1	...
38	1	...
39	1	...
40	1	...

Printed and Published by ...

